

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

RODRIGO DOS SANTOS DANTAS DA SILVA

**O CORDEL CAPIXABA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: PRÁTICAS
DIALÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

VITÓRIA

2021

RODRIGO DOS SANTOS DANTAS DA SILVA

**O CORDEL CAPIXABA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: PRÁTICAS
DIALÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Mestrado Profissional em Letras/Profletras – Ifes – Campus Vitória.

Orientador(a): Prof. Dr. Vanildo Stieg

VITÓRIA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S586c Silva, Rodrigo dos Santos Dantas da.

O cordel capixaba no ensino fundamental II : práticas dialógicas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa / Rodrigo dos Santos Dantas da Silva. – 2021.

121 f.: il. ; 30 cm.

Orientador: Vanildo Stieg.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Vitória, 2021.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura de cordel brasileira . 3. Escrita – Estudo e ensino. 4. Dialogismo (Análise literária). 5. Literatura infantojuvenil. 6. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Stieg, Vanildo. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21: 372.4

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG - 3116

RODRIGO DOS SANTOS DANTAS DA SILVA

**O CORDEL CAPIXABA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: PRÁTICAS DIALÓGICAS
DE LEITURA E ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 22 de abril de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA



Doutor Vanildo Stieg
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Orientador

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)



Doutor Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)



Doutora Eudma Poliana Medeiros Elisbon
Secretaria da Educação do Espírito Santo - Sedu-ES
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)



Doutora Regina Godinho de Alcântara
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)



Doutor Luciano Novaes Vidon
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

RODRIGO DOS SANTOS DANTAS DA SILVA

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da; STIEG, Vanildo. **Caderno Pedagógico**: "E aí? No Espírito Santo tem cordel?" Vitória: Ifes, 2021. 49 p. (E-book).

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 22 de abril de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA


#1

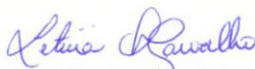
Doutor Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


#1

Doutora Eudma Poliana Medeiros Elisbon
Secretaria da Educação do Espírito Santo - Sedu-ES
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


#1

Doutora Regina Godinho de Alcântara
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


#1

Doutor Luciano Novaes Vidon
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

Aos meus pais, Ana e Mazinho, por me darem o privilégio de saber o que é ter um pai e ter uma mãe. Gratidão para sempre!

*“Ser significa ser para o outro, e, através dele,
para si.”*

(Mikhail Bakhtin)

*“(...) Repare que minha vida
É deferente da sua
A sua rima polida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo e nem arte
A minha rima faz parte
Das obra da criação...”*

(Patativa do Assaré)

*“A escola precisa, com regularidade, levar esses
textos para sala de aula. A cultura popular tem
vitalidade e riqueza de experiências. Privar os
alunos de seu conhecimento é empobrecê-los
cada vez mais.”*

(Helder Pinheiro)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Zambi e Pai Oxalá, que abriram os caminhos para que eu pudesse passar e a Casa Espírita Macaia por todo carinho, proteção e equilíbrio nesse período de estudo!

Agradeço aos meus pais, Ana e Mazinho, que me acolheram independentemente de minhas escolhas; aos meus irmãos, Ana Júlia e João Vitor, que mesmo mais novos, são exemplos de filhos e irmãos que eu jamais poderei ser; às minhas queridíssimas tias: Mazé, Toinha e Dodora – que, mesmo de longe, me apoiam.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Vanildo Stieg, super fofo e com olhar atento a nossa pesquisa. O senhor é fantástico, obrigado por verbalizar aquilo que muitas vezes eu não conseguia dizer. Gratidão pela credibilidade de sempre.

Agradeço ao corpo docente do Programa de Mestrado Profissional em Letras/ Profletras: vocês me transformaram, enquanto professor, ao mostrarem a importância do ecoar da minha voz pelo mundo. Gratidão, depois do Profletras muitas amarras e inseguranças serão quebradas.

Às bancas de Qualificação/ Defesa pela leitura compenetrada de nossa pesquisa, assim como as contribuições para que ela possa ficar melhor e mais alinhada.

Agradeço aos meus colegas de mestrado: profissionais fantásticas, que tanto me ensinaram – espero não me perder de vocês!

Agradeço ao grupo de pesquisa Literatura e Educação (Ufes/ CNPq) pelas discussões nessa interface entre ensino de literatura e ensino, as quais me abriram muito os olhos.

Agradeço aos meus amigos que o chão da escola me deu: Aline Suave, Andressa Takao, Guilherme Cazé Glaber, Hayanne Hoffman, Laiana Meneguelli, Sandra Rosa, Verônica Freitas e Willian Timóteo.

Agradeço aos amigues de sempre, almas queridas: Bruce Pontes, Elaine M, Fran (cisca) Almeida, Lidiane Tranco, Micheli Souza, Roney Ribeiro, Tamiris Aparecida e Simone Reis Saldanha – vocês moram no meu coração, inclusive aqueles que a distância nos emprenha ou pouco vejo e falo, amo vocês!

RESUMO

Nesta pesquisa almejou-se descobrir/discutir se é possível desenvolver nas aulas de língua portuguesa, por meio de movimentos dialógicos, práticas de leitura e escrita motivadas no cordel capixaba. A literatura de cordel é um patrimônio imaterial brasileiro que se fundamenta na expressão literária popular, de origem lusitana/ europeia que chega ao Brasil no período de colonização, na região do Nordeste, mas que consegue migrar para outras regiões, e chega ao estado do Espírito Santo, no século XIX – estabelecendo sua forma e preceitos estéticos. Os movimentos investigativos deste trabalho se deram a partir de uma prática de pesquisa-ação colaborativa e de caráter qualitativo com estudantes do Ensino Fundamental II, oriundos de uma escola da rede de estadual de ensino, em Vila Velha/ES. Ademais, acompanham-se à fundamentação teórica conceitos de Dialogismo e Enunciado concreto – defendidos por Bakhtin e seu Círculo, assim como intelectuais que se aprofundaram nessas categorias: Brait (2005), Bubbnova (2013), Geraldi (1997) e Souza (1999); também foram trazidos intelectuais como Abreu (1999), Pinheiro (2018) e Silva (2011) para tratar de estudos da literatura de cordel no país e entendê-la enquanto um gênero discursivo vivo e potencializador de uma gama de sentidos. Buscou-se com os procedimentos teórico-metodológicos citados e os resultados da investigação, produzir um Caderno Pedagógico para que o mesmo venha contemplar as categorias bakhtinianas supracitadas, para que o mesmo seja potencializador de um trabalho de ensino de linguagem/ literatura, a partir de um viés dialógico, enunciativo-discursivo, com cordéis produzidos no Espírito Santo; além de dar voz àqueles/ as que fizeram poesia em cordel com tempero capixaba.

Palavras-chave: Cordel Capixaba. Leitura. Escrita. Dialogismo. Enunciado Concreto.

ABSTRACT

This research aimed to discover / discuss whether it is possible to develop in Portuguese language classes, through dialogic movements, motivated reading and writing practices in the capixaba cordel. Cordel literature is a Brazilian intangible heritage that is based on popular literary expression, of Lusitanian / European origin that arrives in Brazil during the colonization period, in the Northeast region, but that manages to migrate to other regions, and reaches the state of Espírito Santo, in the 19th century - establishing its form and aesthetic precepts. The investigative movements of this work took place from a collaborative and qualitative action research practice with elementary school students, coming from a state school, in Vila Velha / ES. In addition, the concepts of Dialogism and concrete Statement accompany the theoretical foundation - defended by Bakhtin and his Circle, as well as intellectuals who have deepened in these categories: Brait (2005), Bubbnova (2013), Geraldi (1997) and Souza (1999) ; intellectuals such as Abreu (1999), Pinheiro (2018) and Silva (2011) were also brought in to study studies of cordel literature in the country and to understand it as a living discursive genre and enhancer of a range of meanings. With the aforementioned theoretical-methodological procedures and research results, we sought to produce a Pedagogical Notebook so that it comes to contemplate the aforementioned Bakhtinian categories, so that it may enhance a work of teaching language / literature, from a dialogical, enunciative-discursive bias, with strings produced in Espírito Santo; besides giving a voice to those who made poetry in cordel with capixaba seasoning.

Keywords: Cordel Capixaba. Reading. Writing. Dialogism. Concrete Enunciation.

SUMÁRIO

1 FAZENDO ESPÍRITO: INSTIGAÇÕES INICIAIS DA PESQUISA.....	13
2 ARRUDEANDO COM OS PARES.....	19
3 GARREI LER.....	24
3.1 CORDEL: UM ENUNCIADO CONCRETO.....	27
3.2 DIALOGISMO E A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: PRODUÇÕES HÍBRIDAS.....	33
3.3 O CORDEL NA BNCC E A SUA AUSÊNCIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUDAMENAL.....	41
4 CAPIXABANDO: A LITERATURA DE CORDEL DO NORDESTE AO ESPÍRITO SANTO.....	51
4.1A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL.....	51
4.2 A LITERATURA DE CORDEL NO ESPÍRITO SANTO.....	54
5 XILOGRAVURA DA PESQUISA.....	68
5.1. CONTEXTO DE PESQUISA E SUJEITOS PARTICIPANTES.....	73
5.1.1 Relato da experiência prática.....	74
5.2 ATIVIDADES DIALÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA EMBASADAS NO CORDEL CAPIXABA.....	86
5.3 PRODUTO EDUCACIONAL: PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO.....	95
6 ENCERRANDO A PROSA E POCANDO FORA.....	98
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES.....	106
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTES)	107
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORAS)	108
APÊNDICE C – REGISTROS DAS RODAS DE LEITURA ON-LINE.....	119
APÊNDICE D – ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTO POSTADA NA PLATAFORMA ESCOLAR.....	110
APÊNDICE E – ILUSTRAÇÃO DE ESTUDANTE PARA PRODUÇÃO	113
APÊNDICE F – RSCUNHO DE “CORONAVÍRUS EM CORDEL”	114
APÊNDICE G – MOMENTO PRESENCIAL DE PRODUÇÃO DE TEXTO.....	116

APÊNDICE H – PRODUÇÃO PRESENCIAL DE DE CORDEL.....	117
APÊNDICE I – RASCUNHO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DE ESTUDANTE.....	118
APÊNDICE J – CAPA DE PRODUTO EDUCACIONAL	120
APÊNDICE K –VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL VIA E-MAIL.....	121

1 FAZENDO ESPÍRITO: INSTIGAÇÕES INICIAIS DA PESQUISA

Eu me chamo Rodrigo dos Santos Dantas da Silva, paulista e nasci em 23/02/1989 – dizem que chovia naquele dia. Deixo claro o meu início do texto desta pesquisa em 1ª pessoa, porque, assim como Abrahão (2011), acredito que a nossa experiência pessoal, nossa narrativa de vida é uma conjuntura formativa que precisa fazer uma conexão com o estudo, porque é possível entender a credulidade de nossas reflexões em consonância ao futuro profissional. Continuemos então: apesar de ter nascido em São Paulo, me criei em São Mateus, interior do Espírito Santo. Fui criado pela minha avó até os 11 anos de idade, com o seu falecimento, uma tia se tornou minha tutora – uma tia muito importante que desde sempre lia pra mim e, por isso, me impulsionou até aqui, foi ela quem me ‘jogou’ no mundo letrado.

Sou oriundo de escola pública e desde a 7ª série desejei ser professor de português. Em 2009, passei em um concurso público oferecido pelo município onde morava, São Mateus, e me tornei Auxiliar de Biblioteca em um colégio daquela cidade. Foi ali que me apaixonei pelo chão da escola, comecei a observá-la. Gostava tanto daquele espaço e queria me apropriar mais dele: em 2011 iniciei a graduação de Pedagogia pela Multivix/ São Mateus, antiga Unisam, na esperança de que no ano seguinte a Instituição conseguisse fechar uma turma de Letras, e aconteceu. Foi a partir dali que comecei a estruturar os meus projetos de vida.

Graduei-me em 2014 e em 2015 consegui uma pequena carga-horária em Designação Temporária e dividia meu tempo como professor de turmas do 6º ano de uma escola estadual na periferia da minha antiga cidade e Auxiliar de Biblioteca de outra escola, também de periferia. Foi um ano impressionante! E em 2016, iniciei uma Especialização *lato-sensu* em Educação e Direitos Humanos pela UFES, concomitante a isso veio minha aprovação na Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo e fui morar mais adentro do interior, no município de Ecoporanga – tempos difíceis aqueles!

Em contrapartida, o período em que estive em terras ecoporanguenses foi muito importante, porque comecei a pensar os processos identitários numa perspectiva de sexualidades não hegemônicas e regionais (comecei também a procurar os escritores dali: Adilson Villaça e Paulino Leite, esse segundo é quase um ídolo, sua poética embasada na contação daquele povo é fantástica). Comecei a valorizar mais a literatura produzida na minha cidade, voltei a reler Maciel de Aguiar, um grande representante da literatura produzida em São Mateus.

Não posso nunca esquecer os alunos que tive em Ecoporanga – talvez eu não tivesse o reconhecimento esperado por parte da gestão das unidades de ensino que atuei, mas o

processo dialógico com aqueles estudantes era fantástico, foi uma verdadeira especialização acerca de metodologias que envolvem o ensino da língua. Nesse mesmo período concluí minha Especialização em Educação e Direitos Humanos.

Quase no final de 2017 me acidentei e fiquei afastado da escola, naquela ocasião tinha removido minha cadeira para Vila Velha e resolvi antecipar minha vinda para a região metropolitana capixaba. Passado o caos, em 2018 saio da licença médica e retorno ao ambiente escolar, agora em uma instituição de cunho integral e com turmas de 1ª série do Ensino Médio. Foi um ano esplêndido: fiz outra especialização, um curso de literatura produzida no Espírito Santo e fui, por dois semestres, aluno especial da professora Júlia Almeida do PPGEL, Programa de Pós-graduação em Linguística da Ufes – e eu tenho quase certeza que ela nem sabe do tanto que contribuiu para meu olhar de pesquisador acerca da língua e seu uso nos vários espaços sociais.

Em 2018, fui aprovado no Mestrado Profissional em Letras o que me leva de volta para o Ensino Fundamental pensando em criar situações de produção de texto que possam trazer a cultura do nosso estado para sala de aula e oportunizar aos discentes a importância de ser leitor-escritor, almejando também me empenhar a trazer literatura produzida no estado para a sala de aula, principalmente a literatura com particularidade orais marcantes e de cunho popular.

Delimitar o tema não foi uma tarefa muito fácil, já tinha lido trabalhos problematizando o ensino da língua no currículo capixaba, análises da literatura dos nossos escritores e poetas e até estratégias de ensino envolvendo contos e crônicas genuinamente espírito-santenses na sala de aula. Em 2018, tinha trabalhado métrica ao estudar Trovadorismo com os aprendizes da 1ª série do Ensino Médio e foi difícil fazer com que eles se apropriassem dessa prática – talvez se eu tivesse feito um momento introdutório com literatura de cordel...

Em 2019, lendo e produzindo cordéis durante as aulas de português, percebi que boa parte da turma conseguiu desenvolver sextilhas e versos heptassílabos a partir da leitura: mesmo sem dar muitos detalhes, as crianças construíram versos com sílabas em sextilhas com temas engraçados, falando sobre Bullying ou os patrimônios culturais do Espírito Santo. Durante essas aulas, um dos meus estudantes, Ayran, me questionou sobre a existência de cordelistas capixabas: “Tio, no Espírito Santo tem cordel?” na aula e eu não soube responder. Ao buscar essa resposta para ele e pelo interesse da turma ao trabalhar com literatura de cordel, descobri a turma e o gênero que iria trazer futuramente para esta pesquisa de mestrado: literatura de cordel capixaba com estudantes de 8º ano do Ensino Fundamental II.

Ainda em 2019, conversando com Verônica Freitas, antiga professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio e Professora Coordenadora de Área da Instituição, em que atuo atualmente, percebemos o quão potencializador é esse gênero discursivo, porque ele consegue transcender sua estrutura textual e tornar oportuna a reflexão por temas de nosso cotidiano.

Considerando os inerentes desafios existentes nas aulas de Língua Portuguesa, percebemos que a literatura de cordel em nossas aulas pode trazer aos educandos muito mais que capacidades intelectuais, pois é uma escrita que leva o leitor à valorização identitária, porque o texto de um cordelista faz o indivíduo interagir com aquilo que é vernáculo. Assim, almejamos propor um estudo sobre **como potencializar o trabalho de leitura e produção textual envolvendo a literatura de cordel produzida no Espírito Santo**. Sendo assim, seguem os objetivos desta pesquisa:

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Potencializar o trabalho de leitura e produção de textos envolvendo a literatura de cordel produzida no Espírito Santo.

Objetivos específicos:

- Conceber práticas dialógicas de leitura e produção textual com estudantes do Ensino Fundamental – anos finais, embasadas na literatura de cordel capixaba;
- Realizar um mapeamento de cordelistas do Espírito Santo para uso em nesta pesquisa;
- Elaborar sugestões de atividades, em um viés dialógico de linguagem, que contemplem a literatura de cordel capixaba;
- Produzir um caderno pedagógico e em parceria com os sujeitos participantes da pesquisa, os estudantes, organizar as produções textuais de autoria deles, assim como apresentar uma pequena biografia dos cordelistas espírito-santenses.
- Valorizar autores capixabas nas aulas de Língua Portuguesa.

Pretendemos no *corpus* deste trabalho fazer uso de uma perspectiva dialógica com a leitura e a escrita nas aulas de português com uma turma de 8º ano – o gênero discursivo em questão estava presente no Currículo Básico das Escolas Estaduais, vigente até 2019, nessa série e o documento orientava também valorização do autor e da obra capixaba. Porém, ressaltamos, que esse gênero discursivo pode ser trabalhado com outras turmas dessa etapa de

ensino, desde que seja trabalhada as suas particularidades concretas – adequando os procedimentos às séries que farão parte dessa ação pedagógica.

Acreditamos que o ensino de língua e leitura literária deve ultrapassar os pressupostos curriculares e potencializar efetivas ações de linguagem, valorizando a atuação dos estudantes em suas práticas de linguagem, instigando-os a agir sobre a linguagem diante de suas interações com o outro. Dessa forma “estudar a língua é, então, tentar detectar compromissos que se criam por meio da fala e das condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação” (GERALDI, 2007, p. 42).

Estas situações concretas de interação podem provocar nos estudantes o caráter identitário, quando estes estudam escritores que fazem parte da história da região em que eles residem – potencializando-se a reflexão sobre os seus lugares de vivência, as formas de falar e escrever que permeiam nesse espaço.

Um trabalho docente com a literatura de cordel capixaba vai além de um procedimento de incentivo à leitura, porque aponta para o resgate e a valorização na escola da literatura brasileira produzida no Espírito Santo e traz para sala de aula a oralidade peculiar e a escrita às vezes não-normativa – oportunizando vozes sociais envoltas desses textos que trazem em si a cultura deste estado. cremos que quando os aprendentes têm contato nas aulas de leitura textos genuinamente capixabas, as análises e considerações são mais positivas, pois acontece um trabalho de valorização cultural e os estudantes se veem nesses enunciados na sua concretude.

Geralmente, o cordel é associado apenas à cultura nordestina, porque foi trazido para o Brasil, em data imprecisa (PINTO, 2009), por colonizadores portugueses e espanhóis para essa região brasileira. Há estudiosos desse gênero que defendem demasiada influência das cantigas trovadorescas nesse tipo de produção. Sabemos também que o cordel se popularizou no Nordeste na metade do século XIX.

A literatura de cordel vem sido pesquisada por diversos intelectuais brasileiros e a partir de diferentes olhares, no entanto, não foram evidenciadas ainda observações sobre o cordel capixaba. As pesquisas envolvendo o trabalho com os folhetos em sala de aula existem, porém, percebemos que práticas de ensino de leitura literária ainda são tradicionais e extremamente limitadas ao uso do texto como “pretexto” para outros estudos – caindo no pedagogismo, transformando os versos apenas em conteúdos escolares, inclusive muitos poetas populares na contemporaneidade têm feito isso, (PINHEIRO, 2018, p. 106).

Acreditamos que a literatura de cordel nas aulas de língua portuguesa pode trazer aos educandos muito mais que capacidades intelectuais, pois é uma escrita que leva o leitor à

valorização da sua identidade, porque o texto de um cordelista faz o indivíduo interagir com aquilo que é vernáculo e está situado historicamente em uma dada realidade – logo, trabalhar a leitura e a produção textual embasadas na literatura de cordel feita no Espírito Santo é uma proposta de trabalho importante. Ao levarmos à aula autores/ cordelistas capixabas como Kátia Bobbio, Teodorico Boa Morte, Clério Borges, Vitor Vogas, dentre outros estaremos valorizando textos literários espírito-santenses nesse gênero discursivo. Fazer esse trabalho a partir de movimentos dialógicos, os discentes terão contato, muitas vezes, com suas realidades, fazendo uma reflexão sobre elas.

Ainda nesse viés de texto científico “literaturalizado” a partir de um memorial, legítimo a temática dessa pesquisa, que tem como objeto de estudo o cordel capixaba em sala de aula, com alguns versos de minha autoria típicos de um cordel:

Eu vim dizer pra vocês:
o tema dessa pesquisa
dará voz ao capixaba
vem, se liga nessa brisa
trouxe os textos dessa terra,
porque essa é nossa frisa

O popular nas escolas
lugar de nossa cultura
e criança pra escrever
e ler com desenvoltura.
nós vamos pocar no ensino,
vem lendo aqui sem gastura

Entra e chega aí cordelista
o vosso escrito não é palha,
mas pouco entrou no colégio
talvez essa seja a falha:
não ler cordel capixaba
vou quebrar essa muralha

Na cultura capixaba
tem muito poeta massa,
tem poetiza também
a literatura passa
com pupilos em sextilhas
rimando cheios de graça!

Em poucas palavras narrei meu itinerário de formação para que fique entendido como cheguei aos meus anseios diante desse estudo e à delimitação do *corpus* a ser investigado. E ainda ratifico, mais uma vez, minha adoção de pesquisa iniciando com memorial: na

perspectiva de Abrahão (2011), para conceber meus anseios de professor-pesquisador é necessário criar um trabalho que reconheça uma realidade social multifacetária, complexa, socialmente construída por seres humanos em constante processo de autoconhecimento; onde há um elo muito importante entre o pesquisador e o objeto a ser problematizado.

O trabalho vem organizado da seguinte forma, após este primeiro capítulo, o próximo move um diálogo com pesquisas que evidenciaram a literatura de cordel e o ensino e é intitulado de “Arrudeando com os pares”, em que nessas possibilidades com cordel em sala de aula, destacamos distanciamentos e aproximações, as quais contribuem para tecermos a presente pesquisa.

O capítulo 3, “Garrei ler”, trata do referencial teórico, o qual contribui para tecer a correlação possível entre Literatura de Cordel e ensino a partir das categorias bakhtinianas de **Dialogismo** e **Enunciado Concreto**: nele expomos tais conceitos, a fim de entendermos os reais aspectos comunicativos que precisam ser evidenciados durante o ensino de leitura e produção de texto embasado nas relações dialógicas. Ainda fazemos uma análise das fragilidades da Base Nacional Comum Curricular acerca do gênero discursivo cordel, ensino de língua e concepções de linguagem.

“Capixabando: a literatura de cordel do Nordeste ao Espírito Santo” é o capítulo seguinte, em que narramos o advento desse gênero discursivo ao nosso país, primeiramente em Salvador/BA, e o processo migratório que traz o cordel para a região Sudeste, em especial, o estado do Espírito Santo. É o momento que apresentaremos um mapeamento de cordelistas capixabas e poetas/ autores que fizeram uso dessa configuração poética

No próximo capítulo, “Xilogravura de pesquisa”, elencamos os procedimentos teórico-metodológicos para o desenvolvimento dessa pesquisa-ação colaborativa e a aplicabilidade do processo prático com os estudantes. É nesse momento também que narramos o processo de produção de nosso produto educacional, um caderno pedagógico que apresenta as poesias em cordel feitas pelos aprendizes e evidencia práticas pedagógicas, em um viés dialógico de linguagem, com cordéis capixabas.

Para terminar o trabalho, “Encerrando a prosa e pocando fora”, trazemos nossos apontamentos e considerações sobre os dados produzidos a partir dos procedimentos teórico-metodológicos apresentados.

2 ARRUDEANDO COM OS PARES

A literatura de cordel é um gênero discursivo contemplado pelas grades curriculares como um conteúdo pertinente às aulas de língua portuguesa, podemos utilizar do termo “grade” como uma metáfora, onde os conteúdos estão ali aprisionados, descolados do dia-a-dia dos estudantes, por isso, ratifica-se que essa investigação pretende ir além dos pressupostos dos currículos vigentes, não se pretende aqui promover uma ação acerca de leitura e escrita que cause grande deslumbramento na escola, mas participar da formação de cidadãos leitores e escritores, sujeitos de discurso. Dessa forma, trazemos a este estudo pesquisas de professores-pesquisadores e atuantes do ensino de base para ‘arrudearmos’ acerca da Literatura de Cordel e sua correlação com o ensino – estas foram retiradas ora do Catálogo de Teses e Dissertações Capes, ora de Repositórios de programas de mestrado.

Sabe-se que o Conselho Nacional de Educação propôs audiências públicas para discutir o novo documento que rege a Educação Brasileira: Base Nacional Comum Curricular, BNCC em 2015. Por isso, os pares aqui presentes também configuram temporalmente o momento de apropriação dessa Base, entre os anos de 2017 e 2019, a fim de movermos um olhar crítico para o novo pensamento curricular.

Os trabalhos em questão são compreendidos pelos seguintes descritores Literatura de Cordel; Leitura; Escrita; Dialogismo e Enunciado Concreto, os quais foram pesquisados nos bancos de dados citados anteriormente. Ratifica-se que todas escolhidas que envolvem a prática em sala de aula, independente do descritor, têm o viés qualitativo e foram selecionadas porque ora têm como objeto de pesquisa a literatura de cordel, ora estão nessa perspectiva de pesquisa-ação – em que os estudantes como sujeitos colaboradores dessas pesquisas. As pesquisas na área aqui apresentadas também suas reflexões sob a ótica das categorias bakhtinianas, algumas com distanciamentos, porém forma de extrema valia para a produção de nossa pesquisa.

No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, do descritor **Literatura de Cordel** encontramos 3 759 trabalhos; **Enunciado Concreto** 5 284 (apesar de esmagadora maioria não fazer referência aos estudos de Bakhtin); em **Leitura**, encontramos 65 076; em **Escrita**, 104 773; e em **Dialogismo**, 81.

Para este trabalho trazemos nossos pares, em sua maioria, dissertações oriundas de Mestrados Profissionais, como o Profletras e Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades. Como estamos investigando procedimentos de leitura e escrita embasados em cordéis de autoria capixaba, também estamos nos utilizando de trabalhos retiradas do

Repositório de Teses e Dissertações de Programas de pós-graduação Letras, Ifes e Ufes, e Ensino de Humanidades, do Ifes. Ressaltamos que, até o momento, não encontramos trabalhos que faziam uso do descritor “Cordel capixaba”. Para falarmos dos trabalhos que compõem essa seção, montamos um quadro com as pesquisas escolhidas através de nossos critérios de seleção:

Quadro 1 - Arruadeando com os pares.

Título da Pesquisa, autor	Ano de Defesa	Descritor	Programa de Pós-graduação / Instituição
SILVA, ANA VALERIA UBALDO DA. A literatura de cordel como prática motivadora da leitura e da escrita em sala de aula	2017	Literatura de Cordel	Mestrado Profissional em Letras Instituição de Ensino: Universidade Federal Rural de Pernambuco
SANTOS, ENIA RAMALHO DOS. Literatura de cordel e identidade cultural: Uma proposta para o letramento literário com folhetos de Leandro Gomes de Barros	2018	Literatura de Cordel	Mestrado Profissional em Letras. Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
COSTA, JOSIVANIA DA SILVA SANTOS. Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel	2018	Literatura de Cordel	Mestrado Profissional em Letras. Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal de Sergipe.
LOPES. CLAUDIANE MARTINS DE SOUZA. O ensino de leitura do gênero cordel na perspectiva interacionista sociodiscursiva	2019	Leitura	Mestrado Profissional em Letras. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará.
SEVERO, DAVID FERREIRA. Experiência didática com a poesia popular no ensino fundamental	2018	Escrita	Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Alagoas
BRITO, BRUNA PERRELLA. Ponyo e “A sereiazinha”: análise das relações dialógicas	2018	Enunciado Concreto; Dialogismo	Mestrado em Letras. Instituição de Ensino: Universidade Presbiteriana Mackenzie
DAVILA, ALESSANDRA GOULART. Rádio escolar como propulsora do dialogismo bakhtiniano com alunos do Ensino Fundamental.	2017	Dialogismo	Mestrado Profissional em Ensino de Línguas. Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal do Pampa.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A pesquisa de Ana Valério Ubaldo da Silva (2017), intitulada como *Cordel como prática motivadora de leitura e da escrita em sala de aula*, coloca em foco a produção de texto com o gênero discursivo cordel na era da informação e da tecnologia e, como o presente estudo, ainda enxerga o cordel como um gênero multimodal, pois “para trabalhar com o Cordel, o professor pode se utilizar de diferentes meios de comunicação, linguagens, códigos e multimeios, tais como: vídeos, filmes, desenhos animados e trechos de novelas” (SILVA, 2017, p. 47).

Em *Literatura de cordel e identidade cultural: uma proposta para o letramento literário com folhetos de Leandro Gomes de Barros*, Santos (2018), o qual utiliza os folhetos de Leandro Gomes de Barros como potencializador da identidade cultural do contexto paraibano e capaz de instigar o letramento literário. Essa investigação também foi produzida por pesquisa-ação e os participantes eram estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II. O referido trabalho crê que a literatura é um direito de se fruir e capaz de contribuir para formação social do indivíduo.

No trabalho de Costa (2018), *Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel*, o professor-pesquisador juntamente de seus estudantes das séries finais do Ensino Fundamental (também estudantes de 7º ano) trabalhou com o cordel *Proezas de João Grilo* versando entre cultura popular e humor, e ainda nos traz apontamentos sobre as particularidades referentes aos cordéis lusitanos e os nordestinos.

Em 2019, Claudiane Martins de Souza Lopes, defende sua dissertação de mestrado, a qual investigou em seu trabalho práticas de ensino de leitura na escola pelo viés sociointeracionista a partir do gênero discursivo cordel com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II em Fortaleza, em que se fundamenta a partir da teoria Bronckart (2007) sobre o interacionismo sociodiscursivo, no que se diz respeito à categoria bakhtiniana de gênero discursivo: aquilo que se aprende a partir dos gêneros relaciona-se aos momentos de interação entre os sujeitos e sempre que manuseado, os interlocutores atribuem características suas ao determinado gênero contemplado em um evento discursivo.

Em *Experiência didática com a poesia popular no Ensino Fundamental*, Severo (2018), outra dissertação de viés bakhtiniano e que se utiliza de práticas de funcionamento da língua, onde se instiga a produção escrita em uma sequência didática desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental II que culminou em um concurso de literatura de cordel. Esta pesquisa é envolvida por uma abordagem descritiva- explicativa.

A pesquisa *Ponyo e “A sereiazinha”*: *Análise das relações dialógicas*, Brito tem os seus pressupostos teóricos próximos aos nossos, pois vem a trabalhar com as categorizações

bakhtinianas de dialogismo e enunciado concreto: também considera o enunciado em uma perspectiva dialógica de linguagem. O trabalho em questão não se pauta em movimentos em sala de aula, mas de análises da animação “Ponyo” com o conto de fadas *A sereiazinha*. A pesquisadora busca em sua análise apontar como o dialogismo acontece entre os textos e investiga a função e os efeitos de sentido que ele produz. Por fim, Brito conclui que a narrativa em texto verbal impresso faz uso de palavras e diálogos que levam o leitor a pela história, enquanto a animação faz uso de elementos multimodais que entretém o espectador, e segundo a pesquisadora, são obras semelhantes e o reconhecimento do leitor / espectador das intertextualidades entre elas está a depender do dialogismo, que amplia as possibilidades de leitura das obras.

Em Rádio Escolar como propulsora do dialogismo bakhtiniano com alunos do Ensino Fundamental, Davila traz à tona o dialogismo de Bakhtin em uma implementação de uma rádio escolar e ainda usa como suporte teórico Geraldí, no que se diz respeito à correlação da funcionalidade da língua às práticas sociais. A investigação não se embasa na leitura ou na escrita, todavia práticas orais de diálogo entre sujeitos participantes de uma comunidade escolar.

As pesquisas aqui expostas foram analisadas a partir de seu referencial teórico e procedimentos metodológicas. Notamos, que nas investigações aqui apresentadas, o movimento de interação entre aprendizes e professores, possibilitaram práticas dialógicas, as quais envolveram a leitura poética resultante da cultura popular.

Embora tenham utilizado práticas ou metodologias diferentes, ressaltamos que os trabalhos escolhidos dialogam, em um dado momento, com esta pesquisa: quer seja pelo aporte teórico, pelos sujeitos de pesquisa ou trabalho nas aulas de português com o gênero discursivo cordel.

Segundo Bento (2012), nosso ‘arrudear’ configura-se numa revisão de literatura – o acesso a referenciais teóricos já construídos e publicados, no tocante à temática do trabalho em fase de elaboração. Nesse ato de apropriação de aportes teóricos atinentes a uma dada temática, sendo o nosso recorte temporal pós-discussões sobre BNCC, Bento (2012) diz que o pesquisador também pode consultar artigos científicos, capítulos de livros, dissertações de mestrado, ensaios, resenhas, teses de doutorado, resumos e trabalhos completos publicados em anais de eventos. Assim outros tipos de publicação acadêmicas também foram consultadas para essa esta pesquisa.

Por esta razão, outras produções ampararam nossa pesquisa: ora oriundos do Repositório de Teses e Dissertações de Programas de pós-graduação Letras e Ensino de

Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo e também alguns da Universidade Federal do Espírito Santo, visto que estamos trabalhando com autoria capixaba é importante valorizarmos pesquisadores conterrâneos.

Em seguida, apresentaremos o referencial teórico que fundamentará nosso estudo em relação ao conceito de **dialogismo** de Bakhtin, assim como os seus pressupostos acerca de um **enunciado concreto**, buscando relacioná-los aos cordéis capixabas diante das práticas de leitura e escrita que são aplicadas nas escolas.

3 GARREI LER

Bakhtin e o Círculo¹ têm uma estrada de natureza filosófica e moral em suas perspectivas, todavia o seu projeto traz discussões, as quais muito têm contribuído para a história do pensamento linguístico. Em seus estudos, Bakhtin vem considerar o mundo da teoria e a existência do ser, este de caráter arquitetônico, que pode ser entendido como a própria vida – a considerar o homem enquanto ser único, histórico, capaz de produzir atos irrepetíveis – enquanto aquele, objetiva os atos concretos do homem em contextos teóricos.

A concepção bakhtiniana vê a língua como um fato social intrínseco às necessidades de comunicação, constituída pela interação verbal, que se ancoram no dizer do outro: as enunciações. E a palavra pode ser entendida como uma via de mão dupla, que se constitui em uma relação mútua de um “eu” para um “outro” e de um “outro” para um “eu”, dessa forma todo e qualquer enunciado é determinado pelas relações sociais que se fazem em um contexto social.

O viés sustentado por Bakhtin e o Círculo crê na unicidade do ser: que é histórico e realiza atos que não são repetidos, assim entendemos que nessa perspectiva o indivíduo é um evento único, o qual está sempre em processo se fazendo a partir daquilo que é concretamente vivido. Tratando-se de linguagem, o enunciado é uma unidade discursiva oriunda do diálogo, onde irá refletir condições específicas e funcionalidades referentes aos meios sociais que se concretizam.

Ainda nessa perspectiva, percebemos que a noção de interação para o Círculo em eventos discursivos é dialógica, pois em uma interação social de linguagem tanto locutor, quanto interlocutor possui princípio ativo na relação, pois nas situações interlocutivas os enunciados produzem uma resposta que instigará uma nova resposta: seja uma compreensão ou atitude resultante dessa situação, o que chamamos de caráter responsivo; assim o enunciado é um elo, é sempre uma resposta, não houve palavra primeira, a palavra adâmica, é sempre um retomar, um reaver, um recomeçar, um reavivar:

[...] o ato responsivo, precisamente o seu produto – o enunciado – de modo algum pode ser reconhecido como fenômeno individual no sentido exato dessa palavra, e tampouco pode ser explicado a partir de condições psicoindividuais e psíquicas ou

¹Esta expressão perdura no tempo e é oriunda do contexto da episteme soviética, entre as décadas de 20 e 30 do século XX. O grupo consistiu em um conjunto de intelectuais de diversas áreas de conhecimento que se encontravam regularmente, entre 1919 e 1929, em São Petersburgo, e visava uma reflexão filosófica e contribuir para a produção de uma teoria de criação ideológica. O termo “Círculo” veio ser utilizado por estudiosos do conjunto dessas perspectivas, sendo Bakhtin aquele que mais produziu princípios em torno da obra do Círculo.

psicofisiológicas do indivíduo falante. *O enunciado é de natureza social* (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2018, p. 200).

Um evento discursivo, seja ele oral ou escrito, precisa ser entendido nesse viés, como a materialização do diálogo cotidiano, ou seja, o uso da língua e os gêneros são invioláveis da atividade humana – os gêneros devem ser associados aos seus enunciadores, aos momentos de interação verbal, ao contexto social e aos processos de criação ideológica, pois os gêneros do discurso se compõem a partir das condições de produção, do estilo utilizado pelo interlocutor, o suporte que se encontra o texto, tema e intencionalidade. Ratificando Bakhtin (2011, p. 262), “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”, assim, um cordel, enquanto gênero discursivo é uma forma típica de uso da língua, ou seja, inseparável da atividade humana – visto que nas práticas sociais de linguagem se consolidam os enunciados:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Assim, podemos compreender o cordel, enquanto enunciado, acoplado à atividade humana, a qual refletirá condições específicas e propósitos de um contexto social e o seu produtor envolverá seu estilo de linguagem a partir do “jogo” de palavras que utiliza para a estruturar as rimas desse evento discursivo – neste íterim, o gênero discursivo cordel é envolvido em uma métrica que irá validar sua estrutura composicional. Nesse direcionamento, entendemos o cordel como um enunciado não concluído, pois por conta de sua perspectiva responsiva, acaba por se tornar um elo de uma cadeia ininterrupta de discursos verbais que possui outros enunciados antecessores a ele e, ainda reverberará em outras interpretações e posicionamentos ativos (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2018).

Salientamos que Bakhtin em sua teoria de gêneros do discurso, não vê um texto enquanto produto apenas, porque considera o seu processo de produção em uma esfera de atuação social, assim “[...] a linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos, e ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida introduz-se na linguagem” (FIORIN, 2018, p. 69). Entendemos dessa forma que o gênero discursivo é uma categoria parcial e estável de enunciados, pois as mudanças históricas, por exemplo, podem implicar em mudanças desse gênero – a literatura de cordel capixaba, objeto desse estudo, tem outras condições de produção, recursos fraseológicos, suportes e conteúdos diferentes daqueles enunciados

constituídos na literatura de cordel nordestina, além disso, essas particularidades podem ser alteradas de acordo com um recorte temporal.

O cordel, nesse viés teórico, é um gênero discursivo que se apresenta escrito (que tem suas raízes na oralidade), e a depender do evento comunicativo pode ser recitado na língua falada, sendo ponte para outro gênero: o repente. Também podemos relacionar esse gênero com o princípio do dialogismo bakhtiniano, ressaltado por Brait (2009), pois o cordel enquanto enunciado transcende seus limites e pode mudar o seu sentido global e ainda consegue refletir outras vozes que vão além do cordelista. Isso acontece porque a palavra de um atravessa a palavra do outro, manifestando-se como uma reação ao dizer do outro. Irandé Antunes destaca a língua como uma atividade concreta e funcional, “[...] um sistema preso à realidade histórico-social de um povo [...] e esse sistema continua se fazendo e se construindo” (ANTUNES, 2009, p. 21), ainda nessa conjuntura, a autora aponta para as situações em que a língua é usada como um “coro de vozes”, a união das vozes de cada um de nós.

Assim, entendemos que um texto é compreendido a partir das relações dialógicas e de sentido que se estabelecem nas ações/ uso de linguagem. Quando percebemos que um enunciado se localiza em um meio sócio-histórico e cultural, entendemos que ele capacita o outro a produzir enunciados a partir de um primeiro (BAKHTIN, 2011). Por isso, os profissionais de língua materna precisam estar dispostos a conduzir seus discentes na apropriação das características que compreendem os gêneros discursivos não apenas por sua estrutura, todavia trazendo aspectos que englobam o texto de maneira holística – o diálogo dessas particularidades dentro e fora dele são de suma importância para os momentos de leitura, atividades de interpretação e produção de textos.

Em virtude da vitalidade dialógica, a qual tem a língua como um acontecimento social vivo que se estabelece nas relações dialógicas de um eu para o outro, notamos que Bakhtin e o Círculo se opõem ao estado mecânico de como era concebida a língua pelos formalistas russos. Vemos também uma crítica na maneira que o conceito de gênero é defendido por Bakhtin e seus companheiros: um discurso da vida, um enunciado que evidencia não somente a palavra e suas categorizações, mas toda situação extraverbal que o envolve.

A partir desses pressupostos, entendemos que um ensino de língua precisa ter como foco as funções sociais da interlocução verbal, ou seja, não pode ser dissociado das atividades humanas. Quando as aulas de português se valem dos textos como referência para o trabalho durante o ensino, colocamos os discentes num lugar de contato e interação, indo além das estruturas textuais, ressaltando também suas funcionalidades sociais. Devemos atuar com um

gênero discursivo em consonância a um processo dialógico, pois dessa forma “[...] as regras gramaticais ganhariam seu caráter de funcionalidade, uma vez que seriam exploradas de acordo com as particularidades de cada gênero [...]” (ANTUNES, 2009, p. 58). Pensa-se que, hoje, é dessa forma que os educandos poderão compreender um texto: diante de uma possível necessidade de aplicação, para escrever e falar de acordo com a situação social – levando em consideração uma sequência de fatores de ordem linguística, sociocognitiva e interacional (KOCH, 1997, p.74).

3.1 CORDEL: UM ENUNCIADO CONCRETO

Vemos o cordel como um gênero do discurso mutável, flexível e plástico (BAKHTIN, 2011), trazendo o estilo do cordelista – seja ele nordestino ou capixaba – que vai refletir/refratar no outro. A literatura de cordel sempre é associada às situações cotidianas, pois desde seus primórdios, seja aqui ou na Europa, vai além de um produto para apreciação, pois é capaz de trazer informações regionais, tratar de causos ou pessoas ilustres de um contexto, problemáticas de caráter social ou histórico; enquanto manifestação prática da língua, vemos o cordel como um enunciado inseparável de seu conteúdo ideológico e cotidiano (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2018).

A teoria do **Enunciado Concreto**, segundo Souza (1999), na abordagem do Círculo é oriunda das tentativas de se aplicar conceitos sociológicos à concepção de enunciado (linguístico), pois Bakhtin e seus companheiros de estudo defendem que a forma composicional de um texto interage organicamente com uma dada realidade.

Por conta desse diálogo da palavra com a vida, um enunciado não pode ser neutro, frígido ou isolado. Em nossa pesquisa assumimos um viés dialógico às práticas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa fundamentadas no cordel capixaba, pois compactuamos com a matriz bakhtiniana: um texto sempre estará versando com um contexto social e semântico-axiológico.

A palavra é apenas uma parte que compõe um texto em cordel, mas ela não faz isso sozinha. Um enunciado concreto se estabelece também com as realidades sociais, então a palavra, enquanto forma composicional, é apenas uma parte dessa concreticidade discursiva, porque dialoga com um meio social, enquanto forma arquitetônica, a fim de contribuir para uma produção semântica.

A literatura de cordel, mesmo carregada de cultura popular e variações linguísticas regionais, traz particularidades de textos literários, porque é um sistema complexo de rimas e, geralmente, respeita uma determinada métrica. Compreendemos esse tipo de enunciado de maneira única e particular, envolvido pela subjetividade de um falante diante a cultura de um povo, capaz de instigar breves réplicas do diálogo cotidiano no olhar do outro, na experiência do outro. Assim:

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a etc (VOLÓCHINOV, 2018, p. 184).

Nas discussões do Círculo de Bakhtin todos os enunciados são dialógicos, passíveis de respostas e contrarrespostas, independente de sua natureza semântica e estilística. Essas respostas podem não ser imediatas e o enunciado se completa em uma grande temporalidade, um grande diálogo (SOUZA, 1999).

Até mesmo quando trata de ficção, o cordel consegue trazer ao leitor ou ouvinte um momento de reflexão acerca da realidade - é aquilo que Bakhtin (2011) advoga como extraverbal e que corresponde a uma situação cotidiana. Vejamos um exemplo com esse fragmento de *Discussão de um fiscal com um matuto*, do cordelista paraibano José Costa Leite:

[...]
 Nessa hora foi chegando
 o fiscal com um talão
 lhe cobrando 3 cruzeiros
 pelo direito do chão
 o matuto se zangou
 dizendo: não pago não

Disse o fiscal: meu amigo
 mas é preciso pagar
 em tôda cidade se paga
 você não pode negar
 pague o direito do chão
 e aprenda a negociar.

Disse o matuto zangado:
 – sei negociar demais
 vendo banana e farinha
 e macaxeira de meus pais
 eu ando de feira em feira
 desde quando era rapaz.

Disse o fiscal: e porque
 não queres pagar o chão?
 disse o matuto: não pago
 os 3 contos de réis não
 só pago um conto de réis

mais, eu não pago não

O fiscal lhe disse: então
 você ou paga ou não vende
 retire esta porcaria
 pois você não compreende
 o matuto disse com raiva:
 – o que é que você entende?

Neste excerto, retirado da obra de José Costa Leite (1976), o cordelista projeta em sua produção uma situação concreta: a realidade dos vendedores ambulantes da Paraíba, e de outras regiões brasileiras, que precisam pagar altos impostos para fiscais em troca de um espaço público para prática de comércio. A voz do escritor aqui sugere um grito de denúncia, para que tenhamos mais atenção por esses que têm na rua a oportunidade de produção de renda. A realidade que envolve essa produção é o elemento extra-verbal que compõe o enunciado em diálogo com a palavra nesse devir de organização de sentidos:

Esses elementos extra-verbais do enunciado concreto aliados aos aspectos composicionais da palavra – o conceito, a imagem, a entonação – se tornam uma imagem orgânica. A investigação da parte verbal, imanente ao enunciado deve ser relacionada a esses elementos extra-verbais (SOUZA, 1999, p. 86).

Implementamos ainda que “a concretização de um enunciado só é possível por meio da sua inclusão no contexto histórico real da sua realização inicial” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2018, p. 192). Mas nem só de problemáticas sociais se fazem os folhetos e realidades, além disso, muitos poetas populares falam de suas crendices, como o cordelista pernambucano José Francisco Borges:

[...]
 Sonhar correndo a cavalo
 é sinal de alegria
 sonhar com um cravo branco
 os seus filhos não se cria
 sonhar com ave de pena
 é desgosto e agonia...
 (BORGES, 2003, p.07).

Percebemos em ambos os fragmentos marcas cotidianas de oralidade e, além disso, vemos situações reais dentro de contextos sociais distintos. Por isso, a partir desses trechos de cordéis, podemos entender a literatura de cordel concebida como um enunciado concreto, pois é um gênero discursivo com particularidades próprias – em versos com rimas, métrica e variações linguísticas regionais – de existência (e resistência) e vem situado historicamente:

O procedimento dinâmico com que os conceitos principais do círculo são definidos dá a dimensão dos elementos envolvidos na investigação do enunciado concreto. Se ele é concreto, é histórico; se ele é histórico, é humano; se ele é humano é social; se ele é social, é ético, é consciente, tudo isso em interação orgânica. Por isso existe a necessidade de uma estrutura sociológica bem determinada para dar conta do enunciado concreto e de sua especificidade ética, histórica-fenomenológica, sociológica e dialógica (SOUZA, 1999, p. 93).

Notamos então, que a materialidade desses enunciados acontece num ponto de vista histórico, cultural e social (BRAIT, 2018) e eles estão carregados de sentidos para os indivíduos que se deparam com eles, pois “o sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. Na verdade, existe tantas significações para uma palavra quanto contextos de seu uso” (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2018, p. 195) e entendemos que na perspectiva bakhtiniana, o enunciado se dá pela alternância dos sujeitos: várias percepções são atravessadas por essas produções discursivas que são concebidas como configurações interativas e a palavra, mesmo compreendida dessa polissemia não perde a sua integridade e muito menos deixa de ser única, porque o contexto apontará para a sua identidade em uso.

Assim, tomamos o cordel como um enunciado artístico concreto, um gênero discursivo da literatura, que se solidifica a partir das atividades de comunicação presentes no cotidiano (de caráter cultural e social) que interage organicamente entre a língua e a vida – isto é, estabelecemos a literatura de cordel como um enunciado vivo, oriundo de uma realidade social em sua consumação nesse segmento artístico de cunho popular.

Ressaltamos ainda que a métrica, a qual compreende uma poesia em cordel pode ser entendida como um padrão hegemônico para as produções desse gênero discursivo, todavia a vitalidade que envolve um enunciado concreto é resultante dos variados temas que ele pode trazer e em uma configuração verbal da realidade em um processo de comunicação social e ideológica – o contexto de produção.

Tratando-se de ensino, podemos entender a literatura de cordel como um aparato docente que pode, e deve ir além dos estudos que visam apenas estudos de gramática ou variação linguística. Estamos lidando com um enunciado pleno, porque é contextualizado e essas contextualizações devem ser discutidas em sala de aula.

O ensino de língua portuguesa, pelo que se apresenta, deve ter como objetivo situações reais – para que os discentes possam se tornar sujeitos de discurso, colocados em lugares de interação, gozando da funcionalidade da língua. Dessa forma, o trabalho nas aulas de língua portuguesa se torna, então, um processo dialógico superando a gramatização e as análises estruturais (o que Bakhtin chama de Escolasticismo). O trabalho nessa ótica enunciativa pode despertar no estudante a observação e a reflexão dos usos reais da língua, “instigando à

curiosidade, a pesquisa, a vontade de descoberta [...] desestimulando o simplismo e o dogmatismo com que as questões linguísticas têm sido tratadas, (ANTUNES, 2009, p. 43). Acreditamos que os cordéis, por essa perspectiva de enunciado concreto, em momentos de leitura potencializam uma gama de produções de sentido; como se a prática de leitura fosse ornada e constituída por diversas outras leituras, considerando as experiências do eu e do outro, aflências interlocutoras de mim para o outro e do outro para mim nessas aulas e momentos de leitura e discussão, assim:

[...] o texto passa ser visto como o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que — dialogicamente — nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, mas, sobretudo, a sua reconstrução no momento da interação verbal (KOCH, 2005, p. 06).

Depreendemos então que apenas o texto, independente do gênero, em sua friidez não é capaz de expor/ instigar todos os sentidos possíveis. Em um viés enunciativo, o saber do leitor, provindo de suas experiências é extremamente essencial para que ele consiga ir além daquilo que lê no processo de produção de significados. Entender um texto está para além de sua textualidade, é preciso “[...] dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo, produzindo enunciados, percebendo as diferenças de uma forma de expressão e outra” (GERALDI, 1997, p. 126). Textos em folhetos de cordel, nessa perspectiva bakhtiniana dos enunciados concretos, trazem marcas de subjetividade, intersubjetividade e da alteridade que caracterizam a linguagem em uso (BRAIT, 2005).

É impossível pensarmos em linguagem fora de um contexto concreto e os gêneros discursivos, esse emaranhado de enunciados, se dão a partir de circunstâncias temporais, ideológicas e sociais que transcendem sua materialidade; e por essa orientação, a interpretação do leitor/ interlocutor considera todas essas condições. Ao trazermos essa contribuição teórica, assimilamos o quão a língua é viva, pois consideramos o entendimento de um texto dependente das deduções daquele que entra em contato com ele. O cordel, assim como qualquer outro gênero, não é um objeto frio, desvinculado de uma realidade ideológica e social. Sobre o conceito de língua, Antunes afirma:

[...] a língua, por um lado, é provida de uma dimensão imanente, aquela própria do sistema em si mesmo, do sistema autônomo, em potencialidade, conjunto de recursos disponíveis; algo pronto para ser ativado pelos sujeitos, quando necessário. Por outro lado, a língua comporta a dimensão de sistema em uso, de sistema preso à realidade histórico-social do povo, brecha por onde entra a heterogeneidade das pessoas e dos grupos sociais, com suas individualidades, concepções, histórias e

interesses e pretensões. Uma língua que mesmo em condição de sistema continua fazendo-se, construindo-se (ANTUNES, 2009, p. 21).

Ao nos apropriarmos desse subsídio teórico sobre língua, gênero discursivo e ensino expostos vemos o cordel como um gênero discursivo potencializador de ‘vozes’ da realidade, uma unidade enunciativa claramente definida e envolta de uma configuração discursiva: forma e contexto histórico, social e ideológico; e esse conjunto está interligado à compreensão do leitor, à sua memória discursiva – todo um apanhado contribuinte ao processo interpretativo.

O cordelista ao expor suas experiências nesse tipo de literatura, o faz, todavia, de forma única, com o seu estilo. Entretanto, essa unidade viva, dialógica atinge as vivências do outro. Independentes da autoria, dentro dos cordéis percorrem várias vozes, outras experiências que combinam com as do cordelista. Dessa forma,

[...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou aquela forma gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva d significado do discurso ouvido é apenas um abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta... (BAKHTIN, 2011, p. 79).

A vitalidade do folheto de cordel ainda se dá também pelo caráter responsivo do mesmo: aquilo que é compreendido é digno de uma resposta e um posicionamento daquele que escuta e que também interage e se torna sujeito de discurso – entendedor, falante, produtor de texto – e se torna atuante no evento discursivo também.

Assim, ratificamos Bakhtin: “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 272), e a produção poética envolvida pelo cordel se produz a partir do estilo do cordelista e esse feitio é tão forte que ‘respinga’ no leitor ou apreciador desse gênero. E o cordel, como evento discursivo, entra em um processo de interação com o outro, num processo de alternância com outros sujeitos:

[...] Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subtentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva. Essas reações têm diferentes formas: os enunciados dos outros podem ser introduzidos diretamente do contexto do enunciado... (BAKHTIN, 2011, p. 297).

Dessa maneira, o cordel, enquanto enunciado concreto, esse produto/ processo do dia a dia, possibilita um diálogo com meio histórico-social em que ele está, dessa forma seus

leitores (ou ouvintes) têm uma compreensão ativamente responsiva (BAKHTIN, 2011), pois este interlocutor através de sua resposta poderá gerar seus próximos discursos a partir desse folheto (ou de sua leitura) – independente se ele concordar ou discordar com aquele enunciado ou, ainda, produzir identificação com ele. É preciso ressaltar que essa compreensão acontece à medida que o leitor entende e as possíveis réplicas podem ocorrer não apenas diante de uma interação verbal, todavia, por ações do falante após o contato com a literatura de cordel.

3.2 DIALOGISMO E LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: PRODUÇÕES HÍBRIDAS

Trazemos ao trabalho outro conceito do pensamento bakhtiniano e do Círculo: **Dialogismo**, o qual se constitui como uma parte do discurso, pois corrobora não só na produção de sentidos, mas em seu compartilhamento, pois um enunciado concreto é compreendido por diversas vozes sociais, muitas vezes deslocadas entre si no tempo e no espaço geográfico. O sentido do enunciado está além de sua estrutura e da palavra, pois a partir das relações dialógicas, os sentidos dos interlocutores se convergem a partir da identidade e percepções desses seres, os quais são únicos e, discursivamente, inacabáveis.

Entendemos que essa teoria, estruturada primeiramente por Bakhtin, tende a olhar os enunciados para além de sua estrutura lexical, diferentemente do posicionamento de Saussure, ‘pai da linguística’, e do formalismo russo, não enxergando a linguagem como um instrumento monológico, mas dialógico – levando em consideração o caráter social do ato de fala. O dialogismo na teoria de Bakhtin e o Círculo está totalmente correlacionado à interação verbal, porque a palavra, segundo ele, é um ato bilateral que se refere tanto com quem ela procede, quanto por aquele para quem ela se dirige (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2018). O dialogismo, assim, é o princípio bakhtiniano que constitui a linguagem e sua produção de sentido em um discurso, a qual não deve ser atribuída friamente a um sujeito individual e os enunciados não devem, principalmente nas práticas escolares, serem considerados de forma isolada. O enunciado nesse viés dialógico de linguagem é cabível tanto ao “um”, quanto para o “outro”, pois a palavra pode ser vista com uma ponte que liga esses sujeitos coletivamente – ratificando BAKHTIN/ VOLOCHINOV (2018, p. 205): “a palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor”.

Dessa forma, a escrita, assim como a fala, possui um caráter social, o qual precisa ser privilegiado na escola, assim como o contato dos estudantes com os enunciados concretos, pois práticas dialógicas de leitura e escrita nas aulas de português consideram a interlocução verbal entre todos os sujeitos participantes desse evento discursivo, pois “eu” e o “outro”, geram sentidos às aulas por meio dessas interlocuções sociais.

A interação dialógica em decorrência da diversidade dos grupos sociais, compostos por seres únicos e sempre múltiplos de experiências concretas, acaba por tornar concretos os enunciados destes, visto que a palavra não é neutra e nem descolada da atividade humana. A palavra, ou o enunciado, em sua concreticidade compreende os discursos sociais que a partir das experiências do outro aponta para atravessamentos axiológicos, os quais se contrapõem e dessa forma, o enunciado, enquanto ato concreto, se realiza.

Nessa perspectiva dialógica de linguagem, vemos nossos estudantes como sujeitos de discurso, capazes de ler, escrever e produzir uma resposta acerca desses enunciados – pois essa categoria bakhtiniana, o dialogismo, se pauta na interação com o outro, por isso é de natureza social e axiológica. No que se diz respeito a produção de sentido, o enunciado é definido como um produto da interação de sujeitos socialmente organizados (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2018) e o sujeito/ estudante “[...] não é individual tanto pelo fato de que se constrói entre pelo menos, dois interlocutores, que por sua vez são seres sociais quanto por se construir como um diálogo entre discursos” (CAMPOS; SOUZA; STIEG, 2011, p. 40).

Vimos que o dialogismo é compreendido como uma atividade social de diálogo concomitante à interação linguística – um confronto de entonações, pautadas na alteridade, pois nenhum sujeito se faz sozinho. Segundo a teoria bakhtiniana, o dialogismo pode ocorrer nas relações entre os objetos, entre os sujeitos e o objeto e nas relações entre os sujeitos. Vozes sociais que dão valor às palavras, constituindo-se por respostas e contrarrespostas, réplicas vivas, e em constante interação. A teoria de Bakhtin e o Círculo se estabelecem no diálogo, de caráter ontológico e discursivo, que também é chamado de ato ético, o qual é responsável e responsivo (BUBNOVA, 2013).

Por conta da interação verbal entre “eu” - “outro” - “vida” (mundo), que é de caráter sociológico, ao lidarmos com enunciados na escola, notamos a importância de não os trabalhar com neutralidade e muito menos de forma isolada. A vida é dialógica, por isso, precisamos mover olhares dialógicos para as práticas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa, pois um texto sempre versará com um dado contexto cultural e semântico-axiológico.

O enunciado se torna concreto também a partir do diálogo que move as relações sociais: a palavra enquanto forma composicional e a realidade dos sujeitos participantes das práticas de leitura e escrita, enquanto formas arquitetônicas, em práticas dialógicas, potencializam a produção semântica em sala de aula. A linguagem constitui e constitui sujeitos, não se minimizando apenas à língua ou a estrutura dos enunciados (BUBNOVA, 2013).

Ao tratarmos de literatura de cordel, enquanto discurso e enunciado (lembrando que Bakhtin em *Estética da criação verbal* não dissocia esses termos), percebemos que esta é uma produção inacabada que depende também da voz do outro à construção de sentido; e o cordel enquanto representação da vida em literatura possui uma complexa natureza dialógica da linguagem (BRAIT, 2005). Estamos levando em consideração também a natureza social desse gênero discursivo: as vozes sociais que o emprenham. Parafraseando Bezerra (2013), assim como em Dostoiévski, a representação das personagens vem em um plano de fundo plural, oriundo da interação de várias consciências, o mesmo ocorre em um folheto de cordel, pois os valores ali presentes tocam o outro que a partir de suas experiências participa do diálogo que percorre aqueles versos (muitas vezes em narrativas) – tratando-se do cordel na sala de aula, as palavras, signos ideológicos deste contexto, faz com que os estudantes se consolidem socialmente a partir das produções culturais de origem popular que os constituem e que, muitas vezes, passam despercebidas.

A ideologia para Bakhtin e o Círculo é valoração, é atribuição de valor aos objetos, o resultado das interações sociais e dialógicas – capaz de moldar as relações históricas e as experiências de cada um. O signo ideológico emprenha os modos de vida, assim como sua materialidade e as concepções axiológicas de cada sujeito, assim como as formas que ele tem de entender o seu contexto. A ideologia está correlacionada ao diálogo do ser com as situações cotidianas, pois reflete e refrata essa realidade. Essa é mais uma prova que a linguagem é dialógica e adentra à vida – e os enunciados concretos trazem valores ideológicos e a ideologia, nesse olhar bakhtiniano também contribui para a vitalidade desses enunciados. Conseguimos, até perceber, a sintonia que compreende as discussões e categorias teóricas de Bakhtin e seus companheiros do Círculo.

A literatura de cordel é um enunciado heterogêneo, visto que é um enunciado muitas vezes rotineiro, podemos entender este como uma réplica de situações discursivamente inscritas (MENÉNDEZ, 2000, p. 42). Sendo assim, o cordel é determinado a partir de um contexto social, experiências de outros que nessa entonação de vozes possibilitam ao leitor (ou ouvinte) outras interpretações acopladas às vivências destes que o apreciam. E o

cordelista, além de estruturar esses versos, traz o diálogo com suas vivências e concepções que instigam em seus interlocutores posicionamentos acerca das temáticas abordadas no seu texto – e esses posicionamentos podem ser entendidos como réplicas, que serão impulsionadas para o mundo a partir do olhar do outro. Entendemos que nessa concepção dialógica de linguagem, o cordelista é um sujeito ativo que se relaciona com o outro – como um eu-para-si e também um eu-para-o-outro:

Essa noção de sujeito implica, nesses termos, pensar o contexto complexo em que se age, implica considerar tanto o princípio dialógico – que segue a direção do interdiscurso, constitutivo de discurso, mas não se esgota aí – como elementos sociais, históricos etc. que formam o contexto mais amplo do agir sempre interativo (que segue em direção da polifonia, isto é, da presença de várias “vozes”, vários pontos de vista no discurso, que naturalmente podem ser escamoteados, embora não deixem de estar presentes) (BRAIT, 2018, p.22.)

Assim, ratificamos o folheto de cordel como a materialização de ações sociodiscursivas provindas de sujeitos situados, um objeto contextualizado dialogando com a realidade, sendo situado historicamente, um produto concreto gerado de pessoas de uma dada realidade. O cordel é um espelho dialógico empenhado de atos concretos que refletem do produtor, o cordelista, para o outro.

Vivemos uma reciprocidade discursiva, trazendo uma fala de Dahelet, (2008), “o homem emerge do outro”, assim, ao tratarmos de dialogismo estamos colocando em pauta o eterno diálogo que ocorre entre os textos, discursos e falas que compreendem uma sociedade e cultura, dessa forma:

O dialogismo, conceito que atravessa os escritos do Círculo, pressupõe uma atividade dinâmica entre Eu e o Outro em espaços de interlocução socialmente organizados em interação linguística. Nesse sentido, a dialogia é o encontro de contradições advindas da atividade humana de linguagem, na qual os homens se caracterizam pelo princípio dialógico marcado pela alteridade e pelo tensionamento dos sistemas de valores que traduzem as suas mais distintas concepções e visões de mundo (CARVALHO, 2018, p. 85).

Pensando nessa “dinâmica entre Eu e o Outro”, a escola é um espaço de interlocução social e ao tratarmos da literatura de cordel oriunda do Nordeste nos educandários, conseguimos fazer links com situações recorrentes em nossas vidas, mesmo estando geograficamente em lugares diferentes. Mas quando esses links provêm de cordéis conterrâneos aos aprendizes, os estabelecimentos de sentidos são mais potentes – porque os folhetos são discursos instaurados histórico e culturalmente.

Todo enunciado concreto é híbrido e dialógico, porque ele não se produz a partir de um único indivíduo, mas que se completa significativamente no outro – a partir do cruzamento de opiniões, valores e ideologias desses interlocutores sociais, aí acontece à arquitetura dialógica que compreende a linguagem. E dialogicamente falando, “[...] pode-se afirmar que na composição de quase todo enunciado [...] existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras de outrem...” (BAKHTIN, 2002, p. 153).

Tomando essa concepção de linguagem, percebemos que o mundo é dialógico; compreendido de linguagens; repleto de sentidos e os indivíduos se relacionam com esse mundo através dos valores que o permeiam, ou seja, o homem se relaciona com o seu tempo a partir de acordos axiológicos. Ainda nessa concepção de mundo/ linguagem em dialogia, vemos que os indivíduos são atravessados por outros enunciados empregnados de ideologia, dos quais estes constroem os seus enunciados – sejam por palavras ou com mudanças de ações e comportamentos.

Os diálogos que ocorrem entre os indivíduos são oriundos de atos concretos de comunicação e moldam um tecido sem fim e juntamente com os enunciados, a literatura de cordel nessa perspectiva consegue dialogar com inúmeros sujeitos, independentemente de sua localização geográfica ou temporal e o mais importante, esse contato promoverá sentidos e podem se acontecer por diversos tipos de linguagem. Acreditamos que qualquer enunciado vivo, concreto em sua funcionalidade tem caráter dialógico.

Ao lermos o cordel *Homenagem aos cem anos de abolição no Brasil*, de José Francisco Borges, podemos observar pela voz do cordelista o período de colonização, onde o castigo do negro era “o tronco” (BORGES, 2003). Conseguimos ter contato com um período do tempo que nos antecede, a colonização, sem estarmos atrelados a uma produção científica da disciplina de História. Assim, sob esse panorama bakhtiniano percebemos que um enunciado pode trazer em si a história de um povo, suas lutas, glórias e valores. Podem até aparecer aqueles que venham a discordar da forma que a escravidão é colocada no folheto, no entanto, a visão de mundo de um sujeito é tencionada por esse enunciado.

Ler, ouvir ou produzir literatura, em espaços formais, como a escola, ou não formais, são práticas sociais produzidas por meio de interações verbais dos sujeitos que as constituem (CARVALHO, 2018), e isso também se aplica à leitura e recitações de cordéis.

Um cordel se constitui por várias vozes sociais que se atravessam e atingem o outro, dando continuidade a outras vozes – formando uma cadeia de enunciados, pois as relações dialógicas se concebem nesse eterno ir e vir: onde houver duas ou mais vozes sociais

reunidas, a partir de um enunciado, este condicionará a outros enunciados como respostas a este primeiro, ou seja, réplicas discursivas.

[...] As relações dialógicas podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou desconcerto. A relação contratual com um enunciado, a adesão a ele, a aceitação de seu conteúdo faz se no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais (FIORIN, 2018, p. 28).

Assim, notamos a heterogeneidade de enunciados vivos, como a literatura de cordel, e que o dialogismo é o princípio constitutivo de todo e qualquer enunciado. A teoria de Bakhtin considera também esse “embate” de vozes sociais, mas também as individuais (FIORIN, 2018), e como um sujeito não é um ser acabado, ele vai se produzindo enquanto ser nessa infinita interlocução discursiva.

Conseguimos ainda entender que além de constitutivo, o dialogismo bakhtiniano, contribui para a construção de um enunciado, pois outras vozes podem percorrer e se misturar ao enunciado de um determinado sujeito.

O cordel, enquanto enunciado concreto e dialógico, é um “[...] produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados [...]” (BAKHTIN, 2011), ou seja, é um produto dialógico tecido, diríamos, inclusive, ‘sacramentado’ na interação verbal entre o cordelista e seus interlocutores, sejam eles ouvintes ou leitores. Por isso, defendemos que ao trabalharmos a literatura de cordel em sala de aula precisamos tomá-lo como um evento social: oriundo de interações (dialógico), dinâmico, ideológico e histórico, enfim, um resultado da vida, que discute a vida e potencializa um novo olhar para esta vida.

Ao levarmos a literatura de cordel do Espírito Santo para o contexto escolar, precisamos manuseá-la como um enunciado vivo, logo, passível às relações dialógicas e também polifônicas – os estudantes não estarão lidando com um conjunto de palavras ‘frígidas’, mas com um apanhado de sentido capaz de produzir outras significações a partir de suas experiências de leitura. Acredita-se que quando qualquer enunciado adentra aos muros das escolas, é necessário que este esteja mais próximo do dia a dia de nossos estudantes, a fim de aflorar o caráter responsivo desse discurso diante do seu contexto – visto que essa capacidade de resposta está acoplada ao diálogo e é um movimento ontológico, discursivo e um ato ético (BUBNOVA, 2013), o qual por meio das interações pode instigar mudanças no estudante diante de seu entorno.

A literatura de cordel na escola pode também potencializar o processo dialógico entre diferentes textos: um filme, uma recitação, uma entrevista com um cordelista... E ao lidarmos com o cordel capixaba, então, estamos fazendo o uso da linguagem em seu caráter constitutivo: como caminho para a formação de sujeitos de discurso que tentam compreender o meio em que vivem e se questionam sobre ele.

Sabe-se que não há cordel para um público em especial, (Marinho e Pinheiro, 2012), como foi visto, apenas enunciados são concretos capazes de tensionar a responsividade no outro. Todavia, é percebido que essa literatura, resultante muitas vezes da experiência oral, vem sendo tomada apenas como um conteúdo pertinente às grades curriculares ou com fragmentos de Patativa do Assaré, por exemplo, nos livros didáticos e somente nos anos finais do Ensino Fundamental – ressaltamos que a literatura em geral nos livros didáticos vem sendo abordada por meio de fragmentos, não restringindo essa fragilidade aos textos literários em cordel.

Em uma concepção dialógica de ensino de língua materna, a literatura de cordel capixaba, além de ser (re)produtor cultural nos momentos de ensino-aprendizagem, é um trabalho de “empatia sincera e prolongada”, Marinho e Pinheiro (2012), que não se reduz apenas à interpretação de texto, mas a um estímulo à alteridade – ninguém se faz sozinho à vida (a vida é dialógica) e a alteridade é princípio de Bakhtin e O círculo o qual visa responsabilidade de um “Eu” em diálogo ao enxergar o mundo e um “Outro”.

Refletir sobre práticas pedagógico-dialógicas com cordel nas aulas de língua portuguesa é oportunizar procedimentos discutíveis entre realidade e as metodologias de ensino, a partir da interação dos estudantes, professor e realizações culturais presentes em nosso meio. Os textos dos folhetos disponibilizados durante as aulas precisam ser lidos, analisados e debatidos, a fim de se esgotar todo este objeto estético diante das percepções e inferências dos estudantes:

Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura popular da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo. Muitas vezes pode-se descobrir entre funcionários da própria escola apreciadores da cultura popular, praticantes, ou no mínimo alguém que teve ou tem algum tipo de ligação com ela. Deve-se, portanto, recolher dos próprios alunos relatos de vivências, experiências deles conhecidas, e, ao mesmo tempo, partir das obras – os folhetos – e penetrar nas questões que lá estão representadas. A experiência com a poesia oral que está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país. Neste sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente há diferentes manifestações da poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 126).

Assim, como Marinho e Pinheiro (2012), cremos que qualquer sugestão pedagógica com literatura de cordel pressupõe envolvimento afetivo com uma determinada cultura popular. Ao evidenciarmos o gênero discursivo cordel para um trabalho dialógico em parceria dos aprendizes estamos a promover práticas bilaterais/ dialógicas de leitura e escrita escolar, favorecendo aos discentes o contato com uma bagagem cultural capixaba a partir dos folhetos.

Atividades com os cordéis, num viés dialógico de ensino, transcendem a sequência verbal escrita coerente que forma um todo acabado, definitivo e publicado, pois possibilitam a relação entre “Eu” e o “Outro”, operando com elementos que, sozinhos, não são suficientes para a produção de sentido e promovem sentidos diferentes diante das múltiplas possibilidades de interpretação (GERALDI, 1997).

Muito ainda se acredita que o trabalho com língua materna consiste em definir (GERALDI, 1997), porém, se estamos defendendo uma concepção dialógica de linguagem (e ensino), nessa pesquisa o texto em sala de aula é entendido como um enunciado concreto, o qual aponta para o funcionamento da língua na vida e os movimentos dialógicos incitarão novas experiências aos estudantes, por isso desejamos práticas com língua materna em uma movimentação enunciativo-discursiva.

Do ponto de vista dialógico, observamos que o cordel, independente da região que é produzido e/ ou contempla, vai além de seu destaque sonoro (produzido por suas rimas, figuras de linguagem e métrica), ele traz consigo aspectos inerentes à vida, às vezes despercebido na escola, nas aulas de português, no livro didático e até por nós leitores: problemáticas sociais, aspectos políticos, geográficos, históricos, econômicos – não só se “concretizando” nos casos, na graça e na diversão.

Trazemos a essa pesquisa uma concepção de língua/ linguagem/ ensino constitutiva, que pode tornar a aula de português um evento, o qual concatena discursividade e reciprocidade, pois acreditamos que “[...] pode se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio...” (BAKHTIN, 1990, p.141).

Nessa perspectiva, entendemos que evidenciar em nossas escolas atividades de leitura e escrita fundamentadas em cordéis capixabas é repensar o sentido do pensamento curricular: pois levamos para a aula o dia a dia de nossos estudantes dialogando com os conteúdos pertinentes à formação leitora, sem nos preocuparmos com metas ou cortes numéricos estipulados pelas redes de ensino – estando dispostos a contribuir para formação leitora de sujeitos de discurso. Pensando nisso, na próxima seção deste capítulo analisaremos como a literatura de cordel está presente na Base Nacional Curricular.

3.3 A LITERATURA DE CORDEL NA BNCC E SUA AUSÊNCIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Base Nacional Curricular, BNCC, foi lançada inicialmente em 16 de junho de 2015, e homologada em 20 de dezembro de 2017. Trazemos a esta pesquisa reflexões sobre o apagamento do gênero discursivo cordel no documento curricular, o que causa um estranhamento, pois a literatura de cordel, desde 2018, é reconhecida pelo Conselho Consultivo como Patrimônio Cultural brasileiro. Dizemos ‘ausência’, pois o termo cordel (ou cordéis) aparece apenas 08 vezes em todo documento.

A BNCC preocupa-se em trazer um conjunto de aprendizagens ditas essenciais e que devem ser vistas pelos discentes durante toda a educação básica:

[...] este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p.07).

Ao integrar as políticas educacionais da educação brasileira, a BNCC fica instituída como o documento referência para a educação básica, seja ela municipal ou estadual. Além de propor essa ‘homogeneização’ do ensino, suas prerrogativas preocupam-se com formação continuada das professoras e professores, o desenvolvimento dos conteúdos escolares e metodologias avaliativas e avaliações externas.

Ficou decretada a criação de uma base de perspectiva nacional para o Ensino Fundamental ainda na Constituição de 88, de lá pra cá muitos foram os movimentos para que ela fosse construída: elaboração das Leis das Diretrizes e Bases da Educação Básica, em 1996; consolidação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, entre os anos de 1997 e 2000; dez anos depois, as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) advém e o Plano Nacional de Educação (PNE) é instituído a partir de vinte metas que visam aprimorar a Educação Básica – todos, em algum aspecto ou outro, reforçando a ideia de uma base nacional de conteúdos curriculares.

Com a Portaria nº 592 de 17 de junho de 2015 fica estabelecida uma comissão de especialistas para a produção de uma proposição de Base Nacional Curricular: representantes da Secretaria de Educação Básica, alguns secretários de educação em parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED, e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME (ROCHA, 2019, p. 84). Em outubro do mesmo ano, há a primeira consulta pública pela sociedade dessa primeira versão da BNCC –

embora, antes da versão final, o documento transpassa por mais três ‘pilotos’, dois disponíveis para consultoria pública.

Em março do ano seguinte, 2016, essa versão é concluída e disponibilizada ao debate público, em junho, por meio de seminários com professores, gestores e especialistas educacionais,

[...] foi publicada em abril de 2016, ainda no governo Dilma Rousseff, mas o Ministro da Educação já não era mais o mesmo, na época era Aloizio Mercadante. Segundo consta na terceira versão do documento, a segunda versão — passou por um processo de debate institucional em seminários realizados pelas Secretarias Estaduais de Educação em todas as Unidades da Federação (BRASIL, 2017a, p. 5). Esses seminários teriam contado — com a participação de mais de 9 mil professores, gestores, especialistas e entidades de educação (p. 5) (ROCHA, 2019, p. 85).

A partir dessas discussões, a terceira versão começa a ser produzida, ficando pronta em 2017 com as instâncias de Educação Infantil e Ensino Fundamental — já homologadas pelo Conselho Nacional da Educação. Em abril de 2018 são estabelecidos projetos de implantação da BNCC e, ainda nesse ano, são aprovadas as reformulações das diretrizes educacionais do Ensino Médio.

Percebemos que a BNCC vem sendo discutida publicamente em algumas versões, mas foi implantada verticalmente para os professores da educação básica, pois para a produção do documento oficial, onde um pequeno recorte daqueles que praticam ofício na educação, 9000 profissionais, têm contato a essas discussões, onde nem todos esses pertencem à educação básica e, ainda assim, “[...] a terceira versão, por sua vez, — desconsidera esse diálogo plural das instituições representantes da educação brasileira e divulga propostas elaboradas por um grupo seleto de governantes e empresários” (ROCHA, 2019, p. 90).

A ausência da participação popular para a produção da BNCC é preocupante, visto que os atuais dirigentes políticos do país almejam a privatização do trabalho público. Outra preocupação é que o documento visa um trabalho de treino com os estudantes para avaliações externas, a fim de se aumentar os índices educacionais a partir de cortes numéricos. Sabemos que esses descritores fazem parte de um projeto neoliberal na educação brasileira, onde os estudantes são submetidos aos sistemas de avaliação de larga escala (GERALDI, 2015):

As avaliações escritas aplicadas, sejam em larga escala ou em nível municipal, são todas objetivas e com gabarito, o que faz com que seja cobrado dos professores a elaboração de atividades e avaliações também objetivas, para que os alunos — se saiam bem nas avaliações externas. Entretanto, os alunos, na maioria das vezes, não conseguem alcançar as notas pretendidas pela equipe gestora, o que faz com que os professores sejam cobrados diariamente pelos maus resultados e muitos deles acabam sentindo-se frustrados, responsáveis pelo fracasso escolar (ROCHA, 2019, p. 94).

Ressaltamos que nossa preocupação com essa análise documental não pretende contribuir com esse sistema de provas externas, mas apontar essa fragilidade com esse ignorar desse patrimônio imaterial no pensamento curricular, a literatura de cordel.

A BNCC do Ensino Fundamental – anos finais é configurada em 04 áreas de conhecimento: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Estrangeira Moderna); Matemática; Ciências da Natureza (ciências) e Ciências Humanas (Geografia, História). A área de Linguagens e suas Tecnologias possui como objetivo principal “[...] possibilitar uma participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens (BRASIL, 2018, p.481). Trazemos como recorte desta análise o componente curricular de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, no que se diz respeito ao gênero discursivo contemplado em nossa pesquisa, e ao campo artístico-literário em que ele aparece. O ensino fundamental – anos iniciais, segundo a BNCC, preocupa-se com a alfabetização dos aprendizes e o cordel é pauperrimamente citado. Enquanto no Ensino Fundamental – anos finais, recorte do momento prático de nossa pesquisa, tem como desafio de aproximar os estudantes aos múltiplos conhecimentos, e o gênero cordel é menos citado ainda.

Nas orientações do documento vigente para a disciplina de Língua Portuguesa apontam para os estudos de linguagem a partir dos usos da língua, ou seja, sua funcionalidade ou uma configuração comunicativa, mas não dialógica. A BNCC, ainda, pode ser entendida como uma extensão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN, estes que surgiram a fim de contribuir para a elaboração de avaliações externas (GERALDI, 2015, p. 283) e, ainda segundo o documento, o conceito de competência pode ser inferido pelo o que se consta nas Leis de Diretrizes e Bases, LDB:

[...] as competências gerais da Educação Básica (...) inter-relacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB (BRASIL, 2018, p. 08).

O documento também traz uma concepção enunciativo-discursiva de linguagem, as quais, inclusive são defendidas por Bakhtin, e que foram assumidas em outros documentos escolares nacionais, todavia, vendo a língua como um processo de interação que se concebe em práticas sociais. A BNCC ainda se priva muito em forçar o trabalho com práticas contemporâneas de linguagem, desconsiderando as possíveis realidades que uma instituição escolar e seus sujeitos podem ter e alguns de seus descritores, inclusive os de produção de

texto, se prendem muitas vezes ao domínio da norma padrão da língua: “Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão (BRASIL, 2018, p.78).

Inclusive, parece-nos ainda que o documento está deslocado das possíveis realidades dos estudantes e das escolas, visto que é uma base comum a toda educação básica nacional. Orienta-se na área de linguagens práticas sociais por diferentes linguagens e possibilitar práticas sociais para a constituição dos sujeitos. Além disso, na disciplina de Língua Portuguesa, a orientação é que estudantes e professores de língua portuguesa produzam uma gama de textos multimodais, como vídeos e podcasts, visto que essas práticas pouco, ou quase nunca, estão presentes à formação inicial do profissional de língua materna e, geralmente, não correspondem aos educandários e muitos estudantes da educação básica não têm acesso, desconhecem ou poucos lidam com esses gêneros.

Esse excesso de gêneros discursivos, descolados da realidade escolar, cai em uma perspectiva conteudista do ensino de língua materna e, ainda, impede que professores e estudantes possam fazer um trabalho mais consistente com um ou outro gênero – ainda “[...] não se pode exigir que um leitor seja também um autor em todos os tipos de texto que ele é capaz de ler” (GERALDI, 2015, p. 390), pois acabamos por ignorar também o repertório de leitura, subjetividades dos aprendizes e materialidade histórica que esses textos apresentam:

*A Base confere um tratamento ao gênero textual sob a forma estrutural, enfocando os aspectos linguísticos e estruturais (normas e formas) desse texto e abstraindo o contexto social, histórico e ideológico que lhe é subjacente. Desse modo esse documento, apesar de falar em gêneros textuais, assim como os PCN, já tematizados neste texto, atenta para orientar um ensino da Língua Portuguesa conferindo um tratamento de estudo de língua morta (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006) e não como língua viva, *slova* (BRANDSTI, 2012) (GODINHO; STIEG, 2017, p.27).*

Ainda para a contribuição de ensino de uma língua “morta”, a área de Linguagens se fecha às competências específicas compreendidas por realidades nacionais e internacionais, todavia, entendemos que se instiga a criticidade no contexto concreto em que se vive, ou seja, as múltiplas realidades regionais – tratando-se de nossa realidade, quando o discente da escola capixaba é aproximado/ apresentado à literatura feita no Espírito Santo por meio de práticas dialógicas de leitura (e escrita, inclusive), ele conseguirá ler e compreender efetivamente o contexto o qual está inserido (RIBEIRO, 2017).

Tratando do cordel, enquanto gênero do discurso literário, é necessário fazer uma ação pedagógica que considere os movimentos dialógicos juntamente de um contexto concreto, do

contrário, o texto perde sua relevância. E quando falamos de cordel capixaba, dentro do que tange a literatura conterrânea do Espírito Santo, estamos tendo uma atitude política, pois mostramos aos estudantes sua realidade a partir de seus pares, os autores capixabas ou que fazem literatura no Espírito Santo.

A BNCC se compromete à formação e o desenvolvimento humano global, e segundo esse pensamento curricular diz que é dever da escola no Ensino Fundamental – anos finais “contribuir para dos projetos de vida de seus estudantes” (BRASIL, 2018, p.468). Para a formação holística do indivíduo, a BNCC visa contemplar algumas dimensões, como a dimensão simbólica (BRASIL, 2018, p.16), no entanto, a literatura de cordel nem é citada nos objetos de conhecimento do Ensino Fundamental II. Acreditamos que para um ensino profundo dos símbolos nacionais, nosso patrimônio cultural deveria ser mais bem aproveitado nas escolas da educação básica. Esse ignorar, talvez tenha sido por muito contemplar a cultura digital nas práticas de leitura, escrita por meio do seu uso e reflexão.

A BNCC é definida como um conjunto “[...] orgânico e progressivo que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades de ensino da educação básica (BRASIL, 2018, p. 07), sendo a referência curricular nacional para todas as redes estaduais e municipais de ensino. Entendemos como orgânico algo que é vivo, contudo, esse pensamento curricular é mecanizado, competências e habilidades – aquelas ligadas às demandas da vida, enquanto estas “estabelecem a finalidades gerais do Ensino Fundamental e Médio” (BRASIL, 2018, p. 13).

O termo cordel/ cordéis aparece 07 vezes no documento e de forma muito frígida: 04 vezes em descritores e no campo artístico literário do Ensino Fundamental I; 02 vezes nos descritores do Ensino Fundamental II; uma vez no Ensino Médio e uma vez no que é chamado de campo de experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação* na Educação Infantil:

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a

escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em *escritas espontâneas*, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2018, p.42).

Acreditamos que em todas as etapas de ensino o trabalho com o texto irá estimular a imaginação e ampliará o conhecimento de mundo dos estudantes, todavia trabalhar diferentes gêneros discursivos em um curto espaço de tempo, para que um outro venha a ser trabalhado logo em seguida, não faz com que os estudantes se deleitem nas práticas de leitura. Se, ainda, os textos não tiverem um diálogo concreto com suas realidades, pouco contribuirá para uma produção de sentido plausível, uma problematização ou para a relevância da leitura.

No Ensino Fundamental I, a literatura de cordel está presente em um dos campos em que o documento define como campos da atividade humana, aquele que iria contribuir para “[...] continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 65). O documento traz os seguintes campos da atividade humana para o Ensino Fundamental: Campo de práticas da vida cotidiana; Campo de práticas artístico-culturais; Campo de práticas político-cidadãs; Campo de práticas investigativas e o campo de práticas culturais das tecnologias de informação e comunicação. Segundo o documento, o campo em que o termo cordel aparece:

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO: O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica (BRASIL, 2018, p. 156).

A BNCC propõe a diversidade de práticas de leituras no campo artístico-literário, todavia, na prática e ao lidarmos com textos em uma realidade concreta percebemos que não podemos nos fechar a “campos de atuação” da linguagem sem mobilizarmos os fluxos de linguagem, sejam eles literário ou discursivo. Se olharmos a vida enunciativa a partir de sua concreticidade, percebemos que esses eixos e campos se cruzam – temos cordéis, por exemplo, que abarcam lendas, temas cotidianos, romances, situações históricas. O campo-artístico literário no Ensino Fundamental – anos iniciais nos diz:

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO – Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas,

canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros (BRASIL, 2018, p.96).

Todos os gêneros explicitados podem ser considerados enunciados concretos, que podem trazer temáticas cotidianas, situadas historicamente e, inclusive, entrar em diálogo com o dia a dia para já cedo se instigar as práticas de leitura crítica e consistente, podem ainda se apresentar de forma híbrida, como em um poema, que não está em uma estrutura narrativa de fábula, e trazer um ensinamento ou animais que falam. Por isso, trazemos as ideias de fluxos de linguagem, visto a hibridez que um enunciado em sua flexibilidade pode (ou não) possuir. Como objeto de conhecimento, o cordel aparece pela primeira vez em um descritor da disciplina de Língua Portuguesa comum às turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental I:

(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto (BRASIL, 2018, p.103).

Percebemos que essa habilidade (objeto de conhecimento) vem com um código alfanumérico, EF12LP05, onde **EF** indica Ensino Fundamental; os algarismos **1** e **2** apontam o ano, 1º e 2º, que a habilidade deve ser trabalhada; o **LP** indica o componente curricular, Língua Portuguesa; e o último par de algarismos, **05**, indica que ela é quinta habilidade a ser trabalhada nesses anos. É preciso ressaltar que nessa quinta propensão, considerar a finalidade de um texto, em uma dada situação comunicativa, corresponde a um descritor pertinente às provas externas.

E, em seguida, o termo cordel aparece em um outro descritor, o é comum ao 3º ano do Ensino Fundamental I: “(EF03LP27) Recitar cordel e cantar repentes e emboladas, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia” (BRASIL, 2018, p.133) – este relacionando à oralidade, pode possibilitar que os estudantes percebam as particularidades estéticas por meio da recitação de poesias de caráter popular. O termo ‘cordéis’ é visto novamente em um descritor dos anos finais do Ensino Fundamental como uma possibilidade de se perceber uma poesia de forma fixa a partir da leitura autônoma:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas,

poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2018, P.169).

Percebemos que a maneira que o objeto de ensino cordel aparece nesses momentos de uma forma mecânica, visto que o descritor tem apenas uma finalidade de trabalho: ora perceber a finalidade do texto, ora recitar ou ler para compreender. E o gênero discursivo cordel, ao pé da letra só seria trabalhado no 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais, visto que nos outros descritores ele é uma proposta de texto que pode ser trabalhado para alcançar determinado objetivo do descritor em questão.

Sabemos que o dialogismo se faz em um permanente diálogo (BRAIT, 2008), todavia, os descritores visam um único objetivo, ignorando outras possibilidades do texto enquanto objeto de estudo em uma perspectiva enunciativa e concreta. Percebemos que a forma a qual a literatura de cordel, além de sofrer um apagamento, não propicia o espaço de troca dos professores com os estudantes e nem potencializa o diálogo com o contexto concreto de produção de conhecimento. Pouco se permite nesse trabalho com descritores as importantes movimentações entre eu e o outro, dessa forma:

As formas de representação e de transmissão do discurso de outrem, parte integrante, constitutiva de qualquer discurso, quer essa heterogeneidade seja marcada, mostrada ou não, bem como a natureza social e não individual das variações estilísticas configuram em Marxismo e Filosofia de Linguagem um momento de formalização da possibilidade de estudar o discurso, isto é, não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa, entrelaçamento de discursos, que veiculados socialmente se realizam nas e pelas interações entre sujeitos (BRAIT, 2008, p.95).

Por essa ótica dialógica e constitutiva de linguagem, percebemos que a BNCC peca por não promover o trabalho com o texto em sala de aula em uma perspectiva de evento discursivo: ignorando sua historicidade e possíveis conhecimentos que podem surgir no movimento de interação dialógica entre os sujeitos. E fora de nossas diligências nesta pesquisa, está o Ensino Médio, no entanto, trazemos a única vez em que o termo cordel aparece no documento: na lacuna *Parâmetros para a organização/progressão curricular*:

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (*slams*, vídeos de diferentes tipos, *playlists* comentadas, *raps* e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, *best-sellers*, literaturas juvenis brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil (BRASIL, 2020 p.524).

Percebemos mais uma vez uma proposição de trabalho que peca nos excessos com vários tipos de “produções das culturas juvenis contemporâneas” que sequer citam práticas concretas regionais. Ainda percebemos o “[...] silenciamento por meio da linguagem de culturas populares...” (GODINHO; STIEG, 2017, p.17), o que ocorre não apenas com a literatura de cordel, mas com as manifestações linguística de matrizes africanas e indígenas.

O documento ainda defende uma ideia de ensino uma perspectiva de progressão para oferecer uma diversidade de textos e habilidades durante o Ensino Fundamental – anos finais e o trabalho torna-se mais complexo com o passar das séries, podendo se supor diversos graus pelo permear desta etapa de ensino. Tratando-se de ensino de língua materna, assemelha-se às práticas de apropriação de língua estrangeira, visto que para nossos estudantes (falantes de língua portuguesa) já vem se constituindo orgânica e linguisticamente pela língua portuguesa.

Potencializar o trabalho com autoria capixaba nas escolas do Espírito Santo, por meio de práticas (dialógicas) de ensino literário nas aulas de Língua Portuguesa é promover que os estudantes compreendam de forma responsiva o meio no qual estão inseridos, pois “a função da aprendizagem da literatura do Espírito Santo é um instrumento que propicia ao educando melhorar suas práticas de leitura literária, para além disso terá a oportunidade de conhecer a tradição literária, obras e autores, capixaba “(RIBEIRO, 2017, p.19).

A poesia de cordel é um mecanismo dialógico em sala de aula, pois muitas vezes representa sujeitos e realidades sociais. Sua leitura com os estudantes acaba por potencializar a problematização de situações reais, muitas vezes. Além de que a prática de leitura de cordel em espaços escolares instiga a troca de saberes também concretos.

A BNCC com sua amplitude nacional acaba sendo um documento genérico, pois enquanto uniformiza o ensino brasileiro, ao “empurrar” esses descritores, acaba por ignorar os diversos contextos concretos de produção de conhecimento, desconsiderando assim as particularidades dialógicas, as quais um gênero discursivo pode ter. É preciso ensinar literatura na escola para além da “decoreba” e dos descritores – visto que os sujeitos se constituem na linguagem, o trabalho com cordel (ou com qualquer tipo de texto literário) “[...] deveria acontecer de modo a propiciar ao sujeito a liberdade para a constituição dos saberes” (RIBEIRO, 2019, p.170).

Embora a Base Nacional Curricular pareça uma configuração curricular, pressupomos que ela seja uma complementação aos currículos escolares, pois “[...] os currículos devem adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos” (BRASIL, 2018, p. 16), todavia o documento se contradiz ao se forçar ser uma

referência nacional ao desconsiderar, por meio dos descritores, as realidades concretas de produção de conhecimento dos estudantes e professores, assim como as informalidades, tão importantes ao processo educativo, oriundas das interlocuções entre os sujeitos.

Apostar em um ensino de língua/linguagem e literatura por um viés dialógico e enunciativo é admitir a historicidade concreta da língua e que esta contribui para a constituição contínua dos estudantes, assim como o real contexto de interlocuções – os acontecimentos discursivos estão correlacionados ao meio social em que os sujeitos estão inseridos (GERALDI, 2015).

Nessa análise documental, além do apagamento do gênero discursivo cordel, evidenciamos que a BNCC ‘peca’ no excessivo número de gêneros discursivos os quais as professoras e professores precisam oferecer para seus discentes, além de priorizar textos de um contexto digital. Percebemos ainda que o documento assume, de forma errônea, duas concepções de linguagem, uma mais funcional e outra mais estrutural – apesar de também defender uma perspectiva enunciativa-discursiva, não o faz porque trata a língua como um organismo frígido, apenas textual e não dialógico. A progressão do processo de ensino vem sido desenhada por descritores de aprendizagem, que reduzem às aulas a treinos de avaliações externas nacionais, o que também faz ignorar a vitalidade concreta da língua e dos enunciados discursivos, que são histórico e ideologicamente situados, assim como também são envolvidos por movimentos culturais.

Em nosso Referencial Teórico, preocupamo-nos em organizá-lo com teorias, as quais contemplaram movimentos dialógicos correlacionados ao ensino de enunciativo embasado na literatura de cordel, assim como a categoria bakhtiniana de enunciado concreto. Fechamos esse capítulo com essa breve análise documental que trata do apagamento da literatura de cordel na Base Nacional Comum Curricular.

4 CAPIXABANDO: A LITERATURA DE CORDEL DO NORDESTE AO ESPÍRITO SANTO

4.1. A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Segundo Silva (2017), o cordel teve seu advento na Idade Média, no período feudal – uma economia voltada para subsistência – e circulava como um veículo de informação e trazia muitas vezes narrativas populares, percebe-se ainda demasiada influência das cantigas trovadorescas nesse tipo de produção. Os trovadores criavam seus versos para serem cantados acompanhados de instrumentos como harpa, viola e pandeiro, o que nos lembra a musicalidade muito presente no cordel brasileiro – todavia, segundo Márcia Abreu (1999), o cordel lusitano daquele momento não era imerso em um padrão poético como o nordestino, pois eram prolixos, com períodos longos, inversões e orações intercaladas.

De acordo com Pinheiro e Marinho (2012), em Portugal a literatura de cordel trazia autos, novelas, histórias, sátiras e notícias; os livros impressos em papel de pouca qualidade eram chamados de “folhas soltas” (literatura de cordel portuguesa). E essa produção era comercializada em feiras, praças e mercados. Diferentemente do Brasil, o cordel português era consumido pela classe letrada daquele contexto: advogados, professores, médicos, padres, funcionários públicos, militares, dentre outros. Mesmo não tendo características poéticas, o cordel de Portugal também tinha uma ligação com a tradição oral: textos que eram lidos pelos sujeitos letrados para aqueles que não sabiam ler.

O cordel foi trazido ao Brasil, em data imprecisa (PINTO, 2009), por colonizadores portugueses e espanhóis para a região do Nordeste nos primeiros séculos da colonização:

Esses textos acabaram vindo para o Brasil e abordavam famosas histórias como a de Carlos Magno, D. Pedro, D. Inês de Castro; retratavam heróis dotados de coragem, justiça, honra, lealdade, fidelidade, piedade; vilões mentirosos, desleais, vingativos, infiéis, invejosos e dissimulados; lutas entre o bem e o mal; histórias entre os nobres e sem insatisfação de classes inferiores, pois os pobres e os súditos, nessas histórias, viviam em harmonia com seus senhores. Por essas características, Abreu (1999) conclui que “os cordéis lusitanos enviados ao Brasil dizem a seus leitores que não há por que se preocupar com questões políticas, econômicas ou sociais, já que a preocupação central deve ser a busca do Bem”. O cordel luso foi alterado e adaptado pelos poetas populares nordestinos e hoje a literatura de folhetos publicada no Nordeste brasileiro apresentam características próprias (ROSSI, 2012, p. 161).

Ampliando essa informação, de acordo com Souza e Passos (2018), o cordel teve seu advento em Salvador e depois foi difundido pelo Nordeste oralmente. Ainda por essas pesquisadoras, e por considerações de Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia

Brasileira de Literatura de Cordel, o termo ‘cordel’ significa cordão, guia, barbante. Já a Literatura de cordel para muitos ainda é tida como uma publicação de pouco ou nenhum valor. Dessa forma, percebemos que o gênero ainda é marginalizado, talvez por isso, ainda não muito aproveitado nas escolas.

É muito importante ressaltar que há muitas diferenças entre os cordéis nordestinos e os lusitanos, segundo Abreu (1999), não há nenhuma semelhança formal entre eles – primeiro pelas condições de produção do contexto português, segundo pela distribuição que se dava dos mesmos em Portugal até os anos oitocentos. Não se tratava de produções populares e eram pouco ligados à oralidade. O cordel de Portugal estava mais ligado a uma produção editorial que “[...] abarcava textos em textos em versos, prosa, de diversos gêneros, oriundos de diversas culturas” (ABREU, 1999, p.46). Os textos eram distribuídos de forma fragmentada, onde para se ter a obra por completo, era preciso adquirir as sequências dos textos que se distribuíam nesses folhetos – lembrando os processos de distribuição dos romances de folhetim. O que torna a literatura de cordel popular em Portugal é a produção desse material em papel com menor qualidade, para contemplar as classes mais baixas por preço acessível.

No Brasil, a evolução da literatura de cordel, segundo Silva (2011), não aconteceu de forma harmoniosa: “[...] a oral, precursora da escrita, engatinhou penosamente em busca da forma estrutural (SILVA, 2011, p. 19). Isso porque nossos primeiros repentistas não tinham preocupação estética com métricas ou número de versos. No entanto, autores de nossa literatura clássica, como Gregório de Matos e Gonçalves Dias, foram extremamente importantes para a construção das estrofes dos atuais cordéis.

Patativa do Assaré, Antônio Brasileiro Borges, Leandro Gomes de Barros (por muitos é considerado primeiro cordelista do Brasil), Apolônio Alves dos Santos, Cego Aderaldo, João Martins de Athayde e João Melchíades Ferreira foram (e ainda são) os principais cordelistas do Brasil e que produziram os nossos primeiros folhetos.

Os primeiros folhetos brasileiros foram produzidos em tipografias de jornais, mas os próprios cordelistas passaram a imprimir suas obras e foram criando suas tipografias. Os livretos eram comercializados em mercados públicos, feiras e até pelos Correios; os próprios poetas populares vendiam seus cordéis e também tinham seus revendedores.

Sabe-se que cordel se popularizou no Nordeste na metade do século XIX e é nesse momento, segundo Marinho e Pinheiro (2012), que suas particularidades em nosso país são definidas: “[...] os romances comumente escritos em sextilhas com rimas ABCBDB”

(MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 35), ou seja, rimas nos versos pares como podem ver nesse fragmento de *O pavão misterioso*, de João Melquíades Ferreira da Silva:

“Então disse João Batista: **A**
 agora vou demorar **B**
 para ver essa princesa **C**
 estrela desse lugar **B**
 quando eu chegar na Turquia **D**
 tenho muito que contar **B**

Logo no segundo dia **A**
 Creusa saiu da janela **B**
 os fotógrafos se vexaram **C**
 tirando o retrato dela **B**
 quando inteirou uma hora **D**
 desapareceu a donzela” **B**

As sextilhas são consagradas, normalmente, em cordéis romanceados. Ainda é possível encontrarmos folhetos com setilhas e décimas. As setilhas narram o dia a dia ou histórias com teor jornalístico e com dez sílabas temos os cordéis que abarcam cantorias, segundo Abreu (1999). E cada uma dessas configurações de versificação traz em si um tipo de rima. Os aspectos gráficos dos folhetos também são um padrão desde 1920: estão vinculados a uma certa quantidade de páginas, entre 8 e 64, que são distribuídas de acordo com o seu conteúdo. Os poemas de caráter jornalístico e os romances possuem de 24 a 56 páginas, por exemplo. E é a partir de 1940, o processo de xilogravura é atribuído às capas dos folhetos de cordel, anteriormente usavam ilustrações e desenhos de artistas ou fotos, inclusive fotos de cartão postal.

Na contemporaneidade, a literatura de cordel pode ser feita em estrofes de 04 ou 05 versos e até encontremos essa poesia com versos alexandrinos. Já não existem tantos resquícios da herança lusitana em nossas produções e esse movimento é um grande avanço cultural brasileiro, visto que no do período colonial, os cordéis parafraseavam as narrativas dos folhetos portugueses. Nos dias atuais, muitos os cordelistas contemporâneos já se preocupam em manter o padrão ortográfico, mas também há aqueles que insistem nas marcas

da fala corriqueira verbalizada no folheto. Atualmente, mesmo sem perder sua veia popular, “[...] a Academia Brasileira de Literatura de Cordel apagou definitivamente a marca divisória que havia entre a literatura oficial e a de cordel” (SILVA, 2011, p. 40) e o gênero, desde 2018 é reconhecido pelo Conselho Consultivo como patrimônio cultural brasileiro.

Após breve relato do advento, popularização e estrutura da poesia em cordel em nosso país, buscaremos na próxima seção do capítulo narrar a chegada desse gênero discursivo no estado do Espírito Santo, assim como traçar um mapeamento de autores e poetas capixabas (ou residentes do estado) que produziram ou produzem cordel capixaba.

4.2. A LITERATURA DE CORDEL NO ESPÍRITO SANTO

Francisco Aurelio Ribeiro em *Literatura do Espírito Santo – uma marginalidade periférica*, obra de 1996, nos diz que nosso Estado sempre esteve à margem do Poder no Brasil: histórico e geograficamente falando nosso estado não teve espaço privilegiado, pois no final do século XVII, em que o Espírito Santo se esvazia devido à descoberta do ouro em Minas Gerais – durante 400 anos, o Espírito Santo dos centros econômicos e culturais, o que reverbera certa marginalidade no que tange à literatura. E até o século XX, os autores capixabas ou a literatura produzida aqui tinha como modelos ora centro europeus, ora centros nacionais (RIBEIRO, 1996). E até os anos 80 pouca foi a literatura produzida em nosso estado, se compararmos com a produção que se dá a partir da década seguinte com o advento das primeiras gráficas e leis de incentivo à produção de arte e literatura.

Tratando de literatura de cordel² feita aqui, poderíamos brincar dizendo que é um gênero discursivo que está à ‘margem da margem’: embora saibamos de alguns cordelistas aqui e outros acolá, não há ainda pesquisas contemplando esse gênero da literatura com tempero capixaba – acreditamos que alguns textos ficaram perdidos no tempo, pois não saíram das adjacências das regiões onde eram veiculados, além de o cordel capixaba algumas vezes estar atrelado às práticas orais, seja por recitação ou reprodução de um texto que deveria ser recitado. O que corrobora com a distribuição dos livros de literatura brasileira feita em nosso estado: muitas vezes fragilizada por conta da pouca tiragem e, muitas vezes, mesmo na contemporaneidade, o próprio autor distribui e divulga sua produção literária.

² Iremos utilizar em nossa pesquisa os termos ‘cordel capixaba’ e ‘cordel produzido no Espírito Santo’, por conta da aproximação do folheto com as práticas orais e populares. Todavia, cremos que a literatura feita no Espírito Santo é autônoma, de acordo com Carvalho (apud NEVES, 2019, p.08) e compõe o cenário da literatura brasileira.

Enganam-se aqueles que pensam que a literatura de cordel brasileira é vigorosa apenas na região nordestina do país, sobretudo nos estados de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Nos dias hodiernos podemos perceber que os cordéis migraram para outros estados do Brasil: Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro – neste último se localiza Academia Brasileira de Literatura de cordel, ABLC, fundada em 1988.

No Espírito Santo, a chegada do gênero discursivo até o momento é imprecisa, no entanto, em entrevista com o cordelista capixaba Cesar Domiciano, ele mostra acreditar que o gênero chegou à região Sudeste no período de urbanização de São Paulo, no segundo governo do Presidente Vargas (1951-1954), quando os nordestinos rumavam ao estado em busca de emprego trazendo consigo o seu apreço pela cultura popular. A partir daí, o gênero teria sido disseminado nos outros estados da região, o que dialoga com as pesquisas de Marinho e Pinheiro, as quais pontuam esse processo migratório, pois “[...] a virada do século XIX no Brasil foi marcada por mudanças que afetaram, sobretudo os trabalhadores que viviam do campo, em condições de dependência e favor” (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 18).

Conseguimos aqui reunir 21 escritores, cordelistas ou apenas produtores de cordel, alguns destes, mesmo não sendo naturais do Espírito Santo, produzem/ produziram ou distribuem ou já distribuíram seus textos por aqui – e ainda há aqueles que usaram do processo editorial dos folhetos para a publicação de suas obras. Esse mapeamento foi produzido a partir de buscas na internet, contato com presidentes ou acadêmicos de algumas Academias de Letras via e-mail, assim também com estudiosos da literatura produzida no Espírito Santo ou em diálogo com os próprios cordelistas.

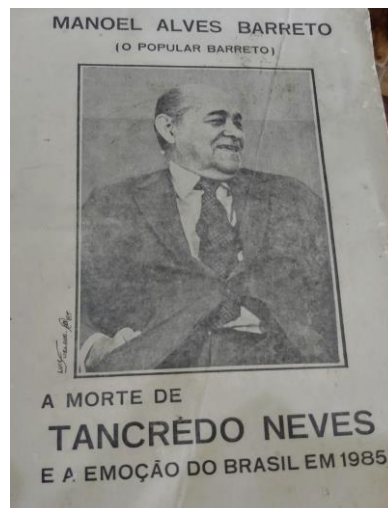
Os dados e informações aqui concebidas sobre estes autores e autoras, os quais produzem/ produziram cordel no Espírito Santo foram consolidados através de buscas na internet, de diálogo ou troca de e-mail com presidentes ou membros de algumas Academias de Letras capixabas, bem como contato com estudiosos de literatura produzida no Espírito Santo e de entrevistas ou conversas informais com os próprios cordelistas ou seus familiares. Destacamos, inclusive, a falta de material bibliográfico, no que se diz respeito à pesquisa, acerca da produção desse gênero discursivo em nosso estado.

Provavelmente um dos nossos primeiros cordelistas tenha sido Manoel Alves Barreto ao publicar seus folhetos em Pinheiros, interior do estado. Conhecido popularmente como Barreto, nasceu em 1923 no distrito de Lagoa do Cêdro, em Ibipeba na Bahia. Publicou os livretos *A eleição do inferno*, *História de uma mulher que foi no inferno em vida*, *O sabiá-apaixonado*, *Homem de mau coração*, *Pobres erros imperdoáveis*, *Um pouco do meu sertão* e

um livro todo em cordel sobre a morte do presidente Tancredo Neves: *Tancredo de Almeida Neves – a emoção do Brasil*.

Barreto foi Comissário de Menor em Pinheiros, foi candidato a vereador da cidade e antes de morar naquele município foi subdelegado de Vinhático, também no interior do Espírito Santo. O cordelista, que faleceu aos 85 anos, em 2009, em decorrência de Mal de Parkinson, estudou até a 4ª série e tinha o hábito de fazer rimas com o auxílio de dicionários, segundo sua filha Marinês Barreto³. Barreto também era repentista e faz parte da cultura daquele município, inclusive em 2011, o grupo Ressoar, formado por estudantes do Ensino Médio da EEEFM “Nossa Senhora de Lourdes”, juntamente de suas professoras Daianny Priscila Avancini e Luciene Martins organizaram uma coletânea com a produção de Barreto – a obra foi realizada por um edital da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo.

Figura 1 – Capa do folheto *A morte de Tancredo de Almeida Neves – a emoção do Brasil*.



Fonte: Acervo do autor (2019).

Outro escritor capixaba que, possivelmente, foi um dos primeiros em nosso estado a escrever cordel, segundo o pesquisador de autoria capixaba e literatura produzida no Espírito Santo, Francisco Aurélio Ribeiro⁴, foi Elmo Elton (1925-1988):

Elton foi um dos poetas capixabas que trouxeram para a poesia as personagens populares da ilha: o pescador, a rendeira, o catraieiro, que são temas de suas primeiras publicações *Marulhos*, de 1946 e *Poemas que a onda levou*, de 1947. Após essas primeiras publicações, que lhe renderam a alcunha de “Poeta de Cidade” [...] Até 1982 dedicou-se à escrita de trovas, poemas de inspiração parnasiana e à escrita de biografias, principalmente de membros da família do poeta Alberto de Oliveira... (JACINTHO, 2018, p.33).

³ Informações disponibilizadas pela filha de Barreto em entrevista realizada em janeiro de 2020.

⁴ Informações disponibilizadas via e-mail.

Percebemos assim, que Elmo Elton foi um escritor totalmente versátil, porque conseguiu, inclusive, em sua obra produzir trovas e expunha a cultura popular da capital Vitória, entre os anos 40 e 80, em suas publicações. Elton estudou Jornalismo no Rio de Janeiro, foi acadêmico da Academia Espírito-Santense de Letras, integrou o quadro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, produziu diversas antologias e biografias. Veio a falecer em 1988, ficou conhecido como “Poeta da Cidade”. Consoante a sua biografia publicada em 2014, produziu alguns cordéis capixabas: *ABC de Vitória, O Convento da Penha, O Padre José de Anchieta no Espírito Santo, São Francisco de Assis, Terra Capixaba, Caboclo Bernardo, O enfermeiro das contas brancas e a sineta de ouro, A lenda de Braz Gomes – O Judeu Pescador*.

Hermógenes da Fonseca, poeta e folclorista capixaba nascido no distrito de Itaúnas, em Conceição da Barra, também escreveu cordel. Conhecido como ‘Dotô Harmojo’, descendente de índios botocudos da Serra de Aymorés, foi um dos intelectuais que mais contribuíram para disseminação da cultura popular e folclore capixaba. Formou-se em Contabilidade e Direito, membro do Partido Comunista do Brasil (PCB), tornou-se vereador de Vitória, no entanto, foi perseguido e torturado durante a Ditadura Militar. Segundo Neves (2019), ele fez uso do processo editorial dos folhetos:

Hermógenes Lima Fonseca (1916-1996) é autor que escapa a qualquer categoria. Embora rotulado como folclorista, e o foi, Hermógenes deu uma contribuição importante na criação de fábulas tendo como personagens as pessoas simples do norte do Estado, sobretudo Conceição da Barra e São Mateus. Nesse estilo foi cronista da revista *Você*. Dentre as inúmeras obras que deixou, a maioria em forma de folhetos, se destacam *Estórias de bichos contadas pelo povo* (1984), *Curubitos* (1992) e *Contos do pé do morro* (1993) (NEVES, 2019, p. 92).

Acreditamos que a mais popular dos cordelistas encontrados, é Kátia Maria Bóbbio Lima, natural de Conceição da Barra, a escritora produz literatura de cordel desde 1978 e, podemos dizer que é a primeira mulher, com certeza, a fazer cordel em nosso estado. Kátia, que também é artista plástica mora há 43 anos na Praia do Suá, em Vitória-ES. Ela possui mais de 100 títulos de Cordéis publicados e é acadêmica em 07 academias de letras do Espírito Santo: Academia Mateense de Letras; Academia Espírito-santense de Letras; Academia Guarapariense de Letras e Artes; Academia de Letras e Artes de Conceição da Barra; Academia Marataizense de Letras; Academia Feminina Espírito-Santense de Letras; Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas Trovadores. E fora do estado Kátia é membra da Academia Castro Alves de Letras de Salvador-BA e Academia de Letras - Seção MG.

Bóbbio recebeu premiações em Portugal e quatro vezes na França, uma delas em comemoração ao Dia Mundial da Literatura de Cordel embaixo da Torre Eiffel, e na Suíça.

Quando entrevistada à **Revista de Cultura do Diário Oficial do Espírito Santo**, Bóbbio expõe que tem 154 cordéis escritos e 137 publicados, também disse que se apaixonou por esse gênero discursivo ainda na adolescência, quando passava os finais de semana no interior baiano e participava de algumas festas daquela região. Em muitas de suas produções, Kátia enaltece as praias, parques, monumentos históricos e personalidades que compõem a história de nosso estado – como podemos ver nesse fragmento de Convento da Penha em Cordel:

Em quinze, cinqüenta e oito (1558)
 Chegou à Capitania
 Esse franciscano irmão
 Que consigo Ele trazia
 Muito amor e muita fé
 Nesse grandioso dia.

Chegou ao Espírito Santo
 Ficou três dias sumido
 E o povo não sabia
 Para onde o Frei tinha ido,
 Numa gruta ao pé do monte
 Ele tinha se escondido (BOBBIO,20--, p.02).

Ressaltamos que os cordéis de Kátia também dão espaço para o cômico, para problemas ambientais e sociais (como aquecimento global, bullying e violência contra a mulher).

Figura 2 – Capa do folheto: *Violência contra a Mulher em cordel*.



Fonte: Acervo do autor (2019)

Na Serra temos o cordelista e trovador Clério José Borges Santana, que publicou livro todo em cordel, *Vampiro Lobisomem de Jacaraípe* (1983/2005) – tendo a primeira edição em

1983 como folheto de cordel. Clério Borges nasceu na região do Aribiri, Vila Velha /ES. É membro e fundador da Academia de Artes e Letras da Serra, assim como também do Clube de Trovadores Capixabas, também é acadêmico da Academia de Letras de Vila Velha e foi um dos intelectuais que potencializaram a Federação Brasileira de Entidades Trovistas. Acadêmico Participa como correspondente da Academia Cachoeirense de Letras, de Cachoeiro de Itapemirim/ES; da Academia Petropolitana de Letras de Petrópolis, no Rio de Janeiro e da Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas. Clério tem como primeira formação Técnico de Contabilidade, mas já atuou como professor em escolas do ensino de base da Serra, Vila Velha e Vitória e também como jornalista nos jornais da capital capixaba **A Tribuna e O Diário**.

Borges já recebeu diversas premiações e também já foi Conselheiro Titular do Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo entre o fim dos anos 80 e início dos anos 90. É preciso ressaltar que Clério Borges organiza seminários e concursos sobre trovas tanto no Espírito Santo, quanto fora do estado. E tem vasta produção literária: prosa, pesquisa, cordel, trovas e se autodenomina “historiador, escritor, poeta trovador capixaba”.

Figura 3 – Capa do folheto: *O Vampiro Lobisomem em Jacaraípe*.



Fonte: Acervo do autor (2019).

Teodorico Boa Morte é um poeta que também é músico, folclorista e acadêmico da Academia de Letras e Arte da Serra. É descendente de negros e índios, nasceu em Retiro, distrito de Aracruz/ES. Atualmente mora em Nova Almeida, balneário da Serra. Estudou no Colégio Estadual de Vitória.

Na literatura lançou um livro em cordel *Insurreição do Queimado* (2019) – livro lançado em 1998, que recebeu nova edição em 2019, este narra a Revolta dos Negros Escravos ocorrida em Queimado, distrito do Município da Serra, em 1849. Boa Morte é autor da coletânea de poemas *Borbulhar de cantares* (2011); *Igreja dos Reis Magos, de Nova Almeida (ES)* (2011), também em cordel; *Serra, serra, serrador* (2012), obra que resgata histórias populares da Serra e brincadeiras infantis – produzido pela Escola Linus do município da Serra. Em 2016, lançou *Deixa meu canto voar*.

Teodorico Boa Morte também canta cultura popular com a Banda Estrela dos Artistas há aproximadamente 15 anos e é militante e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, PT, no município da Serra. Segundo Renata Bonfim:

Boa Morte é um trovador contemporâneo nostálgico, porém, otimista, e como todo bom poeta, busca no fio da história a inspiração para tecer seus poemas. Um homem simples, sem estrelismos, que carrega uma estrela e ilumina com o seu saber aqueles que param para escutá-lo, artista popular que compartilha com o leitor as alegrias e as dificuldades de quem escolhe a arte como caminho (BONFIM, 2012, SN.).

Em Vitória nós temos Fábio Pererê, ator e contador de histórias, inclusive membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias-SC, que produziu um folheto com vários cordéis baseados em histórias quilombolas do mateense Maciel de Aguiar – retiradas de livros da série História dos Quilombolas. No cordel ele narra a vida de personagens de ascendência africana que realmente viveram as políticas escravocratas em São Mateus, norte do estado, sendo estas: Costância de Angola, Clara Maria do Rosário dos Pretos, Zacimba Gaba, Dona Antônia Paneleira e Chico Pombo. O seu folheto recebe o título de *Cordel Afro* (2019), popularmente chamado de “Cordel Afro-Capixaba” e foi ilustrado pela designer Alessandra Pin Ferraz.

Pererê trabalha juntamente de sua esposa e juntos têm vários projetos, os quais estão relacionados à literatura: Planeta Contos, Piquenique Literário, Encontro de Contação de História Afro-capixaba (no Museu Capixaba do Negro, em Vitória) e Biblioteca Afro-itinerante. O cordelista almeja contar, em seu próximo trabalho com literatura de cordel, as narrativas que compreendem monumentos históricos de nosso estado – segundo o próprio autor, o objetivo é valorizar a história capixaba, muitas vezes ignorada em nossa literatura e escolas.

Figura 4 – Capa do folheto *Cordel Afro*.



Fonte: Acervo do autor (2020).

Wladimir Cazé é natural de Petrolina e mora em Vitória desde 2009. Graduiu-se em Jornalismo pela UFBA é mestre em Letras e doutorando em Letras pela UFES, com pesquisa em tradução literária. Também está se graduando em Letras Português – Espanhol. Além dos folhetos de cordel, publicou duas antologias poéticas *Microafetos* (2015) e *Macromundo* (2010), traduziu, juntamente de Rafael dos Prazeres, *O assassino de porcos* (2017) de Luciano Lamberti. O escritor, apesar de estar morando há dez anos no Espírito Santo, ainda não produziu literatura de cordel depois que chegou aqui. Cazé ainda mantém um blog⁵ onde traz seus textos, livros, resenhas e fala sobre suas viagens.

Figura 5 – Capa do folheto *A filha do imperador que foi morta em Petrolina*



Fonte: Acervo do autor (2019).

Cesar Domiciano⁶ é um paulista de Mogi-guaçu radicado em São Mateus, interior do Estado. Além de poeta é acadêmico da Academia Mateense de Letras (AMALETRAS), ator, declamador e educador. Em julho de 2019, o curso de Educação Física da Faculdade Vale do Cricaré, em São Mateus, organizou o *12º Festival de Dança – Auto do Cordel de César Domiciano* com uma homenagem ao artista de literatura popular da cidade. E uma das *tags* em notícia da matéria do jornal local TCONLINE era ‘cordelista capixaba’, porque apesar de paulista, Domiciano fala “das riquezas capixabas, em especial às encontradas ao extremo-norte do Estado” (TCONLINE, 2019).

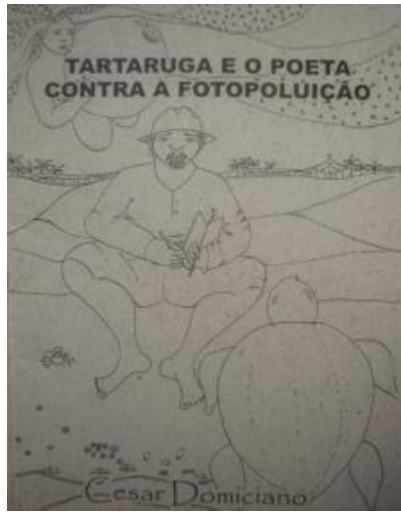
O pai de César era mineiro que partiu rumo a São Paulo em busca de condições melhores no período de urbanização daquele estado e trabalhou em obras “furando trem” com outros nordestinos. Seu pai era analfabeto, todavia, sabia da importância da prática de leitura e comprava livretos de cordéis para seus filhos e levava-os para casa. Iniciava a contação das histórias que ouvira a partir dos cordelistas que trabalhavam com ele e instigava que os filhos lessem para que descobrissem o final. Foi assim que César aprendeu a ler. Cesar, em entrevista⁷, rememorou carinhosamente de sua professora, Marli do primário, que ao ler suas produções de texto, o chamou de cordelista.

César ainda disse que naquela época, cordel era apenas poesia ou repente, e que cordelista é um termo “culto” que os intelectuais da época começaram a usar. O cordelista também se lembrou de uma moça que tomava conta dele e de seus irmãos no cortiço em que moravam, Sueli, que também tinha o hábito de ler literatura de cordel enquanto “tomava conta” dele. Domiciano, já adulto, trabalhou na gestão do município de Imbu, São Paulo e ele, juntamente de sua esposa, Shila, faziam trabalhos com idosos e doentes mentais, embasando-se na Arte e em Literatura de Cordel, em instituições especializadas. César recentemente se graduou em Pedagogia do Campo e acredita na mudança social que os folhetos de cordel podem viabilizar.

⁶Algumas das informações aqui presentes foram extraídas de conversas com o próprio cordelista (presencialmente e via Messenger do Facebook) assim como pessoalmente em entrevista e no WhatsApp com a presidenta da AMALETRAS, Eliane Auer.

⁷ Conversa realizada em janeiro de 2020 com o professor-pesquisador.

Figura 6 – Capa do folheto *Tartaruga e o poeta contra a ftopoluição*.



Fonte: <https://jornalbarato.files.wordpress.com/2010/05>.

Em Cachoeiro de Itapemirim temos o professor, já aposentado, Aécio de Bruim: é natural desta cidade e passou sua adolescência às margens do rio que dá nome ao município. Graduou-se em Letras na Ufes e fez uma especialização na Universidade Salgado de Oliveira - RJ. Além de cordéis, publica desde os anos 80 contos, poesias, crônicas que circulam pelos jornais da região. Em 2005, publicou o folheto *Cinó, um capixaba sem medo*. Já homenageou em versos de cordel o escritor cachoeirense Rubem Braga:

Salve o nosso Sabiá
 Da crônica brasileira
 Com inúmeras personagens
 E traz sempre por bandeira
 A cidade de Cachoeiro
 Durante a vida inteira... (BRUIM, 2014, p. 05)

Outra homenageada por Bruim em cordel foi a artista naturalista Luz del Fuego, também de Cachoeiro de Itapemirim. O cordelista capixaba também já trabalhou como professor do ensino de base pela Rede Estadual e também publicou cordéis infantis: *Histórias de um macaco em versos de cordel* e *A festa no céu e outras histórias em versos de cordel*.

Em Vila Velha, temos Agnalberth Gonçalves de Campos, mineiro de Contagem que mora em Vitória desde quando era bebê. Tornou-se empresário no ramo da construção, trabalhando em São Paulo e até na Europa. Sonhava em ser administrador, todavia, tornou-se motorista de caminhão e fotógrafo amador viajando pelo Brasil. Agnalberth escreveu cerca de 85 folhetos de cordel, dentre eles um ou outro tratando da cidade de Vitória, é muito conhecido no Pará, onde publicou aproximadamente 180 cânticos filosóficos no jornal *O favorito* de Parauapebas, PA.

Figura 7 – Capa do folheto *Vila Velha na cantada do cordel*.



Fonte: Arquivo do próprio autor (2020).

Em Ecoporanga temos o poeta que narra a história daquele povo em cordel, condensados em livros: Paulino Leite, nascido em Jequié, na Bahia, chegando ao estado ainda criança, com seis anos. Conhecido como Paulino PT, pois é filiado ao Partido dos Trabalhadores e ainda teve três mandatos seguidos como vereador no município de Ecoporanga – esta que é base de sua poesia:

No ano de 55
 Ainda era mata virgem
 Não existia ambulância
 Nem também uma viatura
 Pois não existia estrada
 Na mata só tinha picada
 E nos homens e as pisaduras

Nos ombros que carregam
 A padiola e o doente
 Não podia voltar para trás
 Só podia seguir para frente
 De Águia Branca para Ecoporanga
 Com mata de ponta a ponta
 E rios de água corrente... (LEITE, 2004, p. 150).

Paulino Leite estudou até a 4ª série, tem 14 livros publicados e desde 2015 tem se preparado para publicar o 15º sobre o distrito ecoporanguense de Imburana, o qual morou com seus pais na região do Córrego do Facão. Paulino ainda com sua produção em cordel, publicou em 2001 a obra *O massacre de Cotaxé*, o qual narra o cotidiano dos moradores da Vila de Cotaxé e traz a voz dos militantes do movimento agrário, conhecido como Movimento

Udelinista – a organização dos posseiros da vila de Cotaxé, região contestada entre Espírito Santo e Minas Gerais, Lage (2016).

Figura 8 – Paulino Leite, em 2017, recitando sua poesia em cordel em escola de Ecoporanga.



Fonte: Acervo do autor (2017).

Outro produtor de cordel no Espírito Santo é Vitor Vogas, jornalista titular do jornal **A gazeta** desde 2008 e colunista desde 2015. Diariamente publica neste jornal análises sobre o contexto político do Espírito Santo, muitas destas são feitas em cordel. Ele traz o cordel com uma roupagem mais atual, inclusive, publicava na internet até abril de 2015. Vogas criou uma personagem, Severino Severo que tratava de pejejas e duelos entre personalidades da política brasileira, como entre Dilma Roussef e Aécio Neves (Caderno Dois, setembro de 2015).

Ainda em nossas buscas, encontramos o professor Leonardo Dutra Ferreira que estuda este gênero discursivo desde sua graduação em Letras Português/ Espanhol. Embora, até este momento não tenha publicado nenhum folheto, Ferreira organiza grupos de estudo e momentos de recitação, onde ele mesmo recita suas produções, em Vitória.

A professora Maria do Carmo Conopca, publicou *O menino que nasceu aos 15* (2019), texto em cordel que é produto educacional oriundo de sua pesquisa enquanto discente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, Campus Vitória. O cordel expõe a relevância do uso do nome social como ferramenta para a identidade de gênero de estudantes transexuais na Educação Profissional e Tecnológica do Ifes, diante publicação do Decreto nº 8.727/2016. Segundo a autora, na apresentação escrita de seu produto educacional, não se trata de uma história única, mas a união de relatos, histórias, memórias e depoimentos de discentes e servidores (as)

transexuais do Ifes Campus Colatina, *locus* de coleta de dados da professora pesquisadora (CONOPCA, 2019).

Esporadicamente, Adilson Vilaça tem publicado em sua página do Facebook versos em cordel, o mais recente homenageia o município de Ecoporanga a partir da figura de Mestre João Miguel Pereira, representante da cultura popular capixaba da Prata dos Baianos, distrito de Ecoporanga, que, em 2020, completou 103 anos. Ressalta-se que Adilson Vilaça é mineiro, mas passou sua infância em Ecoporanga e vive em Vitória desde 1977. Vilaça já publicou mais de 40 títulos, contudo, segundo o próprio autor, ainda nenhum folheto físico, todavia, o seu próximo livro *Quem é dono desta morte?*, traz dois cordéis: “Cordel de Dona Geralda” e “Cordel de Mestre Ivan” – mais uma vez engrandecendo os movimentos culturais e as pessoas que fazem parte da história de Ecoporanga.

Em São Pedro, bairro de nossa capital Vitória, também tivemos um cordelista: Adenir Bernadino Alves, já falecido, que veio do interior do estado, era carpinteiro e escrever cordéis era o que mais gostava de fazer “porque quando a gente começa a ler um verso dá vontade de ler outra a seguir” (Revista IJSN, 1987). Bernadino publicou dois folhetos *A amante assassina* e *O bairro São Pedro*.

De acordo com o *Caderno Dois do Diário Oficial do Espírito Santo* (2015), na Serra ainda existe o poeta Juacy Lino Feu, residente na Avenida Alfeu Ribeiro, ao lado da Igreja Batista, em Carapina, além de Pedro Maciel da Silva, no mesmo município, e Moacir Malacarne também fazem cordéis no Espírito Santo. De acordo com Adilson Vilaça, via e-mail, Célia Oliveira, hoje residente da Irlanda, também escreveu um cordel capixaba a pedido dele. E ainda, temos o senhor Renato de Souza Lima, natural de Alegre e que mora em Vitória, que publica suas poesias em cordel em sua página do Facebook.

O cordel no Espírito Santo não é vendido em feiras e praças, geralmente é apresentado em eventos de Arte ou Literatura, e é produzido por intelectuais, pessoas inseridas em um contexto letrado – uma marca das produções em cordel da contemporaneidade – que trazem à tona a vida capixaba. Todavia, se assemelha ao cordel nordestino: feitos em rimas (que não seguem métricas categóricas, muitas vezes), a tradição capixaba local é exposta, há aqueles que trazem críticas políticas, problemas do cotidiano, monumentos históricos e personagens célebres da cultura regional e nacional são exaltados. Os cordéis no Espírito Santo são apresentados não só em folhetos, mas também em livros inteiros nessa perspectiva poética e páginas na internet, como redes sociais e blogs. Não há xilogravuras, porém, os livretos podem trazer nas capas fotos, gravuras desenhadas ou computadorizadas.

Situando o cordel capixaba ao cenário da literatura produzida no Espírito Santo, percebemos que nossos escritores muitas vezes fazem a arcam com a elaboração e o fornecimento de suas obras, assim como a divulgam; mesmo quando produzem a partir de uma editora. Atualmente muitos escritores divulgam e vendem seus livros pela internet. E na literatura de cordel capixaba contemporânea, entendida como um gênero da literatura, também segue nesse sentido: custeiam sua produção (quando não o fazem por meio de leis de incentivo) e a divulgam.

Estas investigações mostram-nos que o Espírito Santo produziu e ainda produz cordéis capixabas, tendo em vista este gênero discursivo como um enunciado concreto emprenhado de marcas sócio-históricas/ ideológicas/ culturais de diversas regiões e tempos de nosso estado. Percebemos também que muitos desses “cordelistas” possuem formação pedagógica e são professores, logo cremos que em algum momento essa manifestação artístico-literária adentra às escolas, todavia, cremos que não seja uma prática comum. Por isso, vemos a necessidade de trazê-los à luz do ensino de leitura e escrita nas escolas do Espírito Santo, como também em pesquisas acadêmicas. Ressaltamos que aqui conseguimos atingir mais um objetivo específico de nossa investigação: mapear cordelistas capixabas, mas, admitimos que nem todas as pessoas que produzem cordel aqui podem ter sido evidenciadas, porque não é um gênero discursivo muito comum em nosso estado, além disso, existem várias formas contemporâneas em que um escritor pode fazer suas publicações; e se tratando do cordel, a publicação pode estar para além dos tradicionais folhetos.

5 XILOGRAVURA DA PESQUISA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa ação-colaborativa (de abordagem qualitativa) utilizamos seis procedimentos metodológicos: 1) a consulta bibliográfica (para aprofundamento teórico-metodológico); 2) rodas de leitura e proposta de produção de cordéis com estudantes de 8º ano de uma escola da Rede Estadual de ensino do Espírito Santo; 3) produção de dados a partir de anotações em caderno de campo; 4) produção do relatório de pesquisa com as devidas discussões vivenciadas no processo; 5) elaboração de um caderno pedagógico, como produto educacional, com histórico da literatura de cordel no Espírito Santo, produções dos estudantes supracitados, biografia dos autores que fizeram uso desse gênero discursivo, sugestões de atividades e link com folhetos de cordel capixaba para que professores e discentes possam fazer uso desse material em aulas de língua portuguesa; 6) validação via e-mail do produto educacional com outros professores de língua portuguesa.

Em nossa consulta bibliográfica foram trazidos pesquisadores atuantes na perspectiva de ensino da língua em uma abordagem dialógica, como João Wanderley Geraldi (1997) e Brait (2005), dialogando com os conceitos de Enunciado Concreto e Dialogismo de Bakhtin (2018). Trazemos o trabalho de Ana Cristina Marinho e Helder Pinheiro (2012) acerca do uso do gênero discursivo cordel no contexto escolar. Também foi analisado o documento oficial que compreende, atualmente, a educação básica brasileira: a BNCC. Outras investigações acadêmicas foram trazidas à pesquisa, maior parte delas oriundas de mestrados profissionais, as quais movimentaram olhares consoantes à teoria bakhtiniana aplicada nas aulas da disciplina de português.

Lopes (2019), em seu trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal do Ceará, traz uma concepção de leitura interacionista, onde ela “é tida como um processo de busca por significados e que o leitor se apresenta como um participante ativo desse processo” (LOPES, 2019, p. 70). A professora-pesquisadora em sua averiguação aplicou uma sequência didática envolvendo atividades de leitura com literatura de cordel para estudantes de 6º ano, para trazer a voz dos participantes da pesquisa acerca do significado da leitura em suas vidas, foi aplicado um questionário socioeconômico que contemplava essa temática. Inclusive, a profissional a partir dessa coleta conseguiu alinhar as estratégias interventivas presentes na sequência de atividades. Os participantes de nossa pesquisa possuem uma faixa etária diferente da pesquisa de Lopes, assim como o contexto de aplicação do momento prático da pesquisa, o qual foi envolvido pela pandemia de Covid-19, e nossas estratégias de leitura estão envolvidas por um viés dialógico de linguagem.

No trabalho de mestrado de Ana Valéria Ubaldo da Silva, a pesquisadora contemplou também a escrita em uma prática dialógica em uma escola municipal do sertão pernambucano, em que dá voz e vez aos estudantes na aplicação de sua sequência didática com literatura de cordel e se pré-dispõe a uma escuta sensível, a qual foi de extrema importância para traçar uma intervenção pedagógica diante das produções de texto de seus estudantes. Silva ainda fala da relevância de estudantes e professores estarem motivados e da atenção que os professores precisam ter aos contextos reais de produção de conhecimento para se potencializar uma prática de ensino de caráter dialógico: “[...] para uma prática pedagógica mais dialógica e efetiva também é necessário procurar identificar em quais ações sociais o aluno se engaja para atuar em seu meio” (SILVA, 2017, p. 54). Ambas as investigações, apesar de alguns distanciamentos, compreendem o viés de pesquisa-ação colaborativa, assim. Sobre pesquisa-ação:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática se deseja melhorar a compreensão desta (ENGEL, 2000, p. 182).

Em nosso trabalho não usamos metodologia de Sequência Didática, pois é um procedimento que precisa seguir à risca os módulos que a compreendem, e acreditando na importância das informalidades de um contexto real de produção do saber, trazemos em nosso produto educacional sugestões de atividades que evidenciam o cordel capixaba, mas que podem ser aplicadas a partir das diversas realidades escolares que uma turma ou instituição escolar possa ter.

A turma a qual foi aplicada as rodas de leitura e produção possuía 36 estudantes, todavia por causa da pandemia de Covid-19⁸ que se alastrou pelo mundo, apenas 14 participaram das rodas de leitura de cordel via *Meet* e só 11 devolveram o trabalho de produção de texto – essas atividades ocorreram de maneira híbrida: ora on-line, ora presencialmente.

⁸ A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

Colocamos em pauta, que a prática aqui percorrida é a própria prática do professor-pesquisador, logo, por questões éticas, movemos aqui um olhar exotópico através dos dados coletados em processo dialógico com os discentes, pois apesar de ser um trabalho comum aos estudantes participantes, há embate de diferentes contextos que precisam ser evidenciados – além disso, o professor, enquanto um sujeito de conhecimento, “[...] não ocupa um lugar concreto determinado na existência” (BAKHTIN, p. 22, 2011) e, ainda, acreditamos na diversidade da existência e da percepção de outrem.

Dessa forma, o professor-pesquisador se predispõe a ser empático com os sujeitos participantes do momento prático desta investigação, a fim de chegar às conclusões a partir de não apenas de um olhar único, mas de um excedente de visão, porque o outro, os sujeitos pesquisados, contribuiu para uma visão holística desse processo e das configurações estruturais que o envolvem.

Defendemos aqui a vitalidade de um enunciado, por isso trazemos o contexto de produção desta pesquisa, o qual teve seu movimento modificado devido à pandemia de Covid-19, pois as escolas (estaduais, municipais e particulares), assim como universidades públicas e privadas, foram fechadas em 17 de março de 2020 até o dia 03 de abril, quando a Secretaria Estadual de Educação decreta férias, retomando remotamente, em 06 de abril, às práticas de ensino.

Nessas práticas pedagógicas, as professoras e professores não ministravam as aulas, as quais eram disponibilizadas por uma plataforma de aulas no Youtube do Centro de Mídias de Educação do Amazonas⁹ e os discentes da rede estadual de ensino executavam atividades feitas por seus professores e embasadas nessas explanações on-line. Nesse mesmo período, a Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo cria o aplicativo EscoLAR:

O Programa EscoLAR contempla um conjunto de recursos capazes de apoiar as escolas e os professores na continuidade do processo de ensino e aprendizagem por meio da complementação das aprendizagens já adquiridas e do desenvolvimento de novas aprendizagens pelos estudantes, de forma a favorecer a manutenção do seu vínculo com a escola e visando, entre outros objetivos, evitar um aumento da evasão escolar (ESPÍRITO SANTO, 2020).¹⁰

⁹ O Centro de Mídias do Amazonas pertence a secretaria estadual educação desse estado e, desde 2007, fornece aulas na TV, que são disponibilizadas também no YouTube, para estudantes de zonas rurais. Devido à pandemia de Covid-19 a rede estadual de ensino do Espírito Santo criou uma grade na televisão e disponibilização de links dessas web-aulas para os estudantes capixabas.

¹⁰ Documento não paginado.

Assim sendo, o referido Programa é oriundo de uma parceria da rede estadual de ensino com o Google, que nada mais é que o Google Sala de Aula com um layout da rede estadual, onde todas as escolas tinham um perfil e, dentro desses perfis, uma sala de aula digital para cada turma que elas atendiam, onde os professores publicavam suas Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs).

Os estudantes vinculados à rede tinham acesso a esse sistema com e-mails institucionais, criados pela própria Sedu, e aqueles que não possuíam acesso, deveriam buscar o material impresso nas unidades escolares em que estavam matriculados. E os professores, em pleno contexto pandêmico, além das publicações de APNPs, eram “convidados” a cursarem formações acerca de pedagogias de projeto, produções de videoaulas ou animações. Ainda como atividades que envolviam o trabalho docente era a participação em *lives* promovidas pela rede estadual e/ ou extensas reuniões de professores pelo aplicativo *Meet* – aplicativo da Google de conferências on-line.

Inicialmente, poucos estudantes manuseavam o EscoLAR, visto que não se contabilizava período letivo e as atividades não tinham nenhum valor e os discentes não tinham a obrigatoriedade de executá-las.

A partir do dia 1º de julho de 2020, as Atividades Pedagógicas Não Presenciais foram computadas como aulas letivas, para fins de reposição do 1º trimestre. Nesse momento, cabia às escolas estaduais uma proposta de resgate desses estudantes, busca-ativa, que já tinham ficado em torno de 04 meses afastados das instituições escolares, todavia, não existia a obrigatoriedade para a resolução das tarefas e o “contato” com o estudante passa a valer como presença no que se diz respeito aos diários de classe – alguns estudantes tinham contato com a escola, pois buscavam cestas básicas na escola, segundo a Sedu, essa estratégia seria para “[...] tentar reduzir as desigualdades sociais” (ESPÍRITO SANTO, 2020).

As escolas estaduais e particulares da educação básica retomaram, gradualmente por etapas de ensino, o trabalho presencial em 13 de outubro – sendo o Ensino Fundamental II no dia 26 do mesmo mês. Inicialmente por forma de revezamento semanal com 50% dos estudantes “para fins de prevenção e controle da transmissão do novo coronavírus” (Espírito Santo, 2020), mas pela não obrigatoriedade e pelo contexto de contaminação a maioria dos estudantes optaram por não voltar às escolas, fazendo uso apenas da Plataforma EscoLAR. E os estudantes presentes, deveriam seguir um modelo educacional híbrido, segundo o Plano de Retorno às aulas presenciais da Rede Pública Estadual de Ensino do Espírito Santo, para se garantir um *continuum* curricular, assegurando a progressão curricular” (Espírito Santo, 2020).

Percebemos nessa crise sanitária o quão a escola pública reproduz práticas não democráticas, pois nem todos os estudantes, de diferentes séries e etapas de ensino, não tinham acesso à sala virtual ou não tinham habilidade para manuseá-la, assim como muitos professores e educandários. Além de os educadores e educadoras, de suas casas e com seus equipamentos de uso pessoal (celular, notebook e internet) movimentavam as demandas burocráticas e pedagógicas estipuladas pela rede.

Nesse período presencial, que durou até 23 de dezembro, as escolas foram estruturadas respeitando aos protocolos sanitários da Organização Mundial de Saúde (OMS) a fim de evitar o contágio pela Covid-19: álcool em gel disponíveis nas salas e corredores, número de carteiras reduzidos nas salas para promover o distanciamento físico, pias pelos corredores, sujeitos dentro de algum grupo de risco ou contaminado deveria ser mantido em isolamento social, máscaras foram distribuídas para discentes, docentes e equipe técnico-pedagógica das escolas. Tentava-se também diminuir a circulação de pessoas no ambiente escolar. Essas adequações nas estruturas escolares foram alinhadas de acordo com decretos divulgados em parceria da Secretaria Estadual de Saúde, Sesa, com a Sedu. Todavia, após o retorno presencial, segundo o Jornal A Gazeta, 326 pessoas foram contaminadas pelo vírus do covid-19: nas escolas da rede estadual, 26 estudantes e 300 profissionais da educação – irresponsavelmente as escolas foram transformadas em verdadeiros vetores de coronavírus.

Por conta da crise sanitária que se alastrou pelo mundo foi preciso adequar nossos movimentos de pesquisa às novas realidades das escolas e estudantes. A aplicabilidade de trabalhos de leitura e produção textual aconteceu em 2020, entre os meses de setembro e novembro, com um pequeno grupo de estudantes desta turma de 8º ano do ensino fundamental II de uma escola da Rede de Ensino Estadual do Espírito Santo em Vila Velha.

Optamos por pesquisa de caráter qualitativo, porque os dados aqui produzidos também foram concebidos a partir da interação dialógica entre os estudantes participantes da pesquisa e o pesquisador. Trazemos um trabalho interventivo e colaborativo, pois nossa proposta de investigação trouxe também a contrapalavra dos estudantes em suas produções de texto, inclusive, duas miraram críticas ao cenário pandêmico. Tratando-se de uma pesquisa colaborativa, pesquisa-ação, nosso trabalho é constituído em um espaço de conscientização, análise e crítica; pois potencializa a autorreflexão acerca da desenvoltura docente (PIMENTA, 2005, p. 526).

Exposto o movimento dessa pesquisa-ação (colaborativa), assim como o meio pandêmico a qual foi compreendido, nas próximas seções deste capítulo apresentaremos a instituição em que a pesquisa foi aplicada, assim como os sujeitos participantes;

disponibilizaremos sugestões de propostas dialógicas envolvendo o cordel capixaba e apresentaremos nosso produto educacional, um caderno pedagógico, e sua produção que também traz a participação dos sujeitos integrantes da pesquisa da pesquisa, os estudantes – além de mostrarmos sua validação com outros professores de Língua Portuguesa.

5.1 CONTEXTO DE PESQUISA E SUJEITOS PARTICIPANTES

A instituição onde a pesquisa foi realizada faz parte da Rede de Ensino Estadual do Espírito Santo e anteriormente, a instituição fazia parte do Projeto de Escolas Polivalentes. O colégio está situado na Av. Santa Leopoldina, s/n, Coqueiral de Itaparica, Vila Velha/ES, em um bairro urbanizado que possui diversas casas e prédios residenciais, pontos comerciais, lojas de departamentos, supermercados, bancos, clínicas médicas, hospitais, escolas particulares e outras escolas públicas. O prédio escolar passou por uma reforma entre os anos de 2016 e 2019.

De acordo com o disposto em seu Projeto Político Pedagógico, o educandário pretende oportunizar ao discente uma efetiva condição de aprendizado, consonante com a sociedade atual, de forma que, ao ingressar no mercado de trabalho, ele possa ter uma melhor qualificação e, com isso, atingir melhores posições – tanto que a instituição oferta à comunidade o Ensino Médio Integrado, atualmente no turno matutino. Além desta etapa, a escola atua com Educação para Jovens e Adultos no noturno e também oferta os anos finais do Ensino Fundamental no período diurno, até 2020, nos turnos matutino e vespertino; em 2021 apenas no período da tarde.

A escola, ainda de acordo com o seu Projeto Político Pedagógica, atende a um grupo de estudantes de diversas classes sociais, logo, bastante heterogêneo quando nos referimos às condições socioeconômicas. Uma parcela é formada por estudantes moradores do bairro e de regiões adjacentes à escola e a outra parte composta por alunos de bairros periféricos do município de Vila Velha.

Conforme o Projeto Político Pedagógico de 2013, atualizado em 2019, a escola pode comportar cerca de 418 matrículas em cada turno. O perfil dos discentes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Integrado é de idade entre 10 e 18 anos. Devido a casos de repetência, evasão e até mesmo problemas familiares, há alguns casos de distorção idade/série, principalmente no Ensino Fundamental.

Quanto à Educação de Jovens e Adultos, EJA, a escola tem estudantes de diversas idades, entre 18 e 60 anos. Porém, percebemos que o público desse segmento de ensino vem se moldando cada vez mais por jovens, oriundos do ensino regular dessa própria unidade de ensino. Essa modalidade é composta, em sua maior parte, por trabalhadores, que não puderam frequentar a escola na idade adequada devido à necessidade de trabalhar para subsidiar a participação financeira deles na renda familiar.

Dos 36 estudantes da classe em que foram realizadas as atividades, 16 eram meninas e 20 meninos. Contudo, devido ao contexto pandêmico apenas 14 estudantes participaram das rodas de leitura de cordel via *Meet* e apenas 11 participaram do trabalho de produção de texto – essas atividades ocorreram de maneira híbrida: ora on-line, ora presencialmente, inclusive a maior parte dessas entregas originou-se nesse período.

Ressaltamos que o professor-pesquisador teve pouco contato com a turma em 2020, visto que a maior parte dos estudantes vieram de outras instituições escolares: alguns das redes estadual, outros da rede municipal e ainda há aqueles que vieram de alguma instituição privada; a sala ainda era composta por aprendizes de outros municípios e até de outros vindos de outros estados. Alguns destes estudantes estão nessa unidade de ensino desde o 6º ano e a professora de Língua Portuguesa, naquela série, havia trabalhado literatura de cordel e estes conheciam o gênero discursivo supracitado, mas não faziam ideia da existência dos cordéis capixabas.

5.1.1 Relato da experiência prática

Devido ao contexto pandêmico, o professor-pesquisador ficou em torno de 08 meses sem contato presencial com os estudantes. Comunicando-se apenas com eles por meio do aplicativo de conversa WhatsApp e com as postagens de APNPs no EscoLAR. Na 17ª semana de trabalho remoto, entre os dias 03 a 07/08, foi disponibilizado pelo Centro de Mídias do Amazonas o conteúdo de literatura de cordel, juntamente com o de figuras de linguagem, e para complementar o conteúdo, o professor criou dois vídeos, postados na plataforma Youtube¹¹: um sobre a literatura de folhetos do Nordeste e outro sobre o cordel capixaba. Os

¹¹ A literatura de cordel no Brasil: <<https://www.youtube.com/watch?v=BFrSDRDqrkE>> e A literatura de cordel no Espírito Santo: <https://www.youtube.com/watch?v=PyGAQ6_88Mk>

links foram compartilhados nas plataformas de contato com os estudantes – essas produções tinham também o objetivo de reatar os laços existentes entre professor e estudantes.

A ideia inicial sempre foi trabalhar a literatura de cordel enquanto um gênero discursivo da literatura (PINHEIRO, 2018, p.34) para potencializar o trabalho de leitura e produção de textos envolvendo a literatura de cordel produzida no Espírito Santo. Visto que a literatura de cordel, nordestina ou capixaba, não é encontrada nas bibliotecas de nossas escolas, inclusive àquelas que têm bibliotecas ativas (ressaltamos que a rede estadual de ensino não se responsabiliza em manter financeiramente um profissional responsável pelas bibliotecas de suas escolas), organizamos uma pequena antologia com quatro folhetos de cordel dentro de um núcleo temático: cordel capixaba.

De acordo com Pinheiro, a produção de pequenas antologias para o trabalho com a poesia é “uma saída sem limites” (PINHEIRO, 2018, p. 36), e em nosso trabalho com rodas de leitura envolvendo cordel foi a porta de entrada, ainda mais em contexto de pandemia, para que os estudantes participantes pudessem conhecer o cordel capixaba. Nossa antologia foi composta pelos seguintes cordéis: *Os sinais dos tempos*, de José Medeiros de Lacerda; *Violência contra a Mulher em cordel*, Kátia Bobbio; *O Vampiro Lobisomem de Jacaraípe*, Clério Borges; *Praias do Espírito Santo*, Kátia Bobbio.

Na semana seguinte às videoaulas disponibilizadas, assim como os vídeos postados no Youtube, o professor-pesquisador, pelo WhatsApp e EscoLAR, “marcou um encontro” via Meet propondo uma roda de leitura de folhetos de cordel. O professor disponibilizou digitalizado e em PDF, o folheto *Os sinais do tempo*, do cordelista nordestino José Medeiros de Lacerda.

Figura 9 – Cartaz /convite digital da primeira roda de leitura on-line.



Fonte: Acervo do autor (2020).

No dia 02 de setembro do corrente ano, o primeiro cordel foi lido com apenas 08 estudantes em uma sala de web conferência do *Meet*. O professor propôs a leitura compartilhada a fim de propor uma leitura dramatizada e quando ele lia, seguindo as orientações de Pinheiro (2018), tentou reproduzir o ritmo que os poetas populares propunham em seus versos organizados em sextilhas e rimas interpoladas. Nessa primeira roda de leitura os estudantes participantes se mostraram acanhados e foi um momento que durou em torno de 40 minutos. Era uma situação educativa nova, inclusive para o professor-pesquisador: antes de a roda de leitura iniciar e, conforme os estudantes iam entrando, se perguntava como eles estavam, como iam as práticas de estudos, a situação da saúde de suas famílias diante da crise sanitária a fim de se estreitar as relações afetivas entre estudantes e professor.

Iniciamos o trabalho falando sobre a vida de José Medeiros de Lacerda: nordestino professor e cordelista de descendências indígena e holandesa, que retomou os estudos com idade avançada e, atualmente, possui cerca de 230 folhetos publicados. A leitura compartilhada aconteceu e não houve inscrição para participar, a leitura do material disponibilizado anteriormente ia acontecendo de forma “circular”, visto que este também era compartilhado na tela. No final de uma ou outra estrofe, um discente dizia “agora eu” ou perguntava “posso ir?” e quando demoravam a continuar a leitura, o professor-pesquisador assumia e, em determinado momento de leitura do texto, solicitava que outro continuasse.

Durante e até quando acabavam de ler um trecho do texto, os estudantes perguntavam sobre o significado de algumas variações linguísticas e palavras desconhecidas que nele apareciam, como ‘bonança’, ‘bolandeira’, ‘corisco’ e ‘côncavo’, e o professor mostrava conceito do emprego de tal palavra no cordel. Um dos estudantes disse, aos risos que o texto lido fazia ele lembrar de uma dupla musical chamada Caju e Castanha, mas não sabia dizer o porquê: acreditamos que a leitura dramatizada, reproduzindo as rimas e os ritmos oriundos dos versos e rimas, proporcionou ao estudante essa lembrança. Após a roda de leitura on-line, o professor, em uma busca rápida na internet, descobriu que Caju & Castanha formam uma dupla musical de irmãos nordestinos, de Jaboatão dos Guararapes – Recife, e que, inclusive, em 1975 fizeram parte do documentário Nordeste: *Cordel, Repente, Canção*.

Uma aluna que não assistiu aos vídeos sobre cordel e cordel capixaba, perguntou se apenas nordestinos poderiam produzir cordel. Outro aluno percebeu que as rimas estavam “intercaladas” e ele ainda disse que o texto lembrava o filme “O alto da compadecida”, ressaltou que já tinha feito em outra escola uma reprodução teatral dessa obra. E da sucinta discussão sobre o texto, percebemos que os estudantes entenderam a mensagem de Lacerda:

“não precisa ser estudado para saber do tempo e dos sinais da natureza”, conclusão de um deles.

Nessa primeira roda de leitura on-line ficou acordado com os estudantes que os folhetos digitalizados seriam disponibilizados com uma semana de antecedência para que eles pudessem fazer uma leitura prévia desses textos. Já na segunda roda de leitura, em 10 de setembro, contamos com a presença de 11 alunos e lemos *Violência contra mulher em cordel*, da cordelista capixaba Kátia Bobbio. Esse folheto coloca em pauta a violência doméstica e sexual que muitas mulheres sofrem, inclusive em seus lares. Bobbio tenta promover um pensamento coletivo acerca dessas práticas violentas contra a mulher, expõe algumas ideias/falas vindas do machismo e clama para que as meninas e mulheres denunciem seus agressores.

Figura 10 – Cartaz /convite digital da segunda roda de leitura on-line.



Fonte: Acervo do autor (2020).

Iniciamos nossa conversa falando sobre a vida e a obra de Bobbio. Dessa vez, a leitura compartilhada se deu um pouco diferente: aqueles que quiseram ler, foram identificados antes e cada uma lia uma folha do material, o qual também estava sendo projetado em tela. Pedia-se sempre que mantivessem a leitura em voz alta, como na escola – todavia por conta de problemas de conexão, nem todos acessavam pelo computador ou o microfone não aumentava, ou não funcionava direito. A leitura foi concluída sem muitas intervenções e das percepções coletadas durante a análise coletiva, foi dito por um estudante que foi uma leitura fácil e mais ‘próxima’ da nossa fala; disseram que esse era um cordel com um tema ‘atual’, e parecia tema jornalístico, pois era mais crítico que o primeiro.

Nesse momento on-line uma estudante começa a rir e se ausenta da sala virtual, depois retorna dizendo que o gato dela tinha pulado em seu computador e precisou sair para resolver essa situação. Um dos questionamentos coletados foi: “mas esse cordel não tem gíria”, onde o

estudante se refere às variedades linguísticas. O professor-pesquisador percebendo que nesse encontro havia mais alunos, explica e mostra na tela a proposta de produção de texto a qual seria postada naquela semana no EscoLAR, além de uma atividade que propunha a produção de uma ‘xilogravura’ com lápis preto de maquiagem ou lápis preto comum. Embora não recordasse o nome, uma aluna se lembrou de uma novela que tinha “esses desenhos”.

Houve alguns questionamentos acerca da temática: “pode ser um cordel evangélico?”, “posso falar de videogame ou coronavírus?”, “pode sobre as redes sociais?”. Uma aluna fala sobre uso de “gírias” (variação linguística) e disse que em Campos, Rio de Janeiro, sua cidade de origem, “pocou” funcionava como “oh dó”, remetendo ao pesar sobre alguma situação. Um estudante fez um questionamento sobre por que falar sobre o Espírito Santo, o professor-pesquisador respondeu que seria importante falarmos do nosso dia a dia, por isso o foco capixaba, porém, temas jornalísticos ou de seus cotidianos seriam importantes para a exuberância de seus textos.

Acreditamos que essa experiência digital foi a mais próxima do ambiente escolar que tivemos e ainda durou quase 70 minutos, nessa ação foi informado aos estudantes que os textos produzidos poderiam compor um material pedagógico que poderia ser compartilhado com outros estudantes e professores e que este era uma demanda da pesquisa de mestrado do professor-pesquisador.

No dia 17 de setembro foi lido um cordel capixaba do poeta Clério Borges: seguindo o mesmo movimento das rodas anteriores: apresentação da vida e obra do autor, leitura circular e discussões sobre o folheto.

Figura 11 – Cartaz /convite digital da terceira roda de leitura on-line.



Fonte: Acervo do autor (2020).

Nesse dia, nove estudantes participaram da roda de leitura e antes de iniciarmos, alguns estudantes trouxeram dúvidas sobre a atividade proposta na plataforma, enquanto esperávamos os demais entrarem na sala on-line e conforme outros iriam entrando, as explanações vinham sendo retomadas. Lemos o *Vampiro Lobisomem de Jacaraípe* e uma aluna estranhou esse cordel trazer uma lenda e não algo do cotidiano – nisso foi exposto que esse gênero traz muitas vezes a história de um povo a partir de lendas, narrativas de figuras importantes para um povo e até romances estruturados em versos. Nenhum aprendiz presente conhecia essa narrativa que permeia o município da Serra. Alguns termos foram evidenciados, inclusive durante a leitura: ‘lida’, ‘paragem’, ‘visagem’ e ‘clavinote’. Um aluno percebeu que as estrofes não seguiam de fato uma estrutura poética tão alinhada aos cordéis anteriormente lidos: “tem partes maiores e menores”, foi dito que isso também acontecia devido ao número de versos não serem iguais em todas as estrofes. Na oportunidade, também foi apresentada a capa da primeira edição desse cordel, de 1983, que era mimeografada e alguns sequer conheciam um mimeógrafo, devido sua pouca idade. Esse encontro durou 43 minutos.

Ainda nesse dia, mostramos as metáforas que aquele cordel trazia, como em “Na época do lobisomem tudo ia em marcha ré...” (BORGES, 2005, p. 02) ou “[...] O torrado despejou/ nos dois buracos da venta” (BORGES, 2005, p. 07); e ainda ficou esclarecido que eles poderiam fazer essas comparações implícitas em seus cordéis e os estudantes acharam difícil esse movimento, como também a produção de sílabas poéticas. Foi explicitado para eles que a proposta da atividade era vivenciar esse tipo de poesia a partir da experiência da escrita e conhecer poetas que fizeram cordel no Espírito Santo. Acreditamos que nenhum sujeito aprende gostar de poesia ou de folhetos de cordel decorando as colocações de rimas ou métricas, a finalidade desse trabalho não era criar poetas cordelistas ou cordelizar o ensino, pois “[...] acreditamos que os poetas se formam a partir de uma ampla e significativa experiência de leituras e se a escola contribuir com esta formação estará cumprindo seu papel” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.12). Ratificamos mais uma vez que o trabalho com o texto na sala de aula, em uma perspectiva dialógica de linguagem, não é conveniente instrumentalizá-lo ou apenas reproduzi-lo, e sim contribuir para a formação de pessoas que conseguem ler, escrever e se impor discursivamente acerca das realidades que um texto distinto pode trazer. Na última roda de leitura on-line da aplicabilidade desta pesquisa, o professor-pesquisador leu com seus estudantes *As praias do Espírito Santo em cordel*, de Kátia Bobbio. Nesse folheto de cordel, de Norte a Sul, Bobbio apresenta ao leitor as praias do Espírito Santo e algumas de suas curiosidades.

Figura 11 – Cartaz /convite digital da terceira roda de leitura on-line.



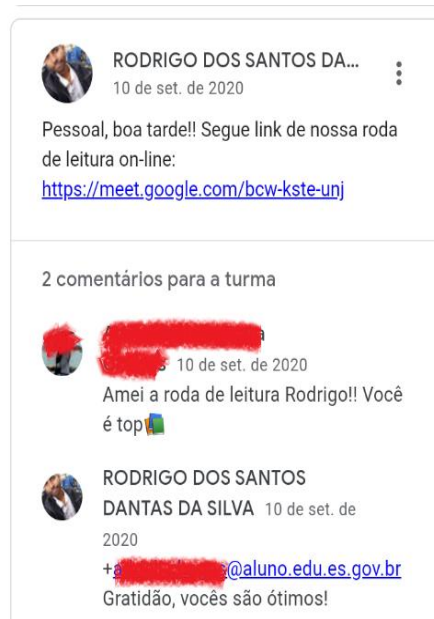
Fonte: Acervo do autor (2020).

Nesse encontro, em 24 de setembro de 2020, poucos alunos participaram: apenas seis e a atividade on-line durou apenas 34 minutos. Cremos que a essa altura da situação pandêmica, eles já estavam saturados do excesso de obrigações e atividades remotas. Uma aluna, já nos primeiros momentos de interação, foi percebendo que esse folheto não trazia data de publicação, como os lidos anteriormente.

A leitura se deu da mesma forma das três últimas rodas de leitura on-line: de forma “circular” e cada presente lia uma página do folheto. Percebemos que os comentários tecidos, nesse dia, foram mais sobre a capa do folheto que pelo conteúdo lido: uma aluna expôs que a capa parecia “banner de restaurante de beira de praia”. O único menino participante desse dia disse que era um cordel “ótimo para quem quer conhecer o estado e é de fora e não conhece”, por conta da quantidade de praias capixabas, e de todas as regiões do estado, que Bobbio cita em sua produção.

Notamos que apesar da situação estressante provinda do contexto pandêmico, alguns dos estudantes se viram muito interessados em participar das rodas de leitura on-line, visto a sua empolgação e percepções coletadas acerca dos textos lidos. As entregas do trabalho escrito foram menores, contudo, aqueles que a fizeram se mostraram motivados a contribuir com a pesquisa do professor-pesquisador e terem suas produções em um livro digital. Alguns estudantes enviaram mensagens no WhatsApp, por ser um aplicativo mais dinâmico e de comunicação mais rápida que a plataforma EscolAR, para sanar dúvidas acerca da produção textual solicitada e, ainda, tivemos aqueles que publicaram recados na plataforma digital sobre a experiência de ler cordéis via aplicativo *Meet*, como podemos observar na Figura 12:

Figura 12 – Recado de estudante na plataforma EscoLAR



Fonte: Acervo do autor (2020).

Percebemos o quão foi difícil esse momento remoto, em que nem todos os estudantes puderam participar da atividade pedagógica, o que nos mostra que as práticas da escola pública se dizem democráticas, todavia nem todos os estudantes têm acesso às ferramentas digitais, as quais contribuem para esse o procedimento de ensino à distância. Conseqüentemente, os movimentos dialógicos de leitura e escrita foram fragilizados, visto que alguns estudantes não participaram de todos os encontros digitais e uma parte dos que estiveram presentes não entregaram a produção textual – além de ser uma situação formativa nova em que muitas vezes discentes e professor-pesquisador não estavam confortáveis ou a conexão da rede não estava estabilizada, assim como câmeras ou fones de ouvido.

No retorno presencial, a partir de 13 de outubro, as orientações dadas aos professores eram retomar atividades de maior relevância ou que abordassem pré-requisitos da série seguinte, assim como a recuperação de nota dos estudantes em defasagem – pelo fato de não estarem acessando às plataformas digitais ou não buscarem material xerocopiado na escola.

Assim sendo, a primeira semana de trabalho presencial com o Ensino Fundamental – Anos finais inicia-se de fato, em 28 de novembro de 2020, e com a turma do 8º ano foram retomados os conteúdos referentes à Literatura de Cordel: leitura de folhetos, análises, explicações acerca do gênero, produção e correção dos textos destes alunos.

Durante o contexto pandêmico havia o espaçamento de 1,5 m de um discente para outro, o que corresponde ao espaço de uma carteira, além do uso de máscaras, álcool e

higienização das mãos. Nessa escola, era uma das orientações aos professores borrifar álcool nas mãos dos estudantes do Ensino Fundamental, se houvesse necessidade ao ministrar as aulas; além de garantir que os protocolos sanitários fossem cumpridos.

Foi nesse momento presencial, em que a professora de Artes, titular dessa turma na época, se interessou pelo trabalho de produção de cordéis e perguntou se poderíamos promover um diálogo com a sua disciplina: ela apresentou com mais profundidade aos discentes, que optaram por ir à escola, a xilogravura – técnica de carimbo a qual comumente ilustra capas de cordéis no Nordeste. Além disso, os estudantes sob sua orientação produziram um procedimento similar para ilustrar suas produções de texto. Dessa forma, em duas de suas aulas eles produziram “xilogravuras” e alguns ilustraram também os cordéis dos colegas que estavam apenas na modalidade não-presencial e que não tinham apresentado desenho, pois enviaram apenas o texto.

Figura 13 – Produção artística na aula de Arte



Fonte: Acervo do autor (2020).

A professora utilizou rolinho, tinta guache, pratinhos de isopor, tesoura sem ponta e lápis afiados/ lapiseiras para a produção artística. Ela solicitou que os estudantes levassem para a escola bandejas de isopor e, na semana seguinte, em 04 de novembro, foi iniciado a prática do trabalho: primeiro, ilustraram seus cordéis em um papel branco. Depois, após cortarem as bordas das bandejas para que elas ficassem mais alinhadas, transpuseram o desenho de forma pontilhada para ela. Em seguida, já com o desenho na bandeja de isopor e com auxílio da ponta do lápis, os furinhos em volta do desenho foram acentuados. Em seguida, com o auxílio de um rolinho, o molde tinha seus furos preenchidos por tinta guache.

Por último, o desenho no isopor é “carimbado” na folha A4, às vezes até mais de uma vez para que a imagem fique mais compreensível para quem vê.

Esses procedimentos foram realizados em duas aulas de Artes, nos dias 04 e 11/11, e a professora da disciplina de expôs aos aprendizes que com essa prática apenas simula-se a impressão como xilogravura e que essa ação no isopor leva o nome de isogravura.

Figura 13 – “Xilogravura” de estudante para ilustrar produção de texto



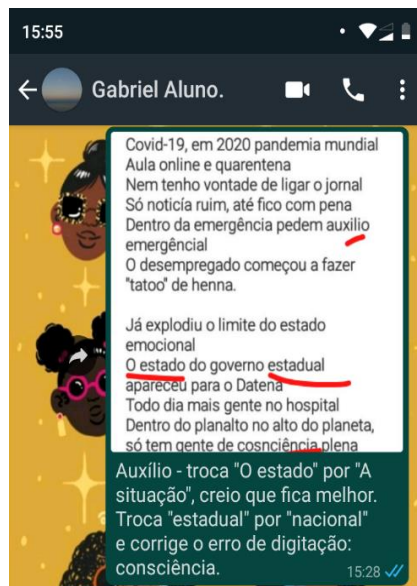
Fonte: Acervo do autor (2020).

No momento de ensino presencial, 09 alunos da turma voltaram para a escola, mas só 03 continuaram nessa modalidade até a data final proposta no calendário, 23 de dezembro. Sempre aparecia um aluno diferente daqueles que estavam indo com mais frequência e um dos estudantes abandonou esse movimento após apresentar sintomas do novo coronavírus. O recebimento das atividades de produção remota foi difícil e ultrapassaram o prazo de 15 dias e seis estudantes fizeram a entrega do trabalho. Do período presencial apenas 05, parte da quantidade daqueles que participaram das primeiras semanas de execução do trabalho nessa modalidade. No período presencial, uma estudante que participou de todas as rodas de leitura on-line e também das leituras em sala de aula, ressaltou que não gostou do cordel de Clério Borges devido ao conteúdo, alguns termos presentes no folheto e atitudes da personagem principal, o vampiro-lobisomem.

Sobre a correção dos textos na plataforma EscoLAR, aconteceu dentro de uma perspectiva resolutiva, apontando aos estudantes os possíveis problemas apresentados em seus textos e, isso ocorria geralmente, via WhatsApp, pois era nesse aplicativo que eles mandavam foto de suas produções textuais. Essa perspectiva de correção também aconteceu no período

presencial esse ano, devido às mudanças do calendário escolar, o qual ficou reduzido, e pela não obrigatoriedade presencial e por conta do risco de contaminação por covid-19, muitos estudantes abandonaram as aulas e a maioria optou por realizar as atividades remotas ou pela busca de atividades impressas, estas muitas vezes não sendo do trimestre vigente, servido apenas como evidência para justificativa de suas notas.

Figura 14 – Correção resolutive, via aplicativo WhatsApp, de produção textual de aluno



Fonte: Acervo do autor (2020).

Movendo um olhar mais crítico para o contexto educacional pandêmico, visto que “a função política da pesquisa-ação é frequentemente pensada como colocação de um instrumento de investigação e ação dos grupos e classes populares” (THIOLLENT, 2011, p. 54), percebemos que a Rede Estadual de Ensino não oportunizou adequadamente às professoras e professores, assim como aos estudantes, a oportunidade de contrapalavra sobre o retorno presencial e as modalidades de ensino remota e presencial.

As atividades da plataforma para os estudantes desta instituição muitas vezes eram mecanizadas, movidas por descritores de ensino e descoladas da realidade – inclusive pelo excesso de protocolos burocráticos que o professor deveria cumprir, as atividades nesse viés eram mais práticas, cômodas para serem elaboradas. Vemos, então, que os movimentos dialógicos de produção de conhecimento escolar foram ignorados. Ficamos muitas vezes incumbidos de computar frequência, nota e contribuir para o ‘resgate’ de estudantes que não estavam acessando a plataforma de ensino.

Mesmo assim, acreditamos que essa práxis pedagógica veio contribuir na formação dos estudantes participantes excedendo as estruturas do objeto literário referido, porque eles puderam se identificar nos cordéis lidos por causa da autoria capixaba e ainda refletir criticamente acerca do meio pandêmico, apesar da pouca idade. Percebemos que este trabalho com escritores do Espírito Santo que escrevem ou escreveram sobre a nossa região instiga a curiosidade, fomenta a pesquisa autônoma e o resgate de memórias (pois alguns estudantes trouxeram gêneros semelhantes ao cordel, os quais foram lidos/ dramatizados/ ouvidos outrora). Foi uma ação dialógica que proporcionou, a partir da voz do autor/ cordelista capixaba, um embate discursivo entre contextos culturais distintos, em que os sujeitos participantes puderam se colocar responsivamente e de diferentes formas (cômica, crítica, saudosista, política) nas discussões e/ou nas suas produções de poesia em cordel.

Diante da materialidade histórica vivida, em meio ao isolamento e clausura, em diálogo com esta ação pedagógica, os discentes envolvidos verbalizaram o seu posicionamento, mas não de forma esvaziada. É aquilo que não está diretamente posto, mas que é extralinguístico e se reverberou diante das leituras feitas e práticas adotadas.

Essa ação escolar envolvendo cordel, em um contexto pandêmico, pôde ainda, mesmo que de forma remota, restaurar os laços dialógicos que envolvem as vozes sociais participantes da configuração escolar, que estavam há meses sem contato sólido. Além de mostrar ao professor-pesquisador que as práticas escolares podem culminar em dados acadêmicos e ainda potencializam uma reflexão acerca dos movimentos os quais envolvem as estruturas educacionais: as condições sociais dos estudantes, as grades curriculares engessadas e que pouco promovem o diálogo ou a problematização com as vivências dos estudantes e entre objetos culturais distintos.

Consideramos ainda que os estudantes que participaram e se mantiveram até o final da prática ao fazer as entregas propostas sentiam falta da escola e por conta do diálogo do processo-pesquisador puderam ter as relações de ensino reestabelecidas e a prática envolvendo o cordel capixaba potencializou o cruzamento de culturas / experiências / contatos, pois os estudantes também tinham o que dizer – visto o conteúdo temático presente em suas produções.

O período pandêmico foi “xilografando” outro desenho para nossa pesquisa, onde concebemos um dado importante: pudemos perceber que o ensino escolar à distância não é democrático, pois não atende e não é acessível para todos os estudantes. Na escola em que professor-pesquisador atua, ainda há aqueles aprendizes que tiveram o privilégio de acesso, todavia exauridos e enfadados de tantas demandas escolares, não conseguiam fazer as

entregas escolares. Muitos desses que participaram das rodas de leitura, dominavam o uso das plataformas on-line, mas pela pouca maturidade com essa prática digital formalizada não conseguiam se organizar frente a essa realidade. Admitimos ainda que os pontos negativos acerca da escola durante a crise sanitária também são dados importantes à pesquisa, inclusive para pensarmos sobre a escola pública que defendemos e a escola pública que queremos.

Inicialmente, a ideia desse movimento de pesquisa-ação era promover no ambiente escolar habitual práticas dialógicas de leitura e escrita embasadas no cordel capixaba, a partir de atividades com o foco no ensino de literatura por meio de enunciados concretos, ou seja, um viés de ensino enunciativo. Por isso, na próxima seção deste capítulo trazemos sugestões de atividades embasadas no cordel capixaba sob uma ótica dialógica de linguagem e ensino, a fim de alcançarmos mais um objetivo específico da pesquisa: conceber práticas dialógicas de leitura e produção textual com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental embasados na literatura de cordel capixaba.

5.2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES DIALÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA EMBASADAS NO CORDEL CAPIXABA

Com o auxílio das teorias anteriormente expostas, criamos sugestões de atividades de pesquisa, leitura, compreensão e escrita de literatura de cordel direcionada às turmas de 8º ano das séries finais do Ensino Fundamental, que inclusive podem ser utilizadas por outras turmas dessa etapa de ensino. Estas não visam apenas a apropriação das características desse gênero, mas buscam oportunizar aos estudantes a potencialização de habilidades de leitura e escrita a partir de cordéis capixabas para que o estudante desse estado se veja na vitalidade desses textos e se sinta representado.

Segundo Geraldi (1997), a ‘ida’ dos estudantes a um texto, em nosso caso ao cordel, poderá fazê-los buscar informações ou apenas retirarem aquilo que essa produção os fornecerá e ainda, poderão recorrer a esses cordéis para produzir outros cordéis. Ainda por Geraldi, acerca dessas ‘relações com o texto’: “[...] o que se diz ou as formas do dizer podem levar a leituras de textos que, ampliando nossos horizontes de análise, ampliam o que temos a dizer” (GERALDI, 1997, p. 175).

A literatura de cordel vem sido pesquisada por diversos intelectuais brasileiros a partir de diferentes olhares, no entanto, tratando-se de pesquisas envolvendo o trabalho com literatura de cordel em sala de aula ainda são poucas, visto que práticas de ensino de literatura

tradicionais, limitando-se a execução de sequências didática ou ao trabalho com fragmentos de cordel em livros didáticos. Também não é adequado utilizar um folheto de cordel como “pretexto” para outros estudos, como os de gramática, ignorando a sua dimensão extratextual e discursiva, sem valorizar nos procedimentos educativos as experiências e o olhar dos estudantes:

Aos educadores levar a literatura de cordel para sala de aula não apenas como pretexto para estudar outras disciplinas, mas também para dialogar com outras obras, explorar a percepção e a expressividade intelectual dos poetas populares e qualidades estéticas, dimensão lúdica, seu apelo social, suas tantas marcas líricas do gênero em relação ao meio, na busca por relações comunicativas e socioculturais dos sujeitos para com a comunidade que interagem (PINHEIRO, 2008, p. 16).

Diante disso, retomamos novamente à pesquisa da professora-pesquisadora Ana Valério Ubaldo da Silva (2017), onde percebemos práticas embasadas em ensino de língua e literatura de cordel mais próximo de uma perspectiva dialógica, ressaltamos que educadora também trabalhou com alunos de 8º ano. Na investigação dessa profissional, vimos que é possível usar esse gênero discursivo de forma amplamente eficaz como uma proposta para motivar práticas contempladoras de uma atividade social.

Costa (2018), em sua prática docente para a dissertação do Profletras, em Sergipe, levou para os estudantes de 7º ano o cordel *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira Lima, em que buscou potencializar por meio de atividades de leitura e interpretação as particularidades da cultura popular nordestina, a professora fez uso de um viés de compreensão fruidora com leitura subjetiva. Nas nossas sugestões de atividades com o cordel capixaba trazemos os valores populares que estão presentes nos folhetos de Kátia Bobbio, Aécio de Bruim, Teodorico Boa Morte, Manoel Alves Barreto, César Domiciano. Diferentemente de Costa, fazemos uso de uma concepção dialógica de ensino de leitura e escrita: onde os discentes não interpretam apenas, mas compreendem a partir do contexto capixaba e pelos critérios específicos de nossos folhetos, para que assim possam entender essa literatura popular em uma dimensão mais holística.

Um trabalho prático que mais se aproxima de nossas sugestões foi realizado em Maceió, pelo Programa do Profletras de Alagoas, o de David Severo (2018), o qual executou com seus estudantes uma sequência didática, também contemplando a experiência popular regional, e que também tinha como objetivo fazer com que os estudantes se apropriassem das particularidades do gênero discursivo cordel. Severo também fez uso de um viés bakhtiniano, onde tentou conduzir seu grupo discente a se “instrumentalizar a partir de determinado gênero em um contexto real de uso da língua” (SEVERO, 2018 p. 38). O professor-pesquisador ainda

levou os alunos e alunas no lixão da cidade numa visita e ainda puderam entrevistar um casal que vive da coleta de lixo, promovendo assim um trabalho com cordel em diálogo com outro gênero discursivo: a entrevista. Suas alunas e alunos de 9º ano ainda puderam fazer registros fotográficos e escritos acerca da problemática do lixão, a fim de acarreamos subsídios práticos para a produção de seus cordéis – formas multimodais para se refletir sobre uma dada realidade.

Outro fator relevante à pesquisa de Severo foi a elaboração de uma oficina de cordel com o cordelista Miguel Nascimento, em nossas sugestões também fazemos essa orientação de contato com um cordelista: se for possível, trazemos essa orientação, que pode evidenciar a voz de um (a) cordelista do Espírito Santo e, ainda os estudantes podem entender ‘a criatura por meio do criador’.

Ao pensarmos na parte prática, essas três pesquisas foram importantes para consolidarmos o conjunto de atividades aqui presentes, mas ressaltamos que elas não foram uma receita, acreditamos que quando trabalhamos nas aulas de língua portuguesa com o texto de autoria capixaba, enquanto objeto de ensino, tentamos mobilizar com os estudantes um fluxo literário discursivo fundamentado que venha “[...] favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana... (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 16)”, a fim de não reduzir o processo educativo à unilateralidade, instigando os movimentos dialógicos, concretos e sociais possíveis na leitura e discussão dos textos.

Trazemos uma abordagem dialógica centrada na interlocução, “[...] numa perspectiva discursiva, o gênero deve ser trabalhado enquanto instituição discursiva, isto é, forma codificada sócio-historicamente [...] que se manifesta em diferentes formas de textualização” (BRANDÃO, 2011, p. 38). Orientamos ainda atividades como a de pesquisa prévia ou os debates sobre os cordéis lidos em que os estudantes tragam seus conhecimentos de mundo e suas experiências de leitura, as quais possam dialogar com os folhetos lidos – é pertinente estar atento à realidade particular em que se vive para a partir desses contatos propor atividades de leitura (MARINHO e PINHEIRO, 2012).

As propostas aqui presentes tendem a colocar os folhetos de cordel do Espírito Santo como objeto de estudo da aula, visando promover aulas de leitura e produção de texto concebendo a língua como um produto social e histórico do falante, e esse está a se constituir continuamente a partir das interlocuções em uma atividade comunicativa, a aula aqui é considerada um evento discursivo. O movimento dialógico se conceberá a partir do início da prática, após a orientação de pesquisa prévia, onde o professor pode fazer questionamentos aos estudantes: “Vocês sabem o que é literatura de cordel?”; “No Espírito Santo tem cordel?”;

“Já leram (ou escutaram) algo parecido?”; “Quais experiências do texto lido se assemelham (ou diferem) das vividas por vocês?”.

É importante que as leituras dos folhetos dialoguem com outros textos e diferentes tipos de linguagem, vídeos e filmes: trazemos em nossas sugestões a leitura do *Cordel do Peido: A Arte de peidar*, Katia Bobbio, assim como a recitação da própria autora em vídeo para que se proponha também um trabalho comparativo dessas duas representações. Indicamos uma animação *O caso do lobisomem e Mário Arruda* recitando o cordel *Chegada do lampião ao inferno*, ambos disponíveis no Youtube. Os contatos com os cordéis nordestinos são de suma importância para que os estudantes percebam as particularidades do cordel capixaba.

Uma coisa é muito importante: o gênero discursivo cordel deve ser mostrado aos estudantes não apenas como uma estrutura métrica ou configuração poética determinadas, pois “[...] a cultura popular tem vitalidade e riqueza de experiências. Privar os alunos de seu conhecimento é empobrecê-los cada vez mais” (PINHEIRO, 2018, p. 103); devemos considerar nas nossas aulas as experiências de seu produtor a partir do seu estilo de fala, escrita e também pelo modo que ele vê a vida.

Deixamos claro que as orientações aqui presentes não podem ser vistas como um receituário ou uma bíblia para se trabalhar cordel capixaba, em que todos os dogmas precisam ser seguidos à risca. Disponibilizamos um trabalho que pode ser feito em dez aulas, mas a depender das informalidades de cada contexto educacional o trabalho pode ser feito em mais ou menos tempo.

Seguimos a estrutura do trabalho prático de Severo (2018), onde se divide o trabalho em três momentos: leitura e apropriação de cordéis, produção textual de cordéis e divulgação dos trabalhos produzidos. Todavia, cada professor atento a sua realidade, faz aquilo que é exequível e vemos que a linguagem fulcra-se como evento discursivo, a se fazer na história real, concreta e nos movimentos singulares da interação verbal (GERALDI, 2015). Por exemplo, se não houver a possibilidade de contato com o cordelista ou produção de sarau com o poeta, que os estudantes recitem suas produções em um recreio cultural para a escola ou para outras turmas em uma aula, tarde ou outro momento cabível.

Para que as aulas de língua portuguesa com literatura de cordel capixaba sejam um verdadeiro acontecimento discursivo, é preciso tornar esse momento como um espaço que priorize a interlocução, a ser um espaço de produção de linguagem e constituição de sujeitos, a buscar a produzir a linguagem da cidadania, resultante do confronto dialógico entre diferentes posições (GERALDI, 2015, p. 37).

E a fim de alcançarmos mais um objetivo de nossa pesquisa, a seguir segue um quadro com sugestões de atividades em um viés dialógico de linguagem que contemplam a literatura de cordel capixaba:

Quadro 2 – Sugestões de atividades em um momento dialógico de ensino

SUGESTÕES DE ATIVIDADES	
TEMPO PREVISTO:	Aproximadamente 11 aulas
PUBLICO-ALVO:	Turmas do Ensino Fundamental II.
OBJETOS DE CONHECIMENTO:	A partir de uma postura pedagógica voltada para a instauração dialógica com os estudantes, desenvolver: Estratégias de produção de texto: planejamento, textualização e revisão; construção de textualidade; relação entre textos e, concretização da socialização dos textos produzidos.
OBJETIVOS:	<ul style="list-style-type: none"> • Instigar a prática de leitura a partir de produções com rima; • Utilizar a língua de forma coerente diante do gênero discursivo cordel; • Identificar na literatura de cordel as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas regionais; • Perceber as singularidades que compreendem esse gênero; • Produzir poesia em versos de cordel; • Analisar e reescrever os textos produzidos.
METODOLOGIA:	Dinâmica de pesquisa prévia; momentos de apreciação com leitura e vídeos envolvendo narração e recitação de cordel; aula expositiva e dialogada (dinâmica de diálogo igualitário); exercícios de leitura de cordel; oficinas de produção textual (escrita e reescrita).
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Material xerocopiado, data show, vídeos, folhas de papel kraft, folhas de papel ofício, barbante e pregadores de roupa.
MÓDULO 1:	
	1ª Oficina (02 aulas de 55 min):
	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa prévia – Solicitar anteriormente que os estudantes pesquisem sobre “Literatura de cordel”: origem, estrutura, características, cordelistas, temas presentes no texto, meios de circulação. • Pedir para que os alunos registrem as fontes de pesquisas (sites, blogs, livros...). • Iniciar a aula com a leitura compartilhada do cordel: <i>Em versos singelos</i>, Alexandre Pavan, após este momento instigar a discussão sobre as informações do gênero discursivo e o debate

será alinhado com as intervenções do professor.

- Assistir aos vídeos:

- *O caso do lobisomem* – Animação em cordel:
https://www.youtube.com/watch?v=CqE76KUAK_M ;

- Mário Arruda declamando o cordel *Chegada do lampião ao inferno*:
<https://www.youtube.com/watch?v=zY1CMU-gqoQ> .

- Analisar os vídeos coletivamente com os estudantes em paralelo ao cordel de Pavan que foi lido no início das aulas geminadas. Tenta-se explorar a partir do diálogo percepções dos estudantes sobre o sotaque, a temáticas, recursos multimodais da animação, a forma que o cordelista recita, jogo rímico da recitação oral, discussões sobre as lendas nacionais ou de nossas adjacências...
- Conclui-se a aula com a seguinte pergunta: “E no Espírito Santo tem cordel?”.

2ª Oficina (01 ou 02 aulas de 55 min):

- Aula de leitura com folhetos capixabas – em círculo os alunos lerão os cordéis escritos aqui no Espírito Santo: Kátia Bobbio, Aécio de Bruim, Teodorico Boa Morte, Manoel Alves Barreto, César Domiciano. Os alunos, inclusive, poderão trocar s folhetos. Após a leitura; Folhetos capixabas digitalizados disponíveis em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1IWPSqYpz7Ob2bDptRm7cU3422aPgg7lu>
- Buscar analisar coletivamente estes folhetos e buscar as concepções dos estudantes acerca da literatura de cordel no Espírito Santo.

3ª Oficina (01 aula de 55 min):

- Leitura compartilhada – Violência contra a mulher em cordel, Kátia Bobbio. Momento de leitura analítica a fim de produzir um parecer sobre as características deste cordel consoantes àqueles que são produzidos no Nordeste.
- Assistir ao vídeo: Cordel do Peido: A Arte de peidar, Kátia Bobbio (recitado pela própria Kátia): <https://www.youtube.com/watch?v=1tw-oGrTHzQ> (Se houver a possibilidade, ouvir a recitação acompanhando no folheto).

MÓDULO 2:

4ª Oficina (01 aula de 55 min):

- Aula explicativa envolvendo versificação – os conceitos de sextilhas e distribuição de rimas;
- Mostrar estes conceitos em fragmentos de cordéis lidos anteriormente.

5ª Oficina (02 aulas de 55 min): Laboratório de Produção Textual com literatura de cordel: Promover, após pesquisa prévia, estudos, leituras da literatura de cordel e análises, a produção de poesia em

cordel; tentando atribuir as características que foram estudadas. Os estudantes podem enriquecer a produção de texto com variações linguísticas e situações pertinentes ao Espírito Santo. Ainda podem escolher um desses temas para envolver os textos: Bullying na escola, crítica ao contexto político que estamos vivendo, pontos turísticos capixabas, monumentos históricos ou cidades. Nesse trabalho, o estudante pode transformar uma piada em versos de cordel.

6ª Oficina (01 aula de 55 min): Laboratório de Produção Textual: Reescrita. – Apontar as inadequações mais comuns presentes nos textos produzidos pelos estudantes. Propor o momento de reescrita pelos estudantes a partir dos seguintes critérios: estrutura do cordel, distribuição de rimas, adequação de palavras, concordância, pontuação... – apontando-os e indicando possíveis soluções para a escrita.

MÓDULO 3:

7ª Oficina (01 aula de 55 min):

- Confeção coletiva de um varal com os cordéis dos estudantes.

8ª Oficina (01 recreio de 20 min):

- Recreio cultural: os alunos que se sentirem à vontade poderão recitar seus cordéis para o restante da escola e os pais dos estudantes podem ser convidados para esta apresentação.

9ª Oficina (01 aula de 55 min):

- Se possível, promover um momento de conversa com algum cordelista ou poeta popular sobre a literatura de cordel. Espera-se que os estudantes percebam, a partir da voz do produtor, a importância da escrita e o papel do cordelista ao ‘concretizar’ nos folhetos uma realidade vigente;
- Na oportunidade, “os cordelistas” poderão recitar seus cordéis para o poeta popular ou compartilhar suas experiências de escrita.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Embora as indicações didáticas aqui explicitadas inspirem-se no procedimento prático da pesquisa de Severo (2018), visamos propor aqui um trabalho pedagógico-dialógico no que se diz respeito às marcas culturais presentes nos cordéis capixabas, a fim de se impulsionar uma ação mais enunciativa e menos estrutural. São sugestões em que professoras e professores devem evidenciar seu meio concreto de produção de conhecimento, por meio da autoria capixaba. Os sujeitos sociais inseridos nesse contexto sociocultural também precisam ser contemplados, sejam por suas vivências, percepções e posicionamentos os quais podem reverberar em suas produções escritas – a prática possibilita instigar reflexões da materialidade cultural nesse cruzamento de práticas culturais e experiências.

Distribuímos as oficinas em três momentos: Módulo 1) Momentos de leitura para a apropriação do gênero; Módulo 2) Produção escrita de acordo com as condições típicas do gênero e Módulo 3) Divulgação o público e acordo com a forma típica da circulação do gênero. Todavia, prender-se às sequências didáticas não é uma proposta dialógica, pois se torna um procedimento mecanizado. Quando pensamos em trabalhar com a lógica dos gêneros discursivos, sabemos que eles têm padrões típicos, mas não totalmente estáveis – como é o caso dos cordéis capixabas e nordestino, cada variação possui suas particularidades.

Além disso, se tomarmos os contextos concretos de produção de conhecimento nas escolas públicas, uma sequência didática com módulos tão pragmáticos não poderá ser sempre exequível.

Essas atividades em uma perspectiva pedagógico-dialógica podem oportunizar ao professor o acompanhamento minucioso das atividades realizadas pelos estudantes. No módulo introdutório, os alunos pesquisam sobre a literatura de cordel, é nesse momento que por meio de uma aula dialogada os estudantes entram contato com as particularidades típicas do gênero discursivo, lendo folhetos nordestinos em diálogo comparativo com outros tipos de leitura, isso pode vir a facilitar a apropriação dos elementos composicionais do texto. Apropriação no sentido de conhecer as métricas, mas não necessariamente reproduzi-las, pois ninguém consegue se encantar com o texto literário por meio de memorização.

O segundo módulo é o de leitura de cordéis capixabas distintos. Para instigar leituras mais consistentes dos cordéis, podemos fazer uso de duas atividades que são muito proativas no que se diz respeito às práticas de leitura, essas dinâmicas foram retiradas do livro *Dinâmicas de leitura para sala de aula* (2012), de Mary Rangel, uma chamada de ‘Não repita a informação’ e ‘O que diz?’. Na primeira ação o professor pede que cada estudante fale uma informação referente aos cordéis lidos e essas informações não podem se repetir. Enquanto no momento da segunda ação, o professor solicita a um aluno ou aluna, que complete de forma espontânea a frase “O cordel lido me diz que...”, depois outro discente é solicitado que complete de também de forma espontânea: “O que eu digo ao cordel”. Por fim, um terceiro estudante também traz suas ideias sobre o texto lido dizendo: “O que eu digo aos meus colegas sobre o (s) cordel (is) lido (s) é...” Ambas as dinâmicas estimulam a criatividade analítica acerca do material lido.

É no segundo módulo que os estudantes escrevem poesias em cordel. Nesse momento em que a professora ou professor podem fazer um estudo mais consistente acerca das métricas presentes nos cordéis e a presença da linguagem figurada, metafórica – para que os estudantes possam ‘embelezar’ suas produções a partir desses conceitos. É importante que essas

explanções não fiquem no campo da explicação, mas que elas sejam mostradas a partir dos cordéis. Mas lembre-se, é uma possibilidade, não uma obrigação. Ressaltamos ainda, nesse momento, um processo em que se vislumbra um interlocutor, todavia isso não pode acontecer de uma forma genérica e precisa superar o conteúdo: quais os possíveis temas dessa materialidade podem ser expostos no cordel, por que motivo, como colocar isso no texto a fim de que outro se sinta tocado ou representado – nessa perspectiva enunciativa pensar em possíveis interlocutores e nas maneiras de dizer é superar a forma e a realidade é entendida como um ponto de partida para futuras reflexões e entendimentos.

O último módulo é o de planejamento e circulação do gênero na comunidade, (SEVERO, 2018), em que outras possíveis interlocuções são efetivadas. Orientamos aqui a produção de um varal de cordel, que umas das exposições típicas desse gênero discursivo e que em um recreio cultural ou estendido as crianças que se sentirem à vontade podem recitar seus cordéis e mostrar para o outro que tem a se dizer. Se possível, para o fechamento desse módulo, os professores podem promover o encontro com um cordelista capixaba – para que os estudantes entendam o cordel a partir da voz de quem produz essa poesia.

A ideia em volta dessas oficinas é superar a apreciação das estruturas do cordel, indo além do objeto estético ao promover interlocuções diante do conteúdo ali posto pelo cordelista – essa ação estimulará a curiosidade e favorecerá um diálogo discursivo e cultural, assim, deve-se instigar que o contexto dos estudantes também penetre as questões abordadas nos folhetos (LÚCIO; PINHEIRO, 2001). Todavia, as sugestões de atividades foram colocadas nesse ‘molde’ pelas questões de organização do processo, pois o contexto real do uso não se limita a suas condições de produção e circulação, mas às práticas de leitura do gênero e estudo do objeto da aula, o texto. Optamos aqui por movimentos dialógicos do viés bakhtiniano, o professor pode e deve respeitar as condições de produção da escola em que trabalha e optar, por exemplo, pela execução do primeiro módulo apenas, pois cremos que a leitura, o debate e o diálogo com outros tipos de texto também contribuem para a formação de estudantes de discurso, pois

Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistam à fala (GERALDI, 2007, P. 41).

Por esse excerto, percebemos que é por meio das trocas nas atividades de linguagem que os sujeitos discentes vão se constituindo. Optamos por atividades de leitura e escrita com cordéis capixabas que consideram as relações com o outro, o olhar do outro.

Na próxima seção deste capítulo falaremos sobre o produto educacional criado a partir dos procedimentos teórico-metodológicos expostos juntamente das produções de texto dos estudantes durante a pandemia de Covid-19.

5.3 PRODUTO EDUCACIONAL: PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO

Diferente dos mestrados acadêmicos, nos de caráter profissional, orientam-se aos mestrados produzirem um produto educacional ao fim da pesquisa que deve ser apresentado com a dissertação. Geralmente, os produtos educacionais construídos pelas professoras/es-pesquisadoras/es são sequências didáticas, e-books, propostas de intervenção, blogs, canais no Youtube, aplicativos e ou jogos educacionais, documentários, oficinas... Este produto deve ser disponibilizado de forma física ou on-line para a sociedade de acesso livre e gratuito.

Tratando de uma prática de pesquisa-ação na área educacional, esse tipo de investigação não se limita em apenas a escrever e avaliar, mas dar voz aos sujeitos participantes, apontar um olhar crítico ao contexto pesquisado e nessa perspectiva, paralelamente à pesquisa há a produção de material didático em diálogo entre participantes e pesquisador (THIOLLENT, 2011, p. 87).

Em um mestrado profissional, assim como nas práticas de pesquisa-ação, é de suma importância um retorno à sociedade, o produto educacional, seja elaborado diante o processo de pesquisa-ação pedagógica e em parceria com os sujeitos participantes da pesquisa, os estudantes. A ideia inicial era a produção de um livro paradidático com os estudantes envolvendo o cordel capixaba. Todavia, como já foi exposto, a pandemia de Covid-19 mudou a “xilogravura” de nossa pesquisa, a produção escrita coletada pelos estudantes foi pouca para a produção de um paradidático.

Por conta dessas condições do contexto concreto de pesquisa, criamos um Caderno Pedagógico em formato de e-book, o qual poderá ser materializado futuramente, e que visa trazer à luz o histórico desse gênero discursivo, cordel, no Brasil e, sua possível chegada ao Espírito Santo e mostrar a biografia de alguns produtores do gênero em nosso estado. O material produzido leva o seguinte título: *E aí, no Espírito Santo tem cordel?* Em seu primeiro capítulo trazemos um breve histórico sobre a chegada desse gênero discursivo no Brasil e sua chegada no Espírito Santo.

No capítulo seguinte possui as sugestões pedagógicas, já citadas na seção anterior deste capítulo da pesquisa, para professoras e professores que desejam trabalhar com literatura

de cordel capixaba em suas aulas de língua portuguesa em uma perspectiva dialógica: valorizando as experiências dos estudantes em atuações discursivas, colocando a palavra viva “*slovo*” como centro do desenvolvimento das atividades. Ressaltamos que as propostas não visam criar livros, folhetos ou “pequenos cordelistas capixabas”, todavia valorizar a leitura oral de folhetos e experiências do cotidiano em suas produções textuais, tornando-os enunciados concretos – indo além de um punhado de palavras estruturadas em versos – e promover, ao mesmo tempo, uma reflexão para trabalho com os aspectos linguísticos e extralinguístico: a realidade, a vida.

O livro digital ainda conta com a voz dos estudantes que participaram dessa pesquisa, a partir de suas poesias em cordel, uma pequena fala relatando seu contato com os folhetos capixabas e as isogravuras ou desenhos que ilustram as suas produções, ressaltamos que os estudantes concordaram com o compartilhamento de sua produção em um livro digital a partir de um termo de consentimento. O e-book conta também com uma minibiografia de alguns cordelistas capixabas e um link com seus folhetos digitalizados para leitura, consulta e análise pelos estudantes e professores que venham se interessar por essa temática. Nesse link também temos endereços de e-mail e / ou redes sociais desses poetas.

Ressaltamos que nosso produto educacional também passou por um momento de validação com três professoras de língua portuguesa da educação básica do Espírito Santo e também passará pela banca examinadora no ato de defesa da pesquisa. Devido à pandemia de Covid-19, as validações aconteceram remotamente via e-mail, em fevereiro de 2021. Seguem os apontamentos e percepções das professoras:

O material apresentado é muito rico e traz uma nova abordagem sobre as concepções educacionais do gênero Cordel. A partir do conceito de dialogismo presente nos estudos Bakhtinianos, o pesquisador Rodrigo Dantas, nos leva em direção à Literatura produzida no ES sob o prisma do cordel, retirando as limitações conceituais que encontramos inclusive em livros didáticos. A obra é inovadora e se alinha perfeitamente com turmas do Ensino Médio apesar de estar focada nas turmas do Ensino Fundamental. Em suma, acredito que o material tem grande potencial e deve ser não apenas utilizado em sala de aula, mas também como material de estudos de nossos colegas professores e professoras (A.S.T).

Diante da análise do material e levando em consideração o gênero literatura de cordel o qual gosto muito de trabalhar com meus alunos, acredito que devemos levar sempre para a sala de aula, pois é possível através do mesmo, mostrar a cultura popular brasileira em versos, além de podermos analisar obras de autoria capixaba que também é muito importante, porque faz parte dos nossos conteúdos de Língua Portuguesa.

Além disso, as produções ficaram joias, o material é bem propício para o ensino fundamental, podendo sim, ser trabalhado no ensino médio (R.P.P.).

O manual pedagógico aqui apresentado será muito útil para o trabalho em sala de aula nas escolas do Espírito Santo, visto que até o momento não conhecia nenhum livro com esse tipo de proposta. Já trabalhei com cordel em sala de aula, mas nunca

trabalhei com cordéis de autores capixabas. Particularmente, gosto muito de trabalhar com esse gênero, pois o cordel é muito rico: sua linguagem, sua musicalidade e seus temas inspirados no cotidiano instigam o interesse do aluno e possibilitam a identificação do mesmo com o texto. O cordel possibilita um trabalho interdisciplinar e mostra aos alunos que eles também podem fazer literatura. É isto que o e-book *E aí, no Espírito Santo tem cordel?* reforça para nós, educadores, e para os estudantes. As propostas de atividade são viáveis e interessantes; o registro de cordéis produzidos pelos alunos são a prova de que os estudantes são capazes de desenvolver a criatividade quando estimulados de modo adequado, sem deixar de lado sua pluralidade social e cultural (A.S.N).

As identidades das profissionais foram mantidas em sigilo, sendo expostos seus posicionamentos por meio das iniciais de seus nomes. Em um panorama geral, acerca de nosso Caderno Pedagógico, foi visto como uma obra inovadora devido sua temática e que o trabalho pode ser adaptado aos estudantes do Ensino Médio. Também foi dito que as sugestões pedagógicas são exequíveis e que o gênero discursivo cordel é ‘rico’ devido sua estrutura e composição. Uma das professoras ressalta que nunca tinha trabalhado com cordéis capixabas, ressaltando a importância desse material. Outra, expõe que o material didático retira as limitações muitas vezes concebidas no livro didático, quando o gênero discursivo cordel é contemplado.

Nosso desejo é que esse material produzido possa fazer ecoar as vozes dos poetas e cordelistas de nosso estado que galgaram o cordel capixaba e, com material produzido pelos estudantes, mostrar que é possível trabalhar em nossas escolas a literatura de folhetos com tempero capixaba em um viés enunciativo-discursivo.

O e-book será disponibilizado no site do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Vitória, assim que validado pela banca e passar pelos possíveis alinhamentos solicitados.

6 ENCERRANDO A PROSA E POCANDO FORA

Esta pesquisa teve como objeto a literatura de cordel capixaba como base de possibilidades pedagógicas, embasadas em procedimentos teórico-metodológicos, que pudessem potencializar práticas dialógicas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa em turmas do Ensino Fundamental II. Para desenvolvê-la, usamos como recorte alguns estudantes de uma turma do 8º ano da referida etapa de ensino de uma escola da rede estadual do Espírito Santo, localizada no município de Vila Velha.

Infelizmente, devido à pandemia de Covid-19 que envolveu o mundo no último ano, o momento prático da pesquisa aconteceu remotamente com rodas de leitura via *Meet*. Para oferecer aos estudantes uma antologia de cordéis com autoria espírito-santense, fizemos um mapeamento de obras de possíveis cordelistas/ autores que produziram cordéis com tempero capixaba. Nesse levantamento, constatamos que realmente existe cordel no Espírito Santo, embora muitas vezes esses autores tenham ficando apenas associados às movimentações das academias de letras, das quais são acadêmicos, ou seu material literário circula apenas pelas regiões adjacentes ao seu contexto de produção. Vimos também que o cordel capixaba não segue à risca métricas nordestinas tradicionais e pode se apresentar em diversos suportes: livros, redes sociais, blogs, antologias – para além dos folhetos. Mesmo com as diferenças pragmáticas, a produção daqui se parece bastante com os folhetos produzidos no Norte/Nordeste do país, por conta do conteúdo concreto que os envolve: casos, reverência à fauna e flora capixaba, posicionamento político, problemáticas sociais, narrativas com personagens importantes para consolidação da história do Espírito Santo, nossas praias e monumentos turísticos/ históricos etc.

Trazemos ainda a esta pesquisa categorias bakhtinianas importantes e que envolvem um ensino de língua/ linguagem/ literatura em uma perspectiva dialógica, linguística e discursiva: dialogismo e enunciado concreto – este vê um texto como uma unidade real, e não convencional (para além de sua estrutura), constituído por vivências cotidianas, situado historicamente que traz em si marcas axiológicas e ideológicas – capazes de potencializar a significação a partir da leitura/ contato de um sujeito leitor/ interlocutor, inclusive, esses sentidos podem ser alterados a cada vez que este sujeito (re)visita esse texto; enquanto aquele, um princípio defendido por Bakhtin e seu círculo, o qual a linguagem e as produções de sentido se dão em uma relação dialógica, interativa e responsiva, em que os enunciados são proferidos por vozes que se cruzam e se completam em uma interação viva e em diversas dimensões sociais.

Percebemos também nesta pesquisa que o pensamento curricular vigente, BNCC, é fragilizado em alguns pontos, pois, além de pouco citar a literatura de cordel, está envolto de descritores (a fim de contribuir para o treino dos estudantes para a realização de exames externos), mistura concepções diferentes de língua/ linguagem, apela por um ensino de língua materna estrutural no que se diz respeito à gramática e aos gêneros discursivos – o documento minimiza o ensino de língua portuguesa a uma prática frígida, a qual ignora as experiências dos estudantes, seu repertório de leitura e a materialidade histórico-ideológica presentes nos textos.

Durante o momento de contato com os estudantes para a produção prática desta pesquisa, as investigações nos propiciaram um olhar exotópico (visto que o professor-pesquisador analisa sua própria prática), não apenas ao que se diz respeito ao trabalho com cordéis, realizado em meio à pandemia de Covid-19, gerando alguns apontamentos: a escola pública realmente não é um chão democrático, ao analisarmos a quantidade mínima de aprendizes que puderam participar do momento remoto, via web; as professoras e professores não têm formação e equipamento adequado para lidar com essa modalidade de ensino à distância a partir de suas casas; os discentes, em esmagadora maioria, não têm maturidade ou acesso a esse tipo de ensino – e a rede educacional em que a pesquisa foi aplicada não subsidiou esse acesso, e esteve sempre muito envolvida pelo imediatismo, buscando a aprovação em massa e sem oportunizar aos professores uma oportunidade coerente de contrapalavra.

As impressões tidas nesse trabalho docente não são as das melhores: o contato dialógico é fragilizado visto que os aprendizes que têm acesso às ferramentas digitais ficam acanhados, o professor-pesquisador não se sente confortável ao adentrar às casas de seus estudantes por meio da tela, além dessa dependência de câmera, microfones e conexão adequada de internet que podem dificultar a interlocução entre professor e estudantes. Ademais, a prática, além do olhar crítico para a configuração escolar, ainda nos mostra o quão relevante é oferecer aos estudantes a autoria capixaba nas aulas de língua portuguesa: uma alternativa para provocar neles, por meio de movimentos dialógicos de ensino, o caráter identitário e a reflexão sobre o lugar que se vive e as culturas, as quais permeiam esses espaços. E a prática nos aponta para outras reflexões: como e quando a autoria capixaba adentra às escolas do estado do Espírito Santo? Se isso é feito? Como é feito?

Compreendemos que o trabalho docente com a literatura de cordel capixaba vai além de um procedimento de incentivo à leitura ou de análises estruturais desse gênero discursivo, porque aponta para o resgate e a valorização na escola da literatura brasileira produzida no

Espírito Santo e traz para sala de aula a produção peculiar de leitura, de textos orais e escritos (regional/ local/ vivencial), oportunizando o fortalecimento de vozes sociais envoltas desses cordéis que trazem em si a cultura do nosso estado.

Notamos que quando as aulas de língua portuguesa trabalham o texto, enquanto objeto de aprendizagem e em uma perspectiva dialógica de ensino, potencializam a formação de sujeitos de discurso: capazes de escrever de acordo com a situação comunicativa vigente, de conseguirem ler o mundo e o analisá-lo por meio dos enunciados concretos; pois vida é penetrada por meio da linguagem e esta possui o caráter constitutivo do sujeito.

Destacamos ainda que, a sugestão de trabalho pedagógico com literatura de cordel capixaba aqui presente não visa “cordelizar” o trabalho com a língua nas aulas de português – estaríamos, inclusive, contrariando a proposta dialógica / dinâmica / viva que até aqui defendemos. Não desejamos criar cordelistas capixabas durante as aulas de leitura e escrita embasadas nos folhetos de cordel produzidos no Espírito Santo, mas contribuir para a formação de sujeitos de discurso que reconhecem e valorizam essa autoria.

Ao término deste trabalho reconhecemos a relevância do Mestrado Profissional em Letras, pois a partir da prática pedagógica aqui explicitada o professor-pesquisador pôde mover um olhar que excede ao seu recorte de pesquisa ao atentar-se às estruturas escolares, ao pensamento curricular vigente e ao ensino dessa literatura de caráter popular que é o cordel e à autoria capixaba nas aulas de língua portuguesa das escolas do Espírito Santo. E o Programa ao nos orientar a produzir um produto educacional, em nosso caso um caderno pedagógico digital (e-book), oriundo desses procedimentos de pesquisa-ação, poderá contribuir para o fomento do trabalho com a autoria capixaba e, ainda, que poderá valorizar o contexto sociocultural em que esses colégios estão inseridos – além de mostrar nas escolas a literatura de poetas e cordelistas vernáculos que pouco, ou quase nunca, adentram aos educandários capixabas.

Sendo assim, estas “considerações finais” podem (e devem) ser continuadas, porque a pesquisa em si nos mostra que existe a possibilidade de movimentação pedagógica por meio das relações dialógicas de se fazer um trabalho potente com leitura e produção de textos envolvendo a literatura de cordel espírito-santense, porém o nosso objeto de pesquisa não foi esgotado, pois acreditamos que existem outros autores e autoras que fizeram, e ainda fazem, cordel capixaba e essas vozes merecem ser salientadas e ecoadas nas aulas de língua portuguesa. Ainda se tratando de cordel feito no Espírito santo, outros procedimentos pedagógicos podem ser elaborados e aplicados em outros contextos concretos de produção de conhecimento, porque a escola é um inesgotável campo de produção de dados.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memoriais de formação:** a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio-ago. 2011.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALCÂNTARA, Regina Godinho de; STIEG, Vanildo. “O que quer” A Base Nacional Comum no Brasil: O componente curricular Língua Portuguesa em questão. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf.** ISSN: 2446-8576 / e-ISSN: 2446-8584. Vitória, ES, v. 1, n. 3, p. 119-141, jan./jul. 2016.

A poesia por um fio. Disponível em: <<https://sesc-es.com.br/event/poesia-por-um-fio/>>. Acesso em 13 de set. de 2020.

_____. O percurso histórico do ensino de Língua Portuguesa e os documentos oficiais: Da Lei 5692/71 à Base Nacional. **Revista de Estudos de Cultura**, nº 7, jan./abr. 2017

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. **Estética da criação verbal.** Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do Romance. Editora Hucitec. São Paulo, 2002.

_____. (Volochinov). **Marxismo e filosofia de linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência de linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2ª Edição São Paulo: Editora 34, 2018.

Blog do cordelista Agnalberth. Disponível em: < <http://agnalberth.blogspot.com/> >. Acesso em 13 de set. de 2020.

BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin e o círculo.** São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Bakhtin, dialogismo e construção dos sentidos.** São Paulo: Unicamp, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença.** Disponível em: < <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 04 de jan. de 2021.

BRASIL. Secretaria de Estado da Educação (Sedu-ES). **Plano de retorno às aulas presenciais da Rede Pública Estadual de Ensino do Espírito Santo**. 2020.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA** (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), n. 65, p. 42-44, 2012. Disponível em: < <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf> > Acesso em: 11 set. 2019.

BOBBIO, Kátia. **O Convento da Penha em Cordel** [Folheto de cordel]. Vila Velha: Governo do Espírito Santo, [20--]. 8 p.

BONFIM, Renata. **Teodorico Boa Morte, um trovador capixaba**. Letra & fel, Vitória /ES, 03 de set de 2012. Disponível em: < <http://www.letraefel.com/2012/09/teodorico-boa-morte-um-trocador-capixaba.html> > Acesso em: 20 out. 2019.

BORGES, Clério José. **O Vampiro Lobisomem de Jacaraípe** [Folheto de cordel]. Serra: Edição do CTC – Clube dos Trovadores Capixabas, [2005]. 8 p.

BORGES, J. Francisco. **Dicionário dos sonhos e outras histórias de cordel** / José Francisco Borges. Porto Alegre: L&PM, 2003.

BRUIM, Alécio de. **Rubem Braga em literatura de cordel** [Folheto de cordel]. Cachoeiro de Itapemirim, 2014. 32p.

Bubnova, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. **Revista Conexão Letras**. 8.10 (2013).

CAMPOS, Ducinéia; SOUZA, Neuza Balbina; STIEG; Vanildo. **Dialogismo e Polifonia**. Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educação Vitória v. 17 n. 1 Jan./Jun. 2011.

CARVALHO. Letícia Queiroz de. Dialogismo e literatura: contribuições para o leitor crítico na educação básica. **PERCursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 8 n. 19, 2018. Dossiê- O dialogismo nos estudos contemporâneos da linguagem. ISSN: 2236-2592.

CATERINQUE, Cláudio. **Homenagem a Cesar Domiciano em festival de dança na noite desta sexta-feira na FVC**. TC online. São Mateus /ES, 04 de jul de 2019. Disponível em: < <https://tconline.com.br/homenagem-a-cesar-domiciano-em-festival-de-danca-na-noite-desta-sexta-feira-na-fvc/> > Acesso em: 20 out. 2019.

Clério José Borges de Sant'Anna (1950). Disponível em: < <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2009/11/15/clerio-jose-borges-de-santanna-1950/> >. Acesso em 13 de set. de 2020.

Cordel com sotaque capixaba. Caderno Dois: Revista de Cultura do Diário Oficial do Espírito Santo. Ano V, nº 29, Vitória-ES, Setembro de 2015, bimestral.

Cordelista de S. Pedro. Revista IJSN. Ano VI - nº1. Vitória (ES). Jan/Mar. 1987

COSTA, Josivânia da Silva Santos. **Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Fundação Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, 2018.

Covid nas escolas: 183 alunos e 465 profissionais infectados.

<<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/alunos-e--profissionais-infectados-por-covid-apos-volta-as-aulas-confira-panorama-de-cada-rede-11-20>>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

DEUS, Dina de; DANTAS, Paulo. **Literatura de Cordel** – Volume 1 – Antologia. Global Editora e Distribuidora LTDA, 1976.

ENGEL, Irineu Guido. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. Leitura e produção: Editora Ánglo, 2012.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/587/661>> Acesso em: 01 jan. 2019.

História da Academia da ABCL. Disponível em <<http://www.ablc.com.br/a-ablc/historia/>>. Acesso em: 13 de set. de 2020.

História de Paulino Leite. Disponível em: <

<http://blogdajoseiteixeirafialho.blogspot.com/2017/06/historia-de-paulino-leite.html>> Acesso em: 10 fev. 2020.

JACINTHO, André Luiz Neves. **Leitura poética de Vitória na obra de Elmo Elton**. 2018. 175f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades) – Programa de Pós-graduação de Ensino em Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

_____. (Org.) **O poeta da cidade: Elmo Elton: vida e obra**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual: Retrospecto e Perspectivas**. Editora Contexto, 1997.

LEITE, PAULINO. **Ecoporanga e suas raízes**. Vitória: Edit, 2004.

LÚCIO, Ana Cristina Marinho; PINHEIRO, Helder. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

LOPES, Claudiane Martins de Souza. **O ensino de leitura do gênero cordel na perspectiva interacionista sociodiscursiva**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2019.

Macromundo. Disponível em: <<http://wladimircaze.blogspot.com/>>. Acesso em 13 de set. de 2020.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

NEVES, Reinaldo Santos. **Mapa da literatura feita no Espírito Santo.** 2. ed. – Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. Série Estação Capixaba, v. 20.

MOREIRA, Tatiana Aparecida. **Cordel: o olhar de outrem.** In: VI Siget – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais.

PENA, Victor Augusto Lage. **Os posseiros de Cotaxé e o Movimento Udelinista: conflitos de representação.** 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** Parábola Editorial, 2018.

_____. PINHEIRO, Hélder. **Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos.** O preço do jumento: poesia em contexto de ensino. Campina Grande: Bagagem, p. 149-159, 2020.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. **O cordel do Brasil e o cordel de Portugal: possíveis diálogos.** Solettras, n. 18, p. 117-132, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente.** Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 521-539, 2005.

RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura para sala de aula.** Editora Vozes Limitadas, 2012.

RIBEIRO. Francisco Aurelio. **A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica.** Vitória: Nemar, 1996.

RIBEIRO, Roney Jesus. **O ensino da literatura do Espírito Santo e o Currículo Básico das Escolas Capixabas.** In: SILVA, Alacir de Araújo et al.. (org.). Escola e liberdade: Anais do XI Seminário de Pesquisa e Prática Pedagógica Saberes. Vila Velha/ES, 2017.

_____. **O CBEE-ES e o ensino de literatura na escola capixaba.** In: Maria Amélia Dalvi et al... (org.). Literatura e educação: Contextos, tensões e práticas. Campos de Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2019.

_____. A leitura e o ensino de literatura do Espírito Santo no Ensino Médio: Tensões e divergências. **Revista Científica UMC.** Mogi das Cruzes, V.2, N.2, agosto, 2017.

ROCHA, J.S. **A Base Nacional Comum (BNCC): ensino de língua e política linguística.** Orientadora: Djane Antonucci Correa. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

SEVERO, David Ferreira. **Experiência didática com poesia popular no Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado Profissional Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades) – Universidade Federal de Alagoas. Alagoas, 2018.

SILVA, João Melquíades Ferreira da. **O pavão misterioso**. Disponível em: <
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5388 > . Acesso em: 08 fev. 2020.

SIVA, A. V. U. S. da. **A literatura de cordel como prática motivadora da leitura e da escrita em sala de aula**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Guaranhuns, Guaranhuns, Pernambuco.

SANTOS, Ênia Ramalho dos. **Literatura de cordel e identidade cultural: uma proposta para o letramento literário com folhetos de Leandro de Barros**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do estado do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, 2018.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. 5 ed, Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

SOUZA, Luana Rafaela dos Santos de; PASSOS, Orientadora Virginia de Oliveira Alves. Literatura de cordel: Um recurso pedagógico. **Revista Científica da FASETE**, p. 75, 2018.

SOUZA. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/ Volochinov/ Medvedev**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(ESTUDANTES)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTES)

Eu, _____, de número de CPF _____, responsável pelo estudante(a) _____, autorizo a sua participação educando na pesquisa **O CORDEL CAPIXABA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA** – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, campus Vitória, conduzida pelo pesquisador Rodrigo dos Santos Dantas da Silva e orientada pelo Professor Doutor Vanildo Stieg a qual será realizada via Meet e nas dependências da EEEFM “Francelina Carneiro Setúbal”. Entendo que, nesta pesquisa o estudante irá realizar atividades com o objetivo de produção dados para a referida.

Sei que poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail ética.pesquisa@ifes.edu.br ou pelo telefone (27) 33577518, bem como com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória ou pelo telefone (27) 3331-2247.

Também tenho ciência que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o estudante, para a escola e para a sociedade. Sei também que há garantia de que as informações e o uso de imagens (caso necessário) desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do estudante.

Vila Velha -ES, ____ de _____ de 2020.

Assinatura do Participante

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PROFESSORES)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORES)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa **O CORDEL CAPIXABA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA** – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, do campus Vitória”, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo dos Santos Dantas da Silva. Sua participação é voluntária e se dará remotamente, via e-mail. Se aceitar participar, contribuirá com a produção de conhecimentos e, de igual modo, com a elaboração de um material educativo que tem como objetivo apresentar as potencialidades do trabalho a ser desenvolvido, de modo a inspirar outros professores, contribuindo, assim, com o ensino de Língua Materna nas escolas de Educação Básica. Após a finalização de tal material ele será apresentado a outros estudantes e professores do Ifes – campus Vitória.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória, pelo telefone (27) 3331-2247.

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____, fui informado(a) sobre o trabalho que o pesquisador necessita realizar e, por isso entendo da importância de minha colaboração. Assim, estou de acordo em participar do projeto de pesquisa, no que for necessário, entendendo que não terei nenhum tipo de remuneração. Entendi, também, que posso me afastar e não participar da pesquisa em andamento, caso seja necessário. Este documento é emitido em duas vias que serão assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Vila Velha, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do Participante

APÊNDICE C – REGISTROS DAS RODAS DE LEITURA ON-LINE

The screenshot shows a Google Meet interface. The main content is a presentation slide with a dark background. At the top left, it says "Você está apresentando" (You are presenting). In the center is a circular video thumbnail of Rodrigo Dantas. Below the thumbnail, the text reads "Apresentação (Rodrigo Dantas)". To the right, a sidebar titled "Detalhes da reunião" (Meeting details) shows a list of 10 participants: Rodrigo Dantas (you), ADRIELI VITORIA TERRA CHAGAS, ANA LUIZA CASTRO DE PAULA CARV..., Gabriel Souza, JOAO VICTOR COSTA NASCIMENTO, JÚLIA BREMER VIEIRA, JÚLIA FERNANDA FERREIRA DE ALM..., and JULIA ONOFRIO CORRÊA. The bottom of the screen shows a Windows taskbar with various application icons and a search bar.

The screenshot shows a Google Meet gallery view with a dark background. The top right corner displays the time as 14:25 and the name "Você". The gallery consists of several circular video thumbnails of participants. The names of the participants are listed below their thumbnails: ADRIELI VITORIA TERRA CHAGAS, JULIA ONOFRIO CORRÊA, JÚLIA FERNANDA FERREIRA DE ALMEIDA, Gabriel Souza, JÚLIA BREMER VIEIRA, GUILHERME DE SOUZA LEITE, GIULIA ELLEN DE PAULA COUTINHO, and ANA LUIZA CASTRO DE PAULA CARVALHO. The browser address bar at the top shows the URL: meet.google.com/wyh-wrmm-twa?authuser=1&hl=pt-BR.

APÊNDICE D – ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTO POSTADA NA
PLATAFORMA ESCOLAR



EEEFM “FRANCELINA CARNEIRO SETÚBAL”

Av. Santa Leopoldina, Nº 100 – Coqueiral de Itaparica
Vila Velha – Espírito Santo - CEP 29.102.040

LÍNGUA PORTUGUESA – RODRIGO DANTAS



Aluno(a):

Turma: 8º ANO

Data:

Observações:

Atividade Pedagógica Não Presencial devido à pandemia de COVID-19.

ATIVIDADES REFERENTES AOS VÍDEOS E DISCUSSÕES NO MEET:

Literatura de cordel no Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=BFrSDRDqrkE&t=66s>

Literatura de cordel produzida no Espírito Santo: https://www.youtube.com/watch?v=PyGAQ6_88Mk&t=14s

1) Leitura complementar: Apontamentos sobre a Literatura de Cordel

- Poesia popular;
- De uma perspectiva oral;
- Impressa em folhetos;
- Inicialmente eram vendidos em cordas nas feiras;
- Poemas escritos em rima e, geralmente em sextilhas (estrofes de seis versos);
- O poeta que escreve cordel é chamado de cordelista;
- Qualquer assunto pode virar cordel: lendas, episódios históricos, situações cotidianas, temas religiosos/ políticos, denúncias sociais;
- Tem sua origem lusitana, é uma manifestação cultural brasileira muito forte no Nordeste, no entanto, pode ser encontrada em várias partes do país.

Nós podemos encontrar cordéis organizados em quadras, sextilhas e septilhas. A mais conhecida é a sextilha, uma estrofe de seis versos, sendo que destes, os versos pares rimam:

<i>O</i>	<i>lei</i>	<i><u>TOR</u></i>	<i>vai</i>	<i>en</i>	<i>con</i>	<i><u>TRAR</u></i>
1	2	3	4	5	6	7

<i>Em</i>	<i>vez</i>	<i>de</i>	<i><u>RO</u></i>	<i>sas</i>	<i>es</i>	<i><u>PI-[nhos]</u></i>
1	2	3	4	5	6	7

Uso de metáforas: A metáfora é uma Figura de estilo (ou de linguagem) muito usada em cordéis. A metáfora é um jogo de palavras, as quais promovem uma comparação implícita, ou seja, potencializam um sentido figurado, contrário ao seu sentido do dicionário.

Exemplos:

- Ele me encarou e seu olhar era pedra.
- A mocinha é uma flor.

As capas dos cordéis, geralmente, são ilustradas com **Xilogravura**, que consiste em uma técnica de impressão muito antiga para se reproduzir uma gravura, a qual se utiliza uma madeira como matriz, possibilitando a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. Esse processo é muito parecido com o carimbo.



2) Leia um fragmento do cordel “O pavão misterioso”, de João Melquíades Ferreira:

—Mora aqui nesta cidade
 um conde muito valente
 mais soberto do que Nero
 pai duma filha somente
 é a moça mais bonita
 que há no tempo presente

— É a moça que eu falo
 filha do tal potentado
 o pai tem ela escondida
 em um quarto do sobrado
 chama-se Creusa e criou-se
 sem nunca ter passeado

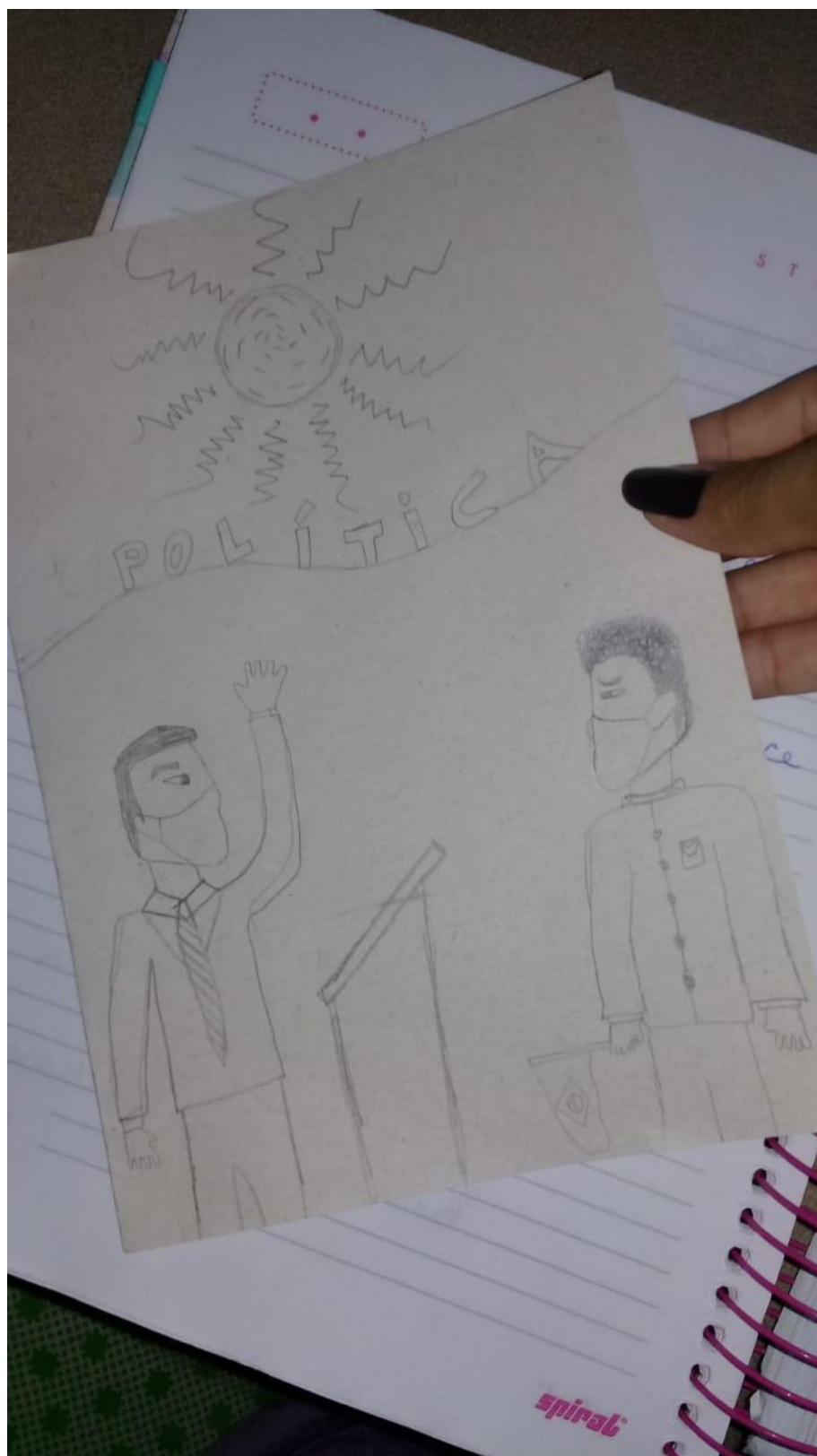
3) Laboratório de Produção Textual:

A partir das discussões feitas via Meet sobre literatura regionalista (literatura de cordel e cultura popular da região), bem como as informações assistidas em vídeo:

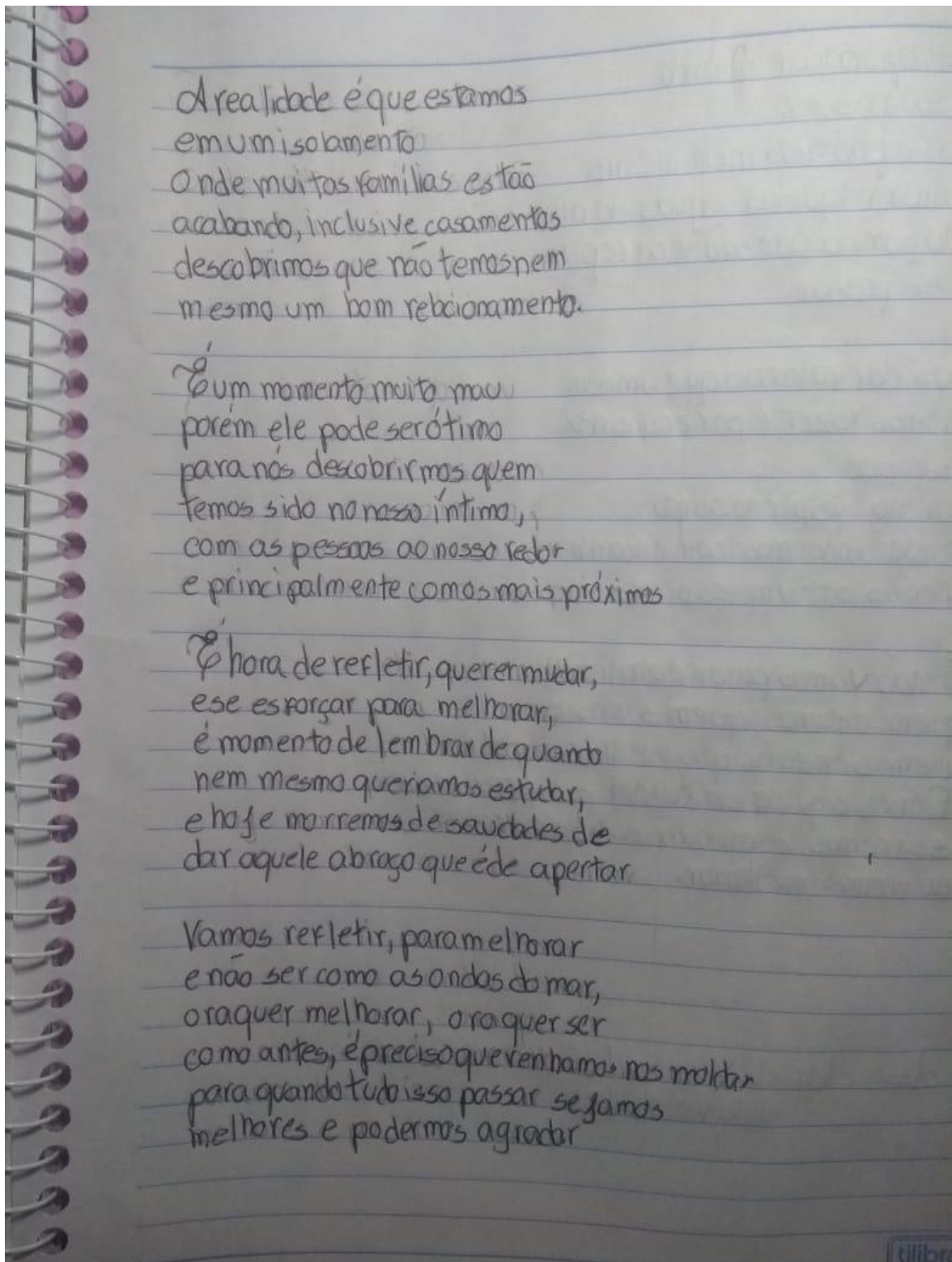
- Produzir, individualmente, um texto literário que se enquadre nas características cordelistas (regionalismo, narrativa com rimas, humor e metáforas);
- Utilizar como temática da sua poesia em cordel temas do dia a dia (coronavírus, bullying, uso excessivo das redes sociais...) e pertinentes à cultura do Espírito Santo (o seu bairro, um capixaba importante, nossas praias ou monumentos históricos);
- Utilizar variações linguísticas da cultura capixaba: massa, pocar, taruíra, ir para o rock, gastura, dentre outras;
- Tentar produzir uma ilustração que se assemelhe à técnica da xilogravura (pode ser feita apenas com lápis preto ou lápis de olho e não há a necessidade de colorir.
- Seu cordel precisa ter 08 estrofes com 06 versos cada uma (lembre-se, as rimas pares podem rimar!).

Mãos à obra!

APÊNDICE E – ILUSTRAÇÃO DE ESTUDANTE PARA SUA PRODUÇÃO



APÊNDICE F – RASCUNHO DE “CORONAVÍRUS EM CORDEL”



Depois vamos pocar quando
tudo isso passar.
Hoje não podemos nem mesmo
mergulhar naquelas águas do mar
de Itaparica que são de arrear
mas vai passar.

Vamos dar valor ao que um dia
podemos fazer, e por enquanto
não se pode.

Aqui no Espírito Santo
quando andarmos com encanto
teremos até um espanto.

Então vamos parar e analisar,
quem éramos, quem somos e
quem seremos quando tudo acabar.

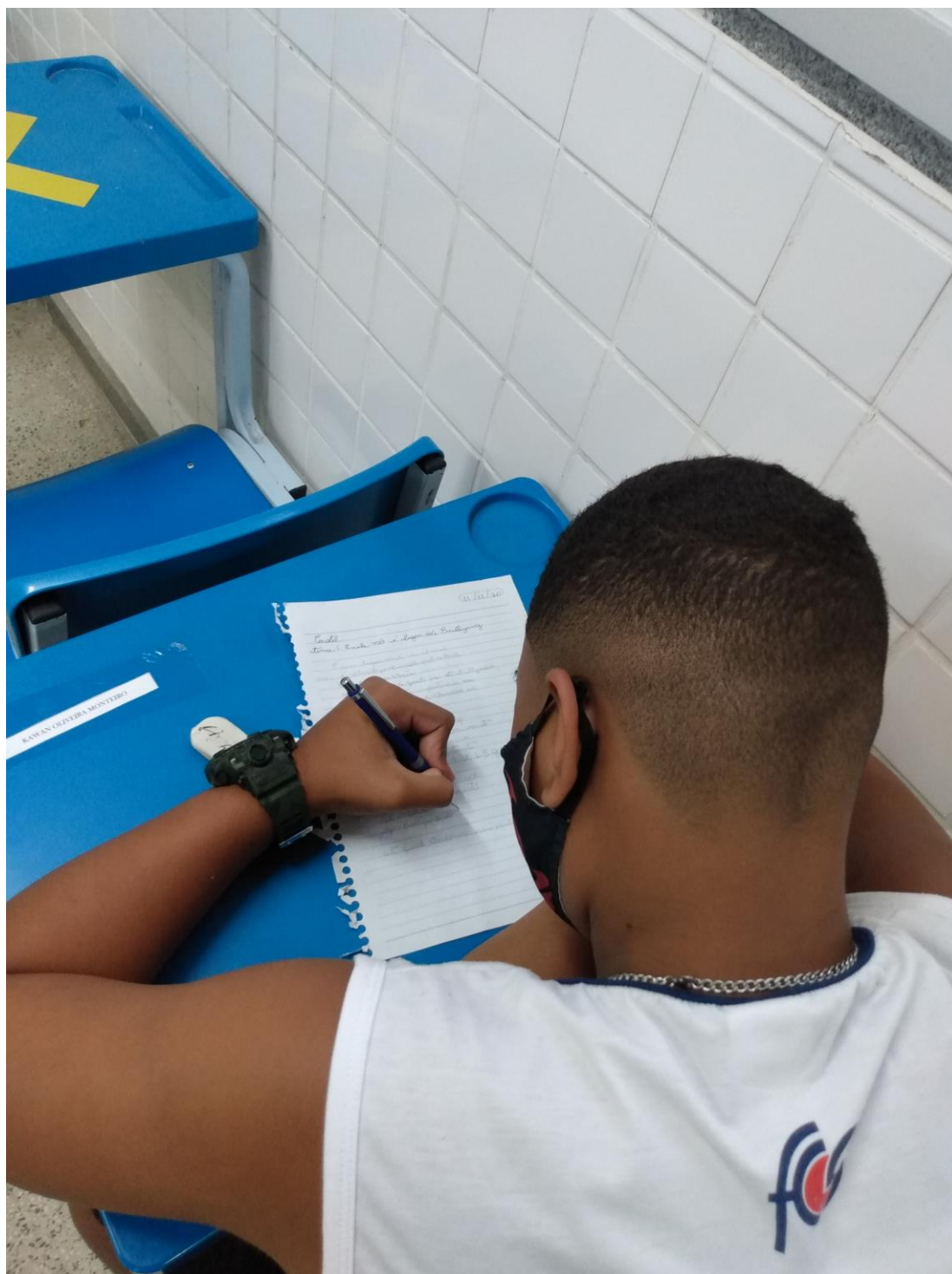
Deixo aqui esse cordel para pensarmos
se iremos continuar a reclamar
ou iremos melhorar?

Ass: Adrieli Vitória / 15 setembro 2020
Vila Velha / ES

APÊNDICE G – MOMENTO PRESENCIAL DE PRODUÇÃO DE TEXTO



APÊNDICE H – PRODUÇÃO PRESENCIAL DE LITERATURA DE CORDEL.



APÊNDICE I – RASCUNHO DE PRODUÇÃO DE TEXTO

Um cordel para conceição do Barro
 Vamos falar sobre Conceição do Barro
 Uma cidade muito bela
 Com várias coisas para se divertir
 Eu fui apaixonado por ela
 Onde turistas vem em visita
 Só que infelizmente vetti para vila velha.

Terra onde as pessoas se divertem do pescar
 Lá há um restaurante no quique do Kaigue
 Era um lugar muito bonito
 Um lugar muito chique
 Mas devido uma tragédia
 ficamos todos tristes

Terra de várias pessoas formou
 Bernadete Lyra e Waldyso
 Bernadete Lyra é escritora e poeta
 E o meu fala "O, a copa deidão"
 De lá também Katia Beltrão
 Adibegão, artista e poeta de cordel.

O melhor momento de conceição do Barro
 É o carnaval
 O "Boguê é deido"
 É surreal
 O melhor do Estado
 Era momentos...

um lugar de muitas festas
 um lugar com muita alegria
 comendo da barra e muito bem
 a melhor lanchonete de Belo Horizonte
 com a simplicidade que todo

Estudava em uma escola chamada Nova Escola.
 Uma escola muito boa.
 Lá tive meus amigos
 irmãos e conhecidos.
 Não sei dizer que
 a educação de Belo Horizonte foi esquecida

APÊNDICE J – CAPA DO PRODUTO EDUCACIONAL



APÊNDICE K – VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL VIA E-MAIL.

ANDRESSA SANTOS TAKAO

seg., 1 de fev. 20:49 ☆ ↶ ⋮

para mim ▾

Caro Rodrigo, boa noite. Abaixo envio minhas considerações como solicitado.

O material apresentado é muito rico e traz uma nova abordagem sobre as concepções educacionais do gênero Cordel. A partir do conceito de dialogismo presente nos estudos Bakhtinianos, o pesquisador Rodrigo Dantas, nos leva em direção à Literatura produzida no ES sob o prisma do cordel, retirando as limitações conceituais que encontramos inclusive em livros didáticos. A obra é inovadora e se alinha perfeitamente com turmas do Ensino Médio apesar de estar focada nas turmas do Ensino Fundamental. Em suma, acredito que o material tem grande potencial e deve ser não apenas utilizado em sala de aula, mas também como material de estudos de nossos colegas professores e professoras.

**raquel pessin pizetta**

seg., 1 de fev. 19:28 ☆ ↶

para mim ▾

Boa noite, professor Rodrigo Dantas!!

Diante da análise do material e levando em consideração o gênero literatura de cordel o qual gosto muito de trabalhar com meus alunos, acredito que devemos levar sempre para a sala de aula, pois é possível através do mesmo, mostrar a cultura popular brasileira em versos, além de podermos analisar obras de autoria capixaba que também é muito importante, porque faz parte dos nossos conteúdos de Língua Portuguesa.

Além disso, as produções ficaram jóias, o material é bem propício para o ensino fundamental, podendo sim, ser trabalhado no ensino médio.

Abraços,

Raquel Pessin Pizetta

**Aline Suave Nunes**

dom., 7 de fev. 18:33 (há 13 dias) ☆ ↶ ⋮

para mim ▾

O manual pedagógico aqui apresentado será muito útil para o trabalho em sala de aula nas escolas do Espírito Santo, visto que até o momento não conhecia nenhum livro com esse tipo de proposta. Já trabalhei com cordel em sala de aula, mas nunca trabalhei com cordéis de autores capixabas. Particularmente, gosto muito de trabalhar com esse gênero, pois o cordel é muito rico: sua linguagem, sua musicalidade e seus temas inspirados no cotidiano instigam o interesse do aluno e possibilitam a identificação do mesmo com o texto. O cordel possibilita um trabalho interdisciplinar e mostra aos alunos que eles também podem fazer literatura. É isto que o e-book *E aí, no Espírito Santo tem cordel?* reforça para nós, educadores, e para os estudantes. As propostas de atividade são viáveis e interessantes; o registro de cordéis produzidos pelos alunos são a prova de que os estudantes são capazes de desenvolver a criatividade quando estimulados de modo adequado, sem deixar de lado sua pluralidade social e cultural.

Att,

Aline Suave Nunes

Professora de Língua Portuguesa - SEDU/ES